



Sara Filipa Silveira Pinheiro

ESPAÇO ABERTO: SENTIDOS DE UM PROJECTO SÓCIO-EDUCATIVO NUM CONTEXTO DESPORTIVO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
2010

Sara Filipa Silveira Pinheiro

**Espaço Aberto: sentidos de um projecto sócio-educativo num
contexto desportivo**

Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, realizada
sob orientação da Professora Doutora Sofia Marques da Silva.

Resumo

O estágio que neste relatório é objecto de reflexão desenvolveu-se entre Setembro de 2009 e Maio de 2010, na Escola de Futebol *Dragon Force*, pertencente ao FCP, sob a orientação local do Departamento Pedagógico da referida instituição. Este estágio surgiu da co-negociação entre o Clube, que pretendia a elaboração de um projecto sócio-educativo e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, que pretende criar espaços diversificados de interesse educativo para a formação dos/as seus/suas estudantes.

O projecto concebido no âmbito do estágio dirigiu-se às crianças e jovens, entre os 4 e os 14 anos, que frequentavam a Escola *Dragon Force* e que desejassem usufruir de um espaço de lazer. Pretendia-se, no âmbito mais alargado de uma educação para a cidadania, o estabelecimento de uma relação entre as suas vivências enquanto sujeitos, a Escola e o Mundo do Futebol. Este projecto tomou a forma física e simbólica na criação do *Espaço Aberto*. A designação *Espaço Aberto* identifica, deste modo, o projecto criado, coordenado, gerido e executado, no âmbito do estágio, e procura traduzir a versatilidade e flexibilidade que se idealizou para o projecto, numa lógica de educação não-formal, mas que efectuou desde sempre uma interligação com o mundo dos saberes escolares.

O projecto *Espaço Aberto* pretendia contribuir para a formação de crianças e jovens no âmbito da educação para a cidadania, da educação multicultural e do desenvolvimento pessoal e social. Considerando-se que numa lógica de educação emancipadora as crianças e jovens intervenientes são co-participantes do projecto, as estratégias de dinamização assentavam numa perspectiva construtiva e de debate, numa lógica de partilha, numa relação que se pretendia próxima e de confiança, tanto entre crianças e jovens, como entre nós e eles/as.

Em simultâneo, e no âmbito do trabalho desenvolvido no *Espaço Aberto*, a experiência de estágio evolui para uma nova experiência no âmbito do denominado Projecto *Bolsa de Mérito*, onde se realizou um trabalho de mediação socio-pedagógica. Apesar de todo o estágio ter presente a mediação sócio-educativa, neste projecto em particular a mediação evidenciou-se pelas características do próprio projecto. Este dirigiu-se aos jovens que constituíam as equipas de competição, sendo necessária a existência da mediação entre a Escola, os Jovens, as Famílias e o Clube, tendo como finalidade essencial o sucesso educativo. O estágio, as experiências que dele decorrem e as competências adquiridas são neste relatório objecto de análise, trazendo-se para a discussão e reflexão linhas teóricas emergentes e relatos empíricos que nos ajudam a repensar as linhas de acção que foram estruturantes desta experiência formativa no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação.

Résumé

Le stage que ce rapport est l'objet d'une réflexion a été développé entre Septembre 2009 et Mai 2010, à l'École de Football *Dragon Force* qui fait partie du FCP, sous l'orientation locale du Département Pédagogique de cette institution. Ce stage est venu de la coopération entre le Club, qui a demandé l'établissement d'un projet socio-éducatif et la Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, qui vise à créer divers domaines d'intérêt pour la formation de l'éducation que ses élèves.

Le projet conçu était à le stage destinées aux enfants et jeunes, entre 4 et 14 ans qui fréquentaient l'École *Dragon Force* et qui souhaitaient jouir d'un espace de loisirs. Il était prévu, un contexte d'une éducation plus large la citoyenneté, la création d'une relation entre leurs expériences en tant que sujets, l'École et le Monde du Football. Ce projet a pris forme dans la création physique et symbolique de l'*Espaço Aberto*. La désignation *Espaço Aberto* identifie ainsi le projet créé, coordonné, géré et exécuté, dans l'optique du stage, et tente de traduire la versatilité et flexibilité qui a été idéalisée pour le projet, dans une logique d'éducation non-formelle, mais qui a depuis toujours effectué une interconnexion entre le monde du savoir scolaires.

Le projet *Espaço Aberto* vise à aider les enfants et les jeunes au sein de l'éducation à la citoyenneté, l'éducation multiculturelle et le développement personnel et social. Considérant que dans une logique de l'éducation émancipatrice les enfants et les jeunes sont co-participants au projet, les stratégies de promotion ont été fondées dans une perspective constructive et de débat, dans une logique de partage, dans une relation qui se prévoyait proche et en confiance, autant entre les enfants et les jeunes, comme entre nous et eux.

Simultanément, au travail dans l'*Espaço Aberto*, l'expérience de stage se développe en une nouvelle expérience dans le cadre du projet nommé des *Bolsa de Mérito*, où il a mené une étude de la médiation socio-pédagogique. Malgré le fait que tout le stage soit fondé sur la médiation socio-éducative, dans ce projet en particulier, cette médiation est devenue claire de par les caractéristiques du projet en lui-même. Celui-ci était dirigé aux jeunes qui constituaient les équipes de compétition, la médiation entre l'École, les Jeunes, les Familles et le Club étant nécessaire et l'objectif final essentiel étant le succès éducatif. Le stage, les expériences qui en découlent et les compétences acquises sont, dans ce rapport sujet d'étude, ce qui porte la discussion et la réflexion des lignes théoriques émergents et rapports empiriques qui nous aident à repenser les lignes d'action qui ont été structuration de cette expérience formatrice dans Maîtrise en *Ciências da Educação*.

Abstract

The work that is subject to debate was developed between September 2009 and May 2010 in the Football School *Dragon Force* which is part of the FCP, and under the guidance of local Pedagogical Department of that institution. This work came from the co-trading between the Club, which sought the establishment of a socio-educational project and the *Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação*, which aims to create diverse areas of interest for the training of educational his/her students.

The project is directed at children and young people, between 4 and 14 years who attended the School *Dragon Force* and wanted to enjoy a leisure space. It was intended, as part of a wider citizenship education, the establishment of a relationship between their experiences as subjects, the School and the Football World. This project took a physical and symbolic shape in creation of the *Espaço Aberto*. The designation *Espaço Aberto* identifies the project created, coordinated, managed, implemented and tries to translate the versatility and flexibility that is envisioned for the project, a logic of non-formal education, but it made always as a interconnection with the world of scholarly knowledge.

The *Espaço Aberto* project intended to help train children and young people within the citizenship education, multicultural education and personal and social development. Considering that, a logic of emancipatory education children and young actors are co-participants in the project, strategies for promotion were based in a constructive debate and, in a logic of a relationship that was intended to be close and reliable, both between children and youth, as between us and them.

Simultaneously, as part of their work in the *Espaço Aberto*, this work evolves to a new experience named *Bolsa de Mérito*, where was conducted a study of socio-pedagogical mediation.

Despite all the work bear in mind the socio-educational mediation, in this particular project the mediation was evidenced by the characteristics of the project.

This addressed the youths who were the competition teams, requiring the existence of mediation between the School, Youth, Families and the Club, with the essential purpose of educational success. The experiences that flow from it and the skills acquired in this report are under review, bringing up for discussion and reflection lines emerging theoretical and empirical reports that help us to rethink the lines of action that have been structuring this formative experience as part of the Master's in *Ciências da Educação*.

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer à minha companheira de estágio, a Daniela, sem ela este projecto não seria certamente o mesmo. Quero agradecer-lhe todo o apoio, ajuda e companheirismo, que estiveram sempre presentes no nosso trabalho, com a Daniela tudo se tornou mais real.

Quero também dar um muitíssimo obrigada à orientadora Professora Sofia Marques da Silva. A sua dedicação incansável, a orientação que esteve sempre presente, em qualquer dia, em qualquer hora... Hoje compreendo que um/a professor/a pode em muito contribuir para a motivação do/a seu/sua orientando/a e foi a Professora Sofia que me ensinou também isso. À professora devo um profundo agradecimento!

Não poderia deixar de agradecer ao Departamento Pedagógico do FCP, no geral. Em particular ao Dr. Ângelo Santos pela sua estima, sensibilidade, compreensão e profissionalismo. Foi com o Dr. Ângelo que aprendi valores e princípios fundamentais, enquanto pessoa e profissional! À Joana Pinto, por estar sempre disponível, pela compreensão e pela ajuda contínua para que as Ciências da Educação pudessem adquirir sentido num contexto desportivo.

Obrigada a ambos por me terem ajudado a encontrar o meu lugar, enquanto profissional. Com vocês aprendi “coisas” que não se esquecem...

Também devo um grande obrigada à E.F. *Dragon Force*, a todos que tornam aquela escola, uma Escola real. Agradeço ao Dr. Miguel Lopes pelo acolhimento e o acompanhamento sempre constantes. Obrigada pela disponibilidade para escutar atentamente as necessidades, as ideias e ideais. Devo um obrigada ao Dr. Ricardo Ramos pela hospitalidade e pelo modo como colaborou na minha inserção no terreno.

Agradeço ao FCP e a todos/as os/as que permitiram a realização deste estágio. Obrigada pelos vossos contributos, sabedoria e atenção!

Obrigada à minha Mãe, pois é graças a ela que estou aqui a construir este relatório. Obrigada Mãe por todos os sentidos, valores e caminhos que me ensinaste...

Obrigada também ao Hugo e à Laura por todo o apoio que me deram para que apostasse no mestrado. Sem a vossa força, tudo seria muito mais difícil.

Agradeço ao Jorge, por todas as palavras, gestos e carinhos... Pelo sentido de humor que sempre suavizou o que aos meus olhos parecia mais um obstáculo. Obrigada pela cumplicidade no olhar, obrigada por acreditares que eu era capaz! Obrigada simplesmente por estares presente...

Obrigada a todos/as os/as meus/minhas amigos/as que aqui não referi, mas que sabem que estão comigo e o quão foi importante o vosso apoio e paciência para que este trabalho se tornasse real!

Abreviaturas

F.C.P. – Futebol Clube do Porto

E. F. *Dragon Force* – Escola de Futebol *Dragon Force*

E.F.D.F. – Escola de Futebol *Dragon Force*

D.F. – *Dragon Force*

TPC – Trabalhos para casa

Índice

Resumo.....	1
Résumé.....	2
Abstract	3
Agradecimentos.....	4
Abreviaturas	6
Introdução	11
Parte I. Caracterização do Contexto.....	17
1.1.Instituição Futebol Clube do Porto e Departamento Pedagógico	18
1.2.Escola de Futebol <i>Dragon Force</i>	20
Parte II. Construção de uma Problemática de Intervenção Educativa em Contexto Desportivo	26
A produção da problemática da intervenção e diálogos com o domínio de <i>Currículo, Escola e Gestão Educacional</i>	27
Parte III. Mediação Sócio-Educativa: o desenvolvimento de um Projecto de Estágio em Ciências da Educação	32
3.1. Os sentidos de um projecto de intervenção em contexto desportivo	33
3.1.1. Como surge o nome <i>Espaço Aberto</i> ?	34
3.1.2. Organização do <i>Espaço Aberto</i>	37
3.1.3. Quem frequenta o <i>Espaço Aberto</i> ?	40
3.2. O projecto <i>Espaço Aberto</i> : o desenvolvimento de uma acção	42
3.2.1. A planificação do Projecto: escutar os/as Jovens, traduzir em Acções.....	43
3.2.2. Acções Educativas Desenvolvidas no <i>Espaço Aberto</i>	46
<i>Espaço Aberto</i> : Criar Identidade, Criar Identificação.....	47
Espreitar a Escola através da <i>Dragon Force</i>	50
O Mundo do Futebol	53

A Família no Natal	55
Resolução de Conflitos	56
Sexualidade: a visão dos sentimentos	58
Educação Ambiental	60
Saberes Escolares: à procura de um sentido	61
O Mundo Virtual	63
Projectar-se no Futuro	63
 3.3. Projecto <i>Bolsa de Mérito</i> : uma estratégia de Mediação Sócio-Pedagógica	65
3.3.1. Projecto <i>Bolsa de Mérito</i> : contextualização no presente	65
3.3.2. Aspectos particulares da Mediação Sócio-Pedagógica	66
3.3.3. Desenvolvimento do processo de Mediação Sócio-Pedagógica entre Jovens, Escola e Famílias	67
3.3.4. Legitimidade do papel de Mediadora Sócio-Educativa	72
3.3.5. Balanço da acção desenvolvida.....	75
 3.4. Organização de actividades para os Campos de Férias	76
 Parte IV. Natureza da Intervenção e da Participação	79
4.1. Natureza da participação no desenvolvimento do projecto de intervenção	81
4.2. Trabalho desenvolvido ao nível da investigação e concepção de projectos	81
4.3. Trabalho desenvolvido ao nível da coordenação e gestão do projecto	83
4.4. Trabalho desenvolvido ao nível da execução do projecto	84
4.4.1. Trabalho desenvolvido no âmbito das actividades educativas.....	84
4.4.2. Trabalho desenvolvido no âmbito da colaboração com outras figuras institucionais.....	85
4.4.3. Trabalho desenvolvido enquanto mediadora em âmbito escolar	86
4.4.4. Trabalho desenvolvido no âmbito do acompanhamento escolar	87
4.5. Trabalho desenvolvido no âmbito de monitorização e avaliação	88
 Parte V. Reflexões Teóricas e Metodológicas	90

5.1. Questões teóricas emergentes	91
5.1.1. Lugar do Desporto ao nível social	91
5.1.2. O papel educativo das instituições desportivas e a sua relação com a Escola	94
5.1.3. Relação entre a Escola e a Família.....	96
5.1.4. Lugar da Escola na vida das crianças e jovens	98
5.1.5. A necessidade de ocupação dos tempos livres das crianças e jovens	104
5.1.6. A educação para a cidadania	106
5.2. Reflexões sobre aspectos metodológicos ao nível de intervenção.....	109
5.2.1. A mediação sócio-pedagógica com os jovens.....	109
Reflexão final	111
Avaliação do projecto de estágio	112
Reanálise da problemática à luz do processo de estágio desenvolvido	114
Reflexão final acerca da pertinência dos/as profissionais em Ciências da Educação neste contexto	116
Contributos da experiência de estágio em contexto desportivo para a construção da profissionalidade em Ciências da Educação.....	117
Referências Bibliográficas	119

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Actividades preferidas das crianças e jovens do <i>Espaço Aberto</i>	44
Gráfico 2 - Dias temáticos preferidos das crianças e jovens do <i>Espaço Aberto</i>	45

Introdução

A formação inicial (1º ciclo) licenciatura em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto habilita os/as licenciados/as em Ciências da Educação a desempenhar funções enquanto Mediadores/as Sócio-Educativos/as e da Formação. No sentido de poder aprofundar conhecimentos, pensamentos críticos e construtivos e também de adquirir competências profissionais, existiu a possibilidade de, enquanto licenciada, frequentar o Mestrado em Ciências da Educação. Como está descrito no plano (início no ano lectivo 2008/2009) do Mestrado em Ciências da Educação existem quatro domínios distintos, nomeadamente, *Desenvolvimento Local e Formação de Adultos*, *Currículo, Escola e Gestão Educacional*, *Educação e Lazer* e *Educação e Diversidade Cultural*, sendo que, o domínio escolhido foi *Currículo, Escola e Gestão Educacional*. Dentro do domínio podia optar-se pela via científica ou pela via profissionalizante, sendo que se optou pela via profissionalizante. Deste modo, esta via foi concebida para realizar um estágio ao longo do segundo ano de mestrado, com apresentação de relatório/tese, em que se espera, adquirir competências determinadas não apenas pela formação pós-graduada em Ciências da Educação, como pelo que o Tratado de Bolonha estipula para o 2º ciclo.

Importa então referir que a formação específica do Mestrado em Ciências da Educação, inclusive da realização do estágio profissionalizante, pretende que os/as mestrandos/as adquiram como competências a capacidade de:

- Análise crítica de dispositivos, contextos e projectos sócio-educativos de educação formal e de educação não-formal e de actividades de natureza cultural e social;
- Concepção, gestão e avaliação de:
 - Projectos curriculares, sócio-educativos e/ou comunitários;
 - Programas de orientação psico e sócio-pedagógica nos contextos escolar e familiar;
 - Processos de intervenção educativa e formativa em contextos de institucionalização;
 - Processos de formação de professores, de outros agentes educativos e de educação de adultos;
- Intervenção no quadro de:
 - Situações e problemas educacionais e de formação identificados;
 - Desenvolvimento institucional e comunitário, no sentido da promoção da qualidade de dispositivos de educação/formação;
 - Consultoria ao desenvolvimento de iniciativas e políticas de educação/formação, nomeadamente no âmbito das cidades educadoras, da vida das escolas, da igualdade e diversidade, da protecção social, da produção e acesso à cultura, etc.

- Investigação em educação, em casos específicos, por referência a contextos de:
 - Educação formal e não-formal;
 - Natureza social, cultural, económica, da saúde, da justiça e outras, onde as dimensões educativa e formativa são determinantes¹.

Desta forma, e de acordo com a descrição do 2º ciclo, um/a mestre/a em Ciências da Educação adquire um perfil de gestor/a, avaliador/a, animador/a, consultor/a sócio-educativo e da formação.

Tendo em consideração o perfil que se pretende desenvolver de um/a Mestre/a em Ciências da Educação, interessa questionar o porquê de uma área das ciências sociais e humanas num contexto desportivo. O que se poderá fazer? Qual a importância da intervenção? Como se pode articular um contexto desportivo com a área da educação? Ao longo deste relatório justificar-se-á a pertinência e a articulação da educação com o contexto desportivo em questão.

O estágio realizou-se na Escola de Futebol *Dragon Force* que pertence à instituição Futebol Clube do Porto, tendo começado em Setembro de 2009 e terminou em Maio de 2010. Importa referir que a orientação científico-pedagógica local foi prestada pelo Departamento Pedagógico (Dr. Ângelo Santos – director pedagógico e Dr.^a Joana Pinto – mediadora sócio-educativa e da formação), sendo que este departamento se localiza na Casa do Dragão, tendo funções que são transversais ao local onde se situa. Para este estágio foram solicitadas duas estagiárias do Mestrado em Ciências da Educação, tendo sido opção da orientadora (Professora Sofia Marques Silva) ter escolhido estagiárias de domínios distintos, para uma maior complementaridade da intervenção e reflexão. Assim, se a área mais direccionada para a escola, para os seus conteúdos e para a mediação seria assegurada pelo domínio de *Currículo, Escola e Gestão Educacional*. O domínio de *Educação e Lazer* asseguraria a ligação à educação não-formal e às actividades de carácter extra-escolar, não se esquecendo contudo a existência de uma interligação entre os domínios, que permitiu um trabalho articulado, uma vez que o estágio se desenvolveu num contexto educativo não-formal e estes geralmente, não se regem por planos de estudo, mas por projectos. Como em qualquer projecto social, deve valorizar-se a participação de todos/as os/as envolvidos/as ao longo de todo o processo (Menezes, 2007), pois defende-se que a participação implica o estabelecimento de uma relação mais pessoal entre os/as educadores/as e os/as educandos/as.

¹ Informações retiradas on-line em

http://sigarra.up.pt/fpceup/cursos_geral.FormView?P_CUR_SIGLA=MCED, 11/07/2010.

Foi nesta lógica que se construíram dois projectos, com uma evolução temporal distinta. Assim, a nossa² intervenção consistiu na construção/ criação, execução e orientação de um projecto educativo, o qual se apelidou de Projecto *Espaço Aberto*. Este espaço é fisicamente uma sala “multiusos” que durante uma parte do dia seria usado para a finalidade, segundo os interesses do clube de “sala de estudo”. Contudo, como se ambicionou que aquele espaço representasse mais do que um espaço de acompanhamento escolar, optou-se pelo nome *Espaço Aberto*, que permitiu a concepção de objectivos educativos a atingir, junto das crianças e jovens. Esses objectivos seriam atingidos de um modo lúdico, com actividades e com a criatividade de quem o frequentava.

Posteriormente, surge um outro projecto para o qual fomos solicitadas e que consiste em mediar a relação entre a escola, as crianças e jovens e a *Dragon Force*, é o Projecto *Bolsa de Mérito* e é dirigido para as crianças e jovens que mais se destacam pelas suas qualidades futebolísticas e comportamentais. Apesar destas crianças e jovens terem sucesso na área do futebol, com este projecto pretende-se que a área educativa não seja esquecida, assim sendo, enquanto mediadoras sócio-educativas pode «desempenhar[-se] um papel fundamental na motivação para a aprendizagem e no estabelecimento de laços e pontes culturais entre a escola, as famílias» e o clube (Ramos, 2009:109).

Com a existência deste projecto pode compreender-se que a pertinência do domínio de *Currículo, Escola e Gestão Educacional* no contexto de estágio assentou também neste, sendo que se desenvolveu efectuando um contacto com as escolas, para que deste modo se pudesse acompanhar as crianças e jovens no seu percurso escolar, compreendendo quais as necessidades de cada um, assim como os aspectos mais positivos ou negativos do percurso escolar, pois «a mediação não pode ser considerada um produto, pois esta noção não tem lugar na dialéctica; ela aceita apenas a ideia de processo (...), na perspectiva da superação» (Almeida, Oliveira e Arnoni, 2007:102). Isto é, todo o acompanhamento prestado às crianças e jovens pretendia dar-lhes autonomia para conseguirem, com a família, superar os seus problemas ou dificuldades.

De facto, é de salientar que as questões educativas estão presentes em todos os contextos, sejam elas sob a forma de educação formal, não-formal e informal. A *Dragon Force* não é excepção, já que é um contexto em que as crianças e os/as jovens desenvolvem um conjunto de actividades importantes para a sua formação, não só a nível desportivo mas também a nível pessoal. As preocupações educativas têm vindo a ser crescentes neste clube

² A expressão *nós* será utilizada com regularidade ao longo deste relatório, pois o estágio foi realizado por duas estagiárias.

desportivo³, o que justifica também o pedido de colaboração efectuado pelo Clube. Visto as Ciências da Educação se preocuparem com as dimensões sócio-educativas em várias experiências e em vários contextos é muito importante serem uma das plataformas de trabalho neste contexto, pois irão possibilitar aos/às jovens um conjunto de vivências e experiências enriquecedoras dada a sua natureza articulada.

Demonstrar a pertinência do contexto de estágio e dos projectos para o domínio específico do Mestrado (*Currículo, Escola e Gestão Educacional*) permite compreender a influência que este contexto trouxe para a formação neste domínio, pois, apesar de não ser um contexto de educação formal, foi um contexto que se revelou não estar isolado da escola, ao mesmo tempo que a escola não se encontra despegada de outras áreas da educação. Se é verdade que os/as jovens fazem parte de diversos contextos com carácter educativo, é igualmente verdade e importante conhecer os diferentes contextos, de modo a que se possa compreender e conhecer a forma como os/as jovens pensam, agem e socializam, representando este conhecimento uma fonte crucial para que se adoptem estratégias de aproximação aos/às jovens e ao contexto que é, afinal, o mais valorizado pela e na sociedade – a Escola. O que de facto é real é que

«a escola tem um papel estruturante nos [/as] jovens: nas disposições e identidades que adoptam, nas redes de sociabilidade que estabelecem, nos sentidos que atribuem (à escola), nos seus desempenhos e resultados, nos seus trajectos e projectos. A escola é hoje um espaço em constante reinvenção, com várias faces, onde os velhos imobilismos e carências coexistem com novos actores, dinâmicas e espaços» (Abrantes, 2003b:129).

A Escola adquiriu/e e de certo modo, até impõe, uma cultura em que os/as jovens sentem a necessidade de se identificar, pelo facto de ser um contexto com valorização social, através do que se pode conseguir ou obter.

A *Gestão Educacional* esteve também presente neste contexto de estágio através da gestão que se efectuou do projecto, pois esta gestão tendo sido «produzida interactivamente no decurso dos processos de concretização dos dispositivos de acção, [constituiu] um meio privilegiado de “pilotagem” do projecto, no sentido em que [permitiu] ir introduzindo os reajustamentos considerados necessários à intencionalidade desse projecto» (Leite, 2003:107). Em consequência desta intencionalidade, compreende-se que a *Gestão Educacional* e as

³ Estas preocupações tomaram já forma mais consistente na criação do Departamento Pedagógico do FCP, neste momento coordenado pelo Dr. Ângelo Santos, em que uma visão integral do desenvolvimento humano tem sido uma das dimensões organizadoras.

competências relacionadas com esta área adquiriram no contexto de estágio toda a pertinência, pois existiu ainda a gestão de saberes e cognições sobre a realidade das crianças e jovens envolvidos na *Dragon Force*, estabelecendo-se a relação com o mundo da escola.

No que respeita à estrutura deste relatório interessa começar por dizer que no 1º capítulo consta a *Caracterização do Contexto*, ou seja, pretende-se com este capítulo explicitar qual o contexto onde foi desenvolvido o estágio, as suas principais características e princípios orientadores, pode já afirmar-se, de um modo geral, que o estágio foi desenvolvido na instituição FCP, mais concretamente na Escola de Futebol *Dragon Force*, tendo sido a orientação local da responsabilidade do Departamento Pedagógico da instituição. Dentro da Escola de Futebol *Dragon Force* criou-se o *Projecto Espaço Aberto*.

Quanto ao 2º capítulo, que se apelida de *Construção de uma Problemática de Intervenção Educativa em Contexto Desportivo*, pretende-se tratar a problemática, em relação ao domínio específico do Mestrado, abordando também as intencionalidades da intervenção do projecto de estágio, a constatação do problema social existente, as expectativas das crianças e famílias face aos projectos, assim como da própria E.F *Dragon Force* são também pontos explorados neste segundo capítulo.

Já no 3º capítulo surge a *Mediação Sócio-Educativa: o desenvolvimento de um Projecto de Estágio em Ciências da Educação*, apresentando este dois sub-capítulos fundamentais, um que se baseia no *Projecto Espaço Aberto* e um outro no *Projecto Bolsa de Mérito: uma estratégia de Mediação Sócio-Pedagógica*. No *Projecto Espaço Aberto* pretende-se dar a conhecer a construção do projecto de intervenção, a sua planificação, desenvolvimento e as acções educativas realizadas ao longo do estágio, assim como, os objectivos a obter com essas mesmas acções e a pertinência educativa para as crianças e jovens. Já no sub-capítulo do *Projecto Bolsa de Mérito: uma estratégia de Mediação Sócio-Educativa* explorar-se-á a contextualização deste projecto, os aspectos que caracterizam a mediação sócio-pedagógica, o desenvolvimento do processo de mediação e a legitimidade do papel assumido neste projecto. Para além disso, será também focada a organização de actividades para os Campos de Férias, realizados na E.F. *Dragon Force*.

No capítulo seguinte (4º) apresenta-se a *Natureza da Intervenção e da Participação*, isto é, reflecte-se sobre o conceito de intervenção presente no projecto de estágio, sobre os diferentes papéis assumidos, nas diferentes acções e actividades, e como é que o assumir desses papéis representaram formação a aquisição de competências.

Nas *Reflexões Teóricas e Metodológicas* (5º capítulo) pretende-se explorar construtivamente os conceitos teóricos e as reflexões metodológicas que permitiram orientar o

trabalho desenvolvido, assim como, este relatório, dando ainda a possibilidade de tomar decisões.

Por fim, no relatório consta a *Reflexão final*, como o próprio título indica nesta parte do relatório tratar-se-á de efectuar uma avaliação do projecto de estágio, a problemática será repensada em função do estágio que se desenvolveu, constará também uma reflexão que permite abordar como é que os/as profissionais de Ciências da Educação podem afirmar a sua pertinência neste contexto e como o trabalho sócio-educativo é preponderante na área desportiva. Para além disso, será feito um balanço do trabalho desenvolvido, enquanto Mediadora Sócio-Educativa e da Formação e como é que este contexto contribuiu para a construção da profissionalidade em Ciências da Educação e para o meu enriquecimento pessoal e profissional, permitindo alicerçar um pensamento crítico e construtivo acerca desta realidade.

Parte I. Caracterização do Contexto

Neste capítulo dar-se-á a conhecer em maior detalhe o contexto onde se desenvolveu o estágio. Assim, numa primeira parte far-se-á o enquadramento daquela que é a instituição desportiva organizadora - o Futebol Clube do Porto - que abrange várias modalidades desportivas, de onde se destaca o futebol. De seguida, dá-se a conhecer o âmbito de acção do Departamento Pedagógico do FCP, sendo que a orientação local do estágio e o enquadramento do estágio na *Dragon Force* é da responsabilidade do referido departamento. Posteriormente, proceder-se-á ao enquadramento do contexto específico do estágio – a *Dragon Force*.

1.1. Instituição Futebol Clube do Porto e Departamento Pedagógico

Assim, para que se compreenda o contexto onde se desenvolveu o estágio e do lugar que o desporto representa a nível social importa começar por explicar que o mesmo se realizou no FCP, sendo esta uma instituição desportiva, onde se desenvolvem várias modalidades, em que o futebol é a actividade que mais se destaca socialmente.

O FCP nasceu a 28 de Setembro de 1893, tendo sido fundado por António Nicolau d'Almeida, com o nome de *Foot-ball Club do Porto*⁴. Actualmente, o FCP conta com diversificadas modalidades desportivas que contribuem para a grandeza deste clube/instituição, as modalidades são então: Atletismo; Basquetebol; Bilhar; Boxe; Campismo; Desporto Adaptado; Desportos Motorizados; Futebol; Futebol de Praia; Ginástica; Halterofilismo; Hóquei em Patins; Natação; Karaté e Pesca Desportiva⁵.

Em termos sociais interessa reflectir acerca da importância que o desporto conquistou, permitindo ao FCP ser hoje um clube com diversas modalidades desportivas e com diferentes departamentos que o constituem, uma vez que, o desporto é visto como um modo de «sublimar a nossa natureza original e, em cima dela, edificar uma condição humana, marcada pela racionalidade, pela técnica, pela arte, pela virtude, pela ética e pela estética, isto é, pela excelência» (Bento e Bento, 2010:17). Esta afirmação remete para a questão do poder social que o desporto acarreta actualmente, sendo visível por esta afirmação que de facto, a prática de desporto é valorizada pela sociedade, para que assim se melhore a “condição humana”. É neste sentido que o desporto adquire também sentido na promoção de «competências humanas que vão muito para além da prática desportiva e se aplicam aos outros domínios da

⁴ António Nicolau D'Almeida era «um comerciante de [vinho do Porto](#) que descobriu o futebol nas suas viagens a [Inglaterra](#). A fundação do *Foot-ball Club do Porto* foi notícia nos jornais da época». - Informações retiradas do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/FCP>, no dia 1 de Junho de 2010.

⁵ Informações retiradas do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/FCP>, no dia 1 de Junho de 2010.

vida humana» (Rosado, 2009:11). A questão da valorização na aquisição ou promoção de competências humanas com a prática do desporto leva a que os clubes tenham a necessidade de criar departamentos onde existam profissionais de áreas multidisciplinares, de modo a apostar-se não só no desporto, mas sim, na formação social das crianças e jovens.

Assim, compreende-se que apesar do trabalho desenvolvido por este clube/ instituição assentar predominantemente na área desportiva, visando os resultados desportivos, assim como a formação integral de atletas de alta competição, pretendendo a adesão de sujeitos às modalidades. Contudo, para o cumprimento destes objectivos, conta-se com o trabalho de equipas de diferentes áreas, em particular com a equipa do Departamento Pedagógico, constituída por profissionais representantes de várias áreas científicas: Psicologia, Ciências da Educação e Serviço Social.

Desta forma, surge o Departamento Pedagógico do FC Porto – Futebol, SAD., cujo objectivo é «acolher e integrar atletas ao serviço do Clube, entre os 13 e os 19 anos, que revelem potencial para evoluir no sentido da alta competição e cuja área de residência e/ ou meios de transporte lhes dificulte o acesso aos treinos, à competição e à escola»⁶. Deste modo, o trabalho desenvolvido pelo Departamento Pedagógico traduz-se na *Casa do Dragão*, sendo este um departamento que defende a educação formal, não-formal e informal e a formação dos sujeitos no âmbito «pessoal, social e cultural como princípios fundamentais para a prática desportiva» (Pinto, 2008:3). O Departamento Pedagógico não pretende formar jovens apenas no âmbito desportivo, mas sim, jovens que idealizem uma formação integral, enquanto seres humanos. Para isso,

«os responsáveis [assumem que] devem incluir a perspectiva pedagógica do comprometimento mútuo, da necessidade de alunos empenhados e interessados que permitam o jogador forte, concentrado, motivado e inteligente. Só desta forma podemos integrar a formação e dar-lhe um rumo, um objectivo; só assim se justifica desenraizar jovens do seu meio familiar, social e escolar».⁷

Verifica-se assim que o Departamento Pedagógico se encontra directamente ligado ao Departamento Técnico de Futebol de Formação, uma vez que, estão «imbuídos de uma mesma filosofia, de um sentido próprio da formação, de um ambiente propício e estimulante. Sem este enquadramento, a plataforma de formação de futebol esbate os objectivos a que se propõe – a Formação Integral».⁸ Pode compreender-se desta forma que a filosofia existente no

⁶ Informações retiradas do Regulamento da *Casa do Dragão*.

⁷ Citação retirada do Regulamento da *Casa do Dragão*.

⁸ Citação retirada do Regulamento da *Casa do Dragão*.

Departamento Pedagógico assenta numa preocupação em formar os jovens que estão na Casa do Dragão, a todos os níveis, pessoais, educacionais e sociais, pois assumiu-se que a formação integral será a que trará, tanto aos jovens, como às famílias, assim como ao próprio clube uma responsabilidade e visão social.

Durante o estágio desenvolvido, o contacto e a ligação ao Departamento Pedagógico revelaram-se cruciais e imprescindíveis, não só pela orientação, mas também e essencialmente pelos princípios e ideologias defendidos. No regulamento da *Casa do Dragão* pode mesmo ler-se que neste contexto, que é também um contexto educativo, se detém «uma responsabilidade educativa de importância acrescida no desenvolvimento intrapessoal e interpessoal» das crianças e jovens que frequentam a EF *Dragon Force*, onde se deve «promover uma progressiva autonomização [das crianças e jovens, ampliando] a sua consciência ética e moral, com vista à construção de uma personalidade»⁹.

Assim sendo, pode concluir-se que constitui uma preocupação, para um clube com o impacto social que o FCP detém, que os jovens sejam detentores de valores e de uma personalidade crítica, sendo também autónomos e responsáveis pelos seus actos. Defende-se que este investimento educacional, social e cultural se fica a dever à imagem e à postura que a Instituição FCP tem perante a sociedade e portanto, não seria coerente não se investir na formação integral dos jovens, quando a imagem que se transmite é uma fonte de influências, para quem admira o clube.

1.2. Escola de Futebol *Dragon Force*

A escola de futebol *Dragon Force* situa-se no antigo Estádio do FCP, conhecido pelo Campo da Constituição, que durante extensos anos se encontrou encerrado, tendo sido feita uma remodelação para ser actualmente utilizado. Esta remodelação permitiu que a escola de futebol se instituisse neste local, sendo de referir que o conceito da escola de futebol *Dragon Force* assenta numa «filosofia de formação congruente com a instituída no Departamento de Formação do FCP, [permitindo] a evolução de jovens com diferentes níveis de potencial»¹⁰. Esta é portanto, uma escola que acolhe crianças e jovens, de ambos os sexos, entre os 4 e os 14 anos, para a prática de futebol. Para além disso, tem também o projecto Bolsa de Mérito *Dragon Force*, que se encontra integrado na escola de futebol e «que surge como uma forma inovadora de fomentar a paixão pelo futebol e pelo treino, proporcionando aos [/às] seus [/suas] alunos [/as] que revelam melhor desempenho a possibilidade de usufruir de um espaço

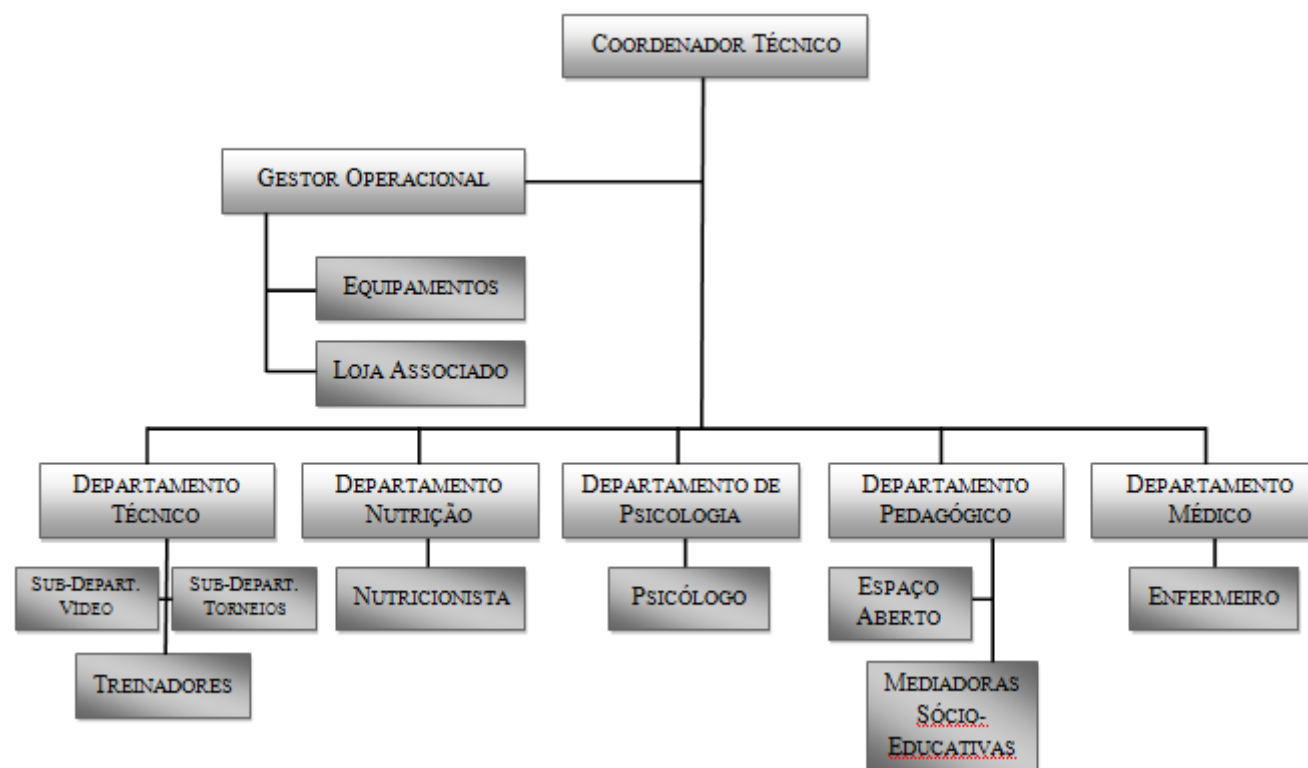
⁹ Citação retirada do Regulamento da *Casa do Dragão*.

¹⁰ Citação retirada de informações disponibilizadas sobre a *Dragon Force* – Escola de Futebol.

adicional para o desenvolvimento do seu potencial»¹¹. Ou seja, são constituídas algumas equipas de competição, onde, os/as jogadores/as destas equipas têm como privilégios a isenção da mensalidade, assim como participar, através da equipa, nos campeonatos distritais e torneios. No que respeita aos diversos Departamentos e Equipa podem verificar-se a partir do organigrama seguinte:

¹¹ Citação retirada do documento Bolsa de Mérito *Dragon Force*.

Organigrama da Escola de Futebol *Dragon Force*: Equipa e Departamentos¹²



¹² Organigrama adaptado da E.F. *Dragon Force*.

Com a constituição desta Escola, o FCP pretende que

«a imagem de sucesso desportivo» do clube fique associada a «um projecto descentralizado que possibilite às crianças e famílias [...] viver uma experiência de entretenimento [aliada] a uma prática desportiva saudável e que [incuta] a cultura e os valores da instituição de forma marcante a todos os participantes, gerando novas receitas directas e indirectas para o Clube».¹³

Importa reflectir sobre estes princípios e imagem defendida pelo clube, pois, se por um lado, este projecto pretende proporcionar crescimento económico para a sua própria sustentação, por outro, percebe-se que essa obtenção de receitas só existirá se houver um investimento desportivo, mas também educação para os valores. Tal como refere Bento e Bento a prática de desporto, num clube com este impacto social, enfrenta «a necessidade de elaborar e formular argumentos que explicitem e justifiquem a sua existência e função pedagógica» (Bento e Bento, 2010:19), uma vez que, a envolvimento das famílias leva a que fomentem um entusiasmo, relacionado com o possível sucesso futebolístico dos/as seus/suas filhos/as, no entanto, exigem também directa ou indirectamente que o clube exerça funções pedagógicas, enriquecendo a vida pessoal e social dos/as jovens.

Assim, este projecto contempla como objectivos primordiais para a sua execução:

- «Gerar novas fontes de receita para o FCP;
- Aumentar e fidelizar o número de adeptos a nível nacional e internacional;
- Aumentar a notoriedade da marca FCP;
- Reforçar a ligação da marca aos valores de liderança e performance;
- Afirmar inovação através de um projecto pioneiro em Portugal;
- Explorar um novo mercado de prospecção»¹⁴.

Percebe-se então que o FCP investiu num projecto deste nível, ou seja, na construção de uma escola de futebol, que idealiza expandir-se rapidamente para que possa deste modo, promover a marca FCP, a partir do investimento em áreas de desenvolvimento educativo. Com uma escola que recebe crianças a partir dos 4 anos de idade, esta promoção é exercida desde cedo, em que as crianças criam ideais e apesar de ainda não compreenderem com precisão o que é isto do futebol, alimentam desde então esse sonho. Quer-se com isto dizer que estas crianças e mesmo as próprias famílias criam «expectativas em relação a uma

¹³ Citação retirada de informações disponibilizadas sobre o Projecto *Dragon Force*: 4.

¹⁴ Citação retirada de informações disponibilizadas sobre o Projecto *Dragon Force*: 5.

carreira futebolística (com tudo o que isso pode implicar)» (Pinto, 2008:5) e é partir da concepção destas expectativas que se orientam as escolhas e as opções de vida feitas pelas famílias, quando ainda são crianças. Quando estas expectativas se criam em jovens, eles/as reflectem o que desejam em termos de futuro futebolístico, procurando cimentar esse mesmo desejo nas famílias, que são co-responsáveis pelos seus percursos.

Com os princípios didácticos como são a «disciplina, propensão, densidade, desafio e intervenção»¹⁵, a EF *Dragon Force* idealiza ter um número crescente de crianças e jovens que frequentem a actividade desportiva, pois esse é um meio eficaz para publicitar os serviços, fidelizando quem já frequenta e rentabilizando novos adeptos e participantes, para além disso, interessa realçar que sendo o FCP um clube com celebridade consegue facilmente deslumbrar e envolver tanto as crianças como as próprias famílias.

Assim, no interior da EF *Dragon Force*, surge um vazio, isto é, se em termos desportivos, a escola já proporcionava com eficácia o que o projecto planeava alcançar, no que diz respeito, às necessidades educativas, às quais as próprias famílias pediam uma resposta ao clube, existia um vazio, pois não havia um espaço que se dedicasse exclusivamente ao acompanhamento educativo e não existia por parte do clube um projecto que contemplasse finalidades sócio-educativas. Quando a Escola de Futebol *Dragon Force* se depara com esta necessidade, decide criar um espaço, onde as crianças e jovens possam desenvolver actividades ou realizar TPC, antes dos treinos, de modo a que se satisfaça as carências das crianças/ jovens e Encarregados/as de Educação.

As infra-estruturas da *Dragon Force* possuem uma “sala multiusos”, mas que se ansiava que essa sala fosse usada na sua maioria como “sala de estudo”, com a finalidade de acompanhar as crianças e jovens que frequentam a actividade de futebol no clube. Contudo, revelaram que o objectivo seria que se construísse aquele espaço com criatividade e orientados por objectivos educativos que fossem pertinentes, com um carácter que se pretendia articulado e não avulso, contribuindo para uma educação pessoal, social e cultural das crianças e jovens.

É deste modo que surge o Projecto *Espaço Aberto*, tendo sido atribuído este nome àquele espaço e não o nome “sala de estudo”, tal como os intervenientes por parte da DF defendiam. Apelidou-se de *Espaço Aberto*, uma vez que o desejo ao criar este projecto incidia concretamente num espaço que apostasse na educação para a cidadania, pois acredita-se que «a verdadeira aprendizagem é uma vivência pessoal e singular, embora desejavelmente

¹⁵ Citação retirada de informações disponibilizadas sobre a *Dragon Force* – Escola de Futebol: 5.

partilhável pela linguagem. Deste modo, as aprendizagens ocorrem, também, em processos interpessoais e intersubjectivos» (Medeiros, 2006:115), como é o caso do projecto *Espaço Aberto*. Pretendia-se apostar em objectivos de carácter humanista, que contribuíssem não só para a formação escolar das crianças e jovens, mas essencialmente para a formação integral, enquanto sujeitos activos e críticos da sociedade.

Parte II. Construção de uma Problemática de Intervenção

Educativa em Contexto Desportivo

A *problemática de intervenção* desenvolvida não é alheia ao enquadramento proporcionado pelo domínio de formação do mestrado. Neste sentido, considera-se relevante explicá-la na sua pertinência relativamente ao domínio frequentado no Mestrado em Ciências da Educação - *Currículo, Escola e Gestão Educacional* - na medida em que é também no âmbito do domínio que muitas das questões são colocadas durante a intervenção.

Deste modo, importa esclarecer que a reflexão neste capítulo incidirá nas intencionalidades da intervenção, assim como na constatação do problema social existente que levou à necessidade do estágio, ou seja, na problemática de intervenção equacionam-se e reflectem-se, do ponto de vista educativo e sociológico as diferentes questões que foram surgindo ao longo do estágio, nomeadamente, qual a necessidade existente no contexto que justifica a intervenção da área das Ciências da Educação, mais concretamente de dois domínios distintos, mas que se complementam como é o caso, do domínio de *Educação e Lazer* e do domínio de *Currículo, Escola e Gestão Educacional*. É também neste capítulo que se irá reflectir sobre os motivos que levaram à criação do Projecto *Espaço Aberto*, e do modo, como foi organizada a intervenção, a partir do momento em que se constatarem as carências do contexto. Neste capítulo também se abordará a questão dos jovens que revelam potencial, enquanto jogadores, mas que em termos de sucesso escolar se encontram em situações problemáticas, existindo a urgência de criar um projecto, que permitisse acompanhar esses jovens, este projecto apelidou-se de *Projecto Bolsa de Mérito*.

A produção da problemática da intervenção e diálogos com o domínio de *Currículo, Escola e Gestão Educacional*

Desde o início que era intenção a concretização de um projecto de intervenção que considerasse os contextos de educação formal – a escola. Apesar do estágio se realizar num contexto de educação não-formal, o mundo da escola atravessou as finalidades educativas daquele contexto, as dinâmicas, as vivências e as preocupações trazidas pelas crianças e jovens e suas famílias. O projecto educativo que se constrói é ele mesmo um objecto de conciliação de mundos (da infância, juvenil, escolar) e procura contribuir para a educação, formação e animação das crianças e jovens.

Tal como defende Benzaquen «o termo educação abrange um universo que extrapola o escolar» (Benzaquen, 2007:76), sendo precisamente nesta lógica que o domínio de *Currículo, Escola e Gestão Educacional* adquire neste contexto toda a pertinência, pois para além de ter existido sempre uma ligação à educação formal, a educação não se obtém apenas na escola, mas em todos os contextos em que os sujeitos estão integrados, já que

«nenhum mestre pode ensinar, iluminando internamente o espírito do [/a] aluno [/a]. Limita-se a expor, mediante as palavras, o caminho que em si mesmo a inteligência realizou para compreender uma verdade; e estas palavras podem fazer com que o [/a] aluno [/a] faça por si mesmo, no seu íntimo, descoberta idêntica» (Enes cit. por Medeiros, 2006:164).

A ideologia do domínio e do projecto educativo que se constrói assenta permanentemente no princípio de que é apresentado e dada orientação às crianças e jovens para um determinado caminho, contudo, as escolhas são dos/as próprios/as jovens, uma vez que, se defende que é assim que eles/as traçam a sua personalidade e é essa a educação em que se acredita, uma educação crítica, construtiva e em parceria com os/as jovens e não uma educação sem resposta aos “porquês”.

Partindo agora para o Projecto *Espaço Aberto* que era um dos contextos específicos onde se desenrolava o estágio. A construção deste espaço educativo era uma componente estruturante do projecto de estágio. Sendo um espaço proposto pela *Dragon Force* com a intenção de ocupar as crianças e jovens, com a realização dos TPC ou com actividades educativas, até ao horário do treino, podendo assim corresponder às expectativas das famílias, indo de encontro ao que estas concebem como sendo um local “ideal” para a prática desportiva. Contudo, não se deve deixar de salientar a intenção educativa que está subjacente ao projecto, isto é,

«a educação para os valores [que] parece exigir, como se deduz, um ambiente ou contexto onde os [/as] jovens possam desenvolver o sentido de iniciativa e liberdade, fornecendo a motivação interna promotora da persistência, da criatividade, do altruísmo e dos compromissos cívicos. Por outro lado, essa formação só é possível num ambiente que forneça oportunidade de ganhar confiança nas suas capacidades para as usar» (Rosado, 2009:14-15) em distintos contextos, nomeadamente, na escola, no clube, em casa, etc.

Como acontece em inúmeros espaços educativos, nomeadamente a escola, estes lugares são apropriados pelos sujeitos que lhes atribuem diferentes intencionalidades. Durante este relatório dar-se-á conta da natureza das intencionalidades que foram concebidas para este projecto e de que forma convergiram ou divergiram das expectativas dos/as Encarregados/as de Educação, assim como, dos interesses estabelecidos pela DF.

O *Espaço Aberto*, enquanto projecto, tinha como espaço físico uma “sala multiusos”. Esta designação, ainda que apenas com um carácter formal, acabou por se traduzir em alguma

difficuldade no que diz respeito à sua afirmação enquanto espaço educativo integrado e para além do mundo escolar no seu sentido mais restrito.

Sendo o local dedicado para o funcionamento do *Espaço Aberto*, uma sala que é necessária para ser utilizada em diferentes finalidades, dificultou, principalmente na fase inicial, o funcionamento do projecto, enquanto *Espaço Aberto*, pois foram marcadas algumas reuniões que coincidiam com o horário de funcionamento do mesmo. No entanto, optou-se por demonstrar a preocupação que esta situação trazia, ou seja, estando o espaço numa fase ainda de construção e de inserção naquele local, poderia o mesmo não ser visto como coerente e estável se não cumprisse desde o início com o que se tinha comprometido, perante as famílias e crianças. O *Espaço Aberto* foi assim entendido enquanto um espaço com objectivos educativos a atingir, e que se dirigia a um público-alvo concreto, as crianças e jovens e o projecto faria sentido se lhe fosse dada a continuidade necessária, em termos temporais, indo de encontro ao horário em que as crianças e jovens o frequentavam com maior regularidade e intensidade.

Após reflectir sobre o local físico onde o *Espaço Aberto* se implementou interessa compreender a construção do espaço. Quer-se com isto dizer que sendo este espaço dedicado às crianças e jovens concebeu-se que fossem eles/as a criar identificação com o próprio local, pois considera-se que «todas as pessoas [...] têm experiências de vida e do mundo [e são] geradoras de saberes e conhecimentos. Têm as suas próprias linguagens, que devem ser valorizadas, compreendidas e enriquecidas» (Medeiros, 2006:20). Deste modo, o projecto ficou muito mais engrandecido ao permitir que a identificação com o mesmo partisse das crianças e jovens e não o inverso.

Um outro problema social que levou à necessidade de intervenção e que importa aqui explorar é a perspectiva das famílias acerca do Projecto *Espaço Aberto*, isto é, qual a utilidade e o sentido que as famílias encontraram para o espaço. No que respeita à metodologia de intervenção interessa problematizar a questão da conjugação de interesses que os/as Encarregados/as de Educação tinham para com o espaço, e por seu lado, a ideologia existente no próprio projecto. Quer-se com isto dizer que se

«por uma lado existe o profissional «com [a] sua formação e os conhecimentos adquiridos, com os instrumentais que aprendeu e [adoptou] como recursos para os seus trabalhos, e com a sua visão sobre o mundo e o homem», com outra perspectiva encontra-se a comunidade «com [a] sua dinâmica e características próprias, inserida [num] contexto sócio-político-geográfico, e vivendo [num] tempo histórico determinado» (Freitas, 1998:177).

Pode então questionar-se se com a existência deste projecto as famílias desejavam colmatar as necessidades escolares dos/as seus/suas educandos/as. Contudo, é de salientar que o projecto idealizava ir para além do contexto escolar, defendendo uma educação, onde

«o brincar é a condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade. Não espanta, por isso, que o brinquedo acompanhe as crianças nas diversas fases da construção das suas relações sociais. O brinquedo e o brincar são também um factor fundamental na recriação do mundo e na produção das fantasias infantis. O “mundo do faz de conta” faz parte da construção pela criança da sua visão do mundo e da atribuição do significado às coisas» (Sarmiento, 2004:26).

Ao projectar-se uma educação onde existe lugar para brincar, onde as aprendizagens de valores são feitas através de jogos e actividades práticas, em que os/as jovens demonstram as suas opiniões, reflectem e constroem a sua personalidade, interagindo entre si, estamos no campo de uma educação emancipatória. Desta forma, pode perceber-se a escolha do nome *Espaço Aberto*, que evitava uma conotação exclusivamente escolar, uma vez que indica a diversidade de actividades e de aprendizagens desencadeadas no espaço.

Este é o projecto de educação defendido pelo *Projecto Espaço Aberto* e que não se baseia apenas em aprendizagens de carácter formal, não deixando, no entanto, de acentuar a importância da escola, como um bem social e educativo que deve ser investido pelos/as jovens.

A relevância do contexto educativo escolar e dos percursos neste âmbito na vida das crianças e jovens da EFDF é visível no investimento institucional no *Projecto Bolsa de Mérito* que se constituiu num outro momento relevante do estágio, onde se desenvolveram e experimentaram competências enquanto mediadoras entre a escola, os jovens e as famílias. Assim, enquanto mediadoras pode reflectir-se sobre as expectativas destes face à escola, uma vez que, a mediação pretende «a criação e manutenção de pontes entre as pessoas e entre estas e a sua comunidade, na direcção de uma evolução conjunta» (Torremorell, 2008:39).

As crianças e jovens anseiam obter sucesso escolar, pois sabem que com este projecto de mediação o sucesso escolar condiciona a possível continuidade, enquanto jogadores bolseiros. Assim, o sonho de serem futebolistas é alimentado quando existe sucesso escolar, e portanto, tem-se presente neste relatório como problemática social a alimentação do sonho de se vir a ser futebolista! Alguns por ansiarem vir a ser jogadores, outros por demonstrarem gostar ou querer gostar da escola, a verdade é que todos os jovens

«por mais que a escola seja inadequada e não estimule de forma satisfatória o desejo de aprender e a curiosidade, [...] desejam identificar-se com a escola]. Mesmo aqueles cujo desempenho escolar é fraco

ou que “fracassaram”, se apesar de tudo permanecem na escola é porque querem aprender e esperam conseguir fazê-lo. Cumpre à escola organizar as suas actividades de forma a, cada vez mais, atender ao impulso de todos os alunos, que é o de aprender sempre mais. Para tanto, precisa adequar-se à realidade dos alunos e utilizar os melhores recursos» (Piletti, 2003:45).

De facto, esta ideia demonstra a importância que a escola acarreta para o sucesso e o bem-estar dos/as seus/suas alunos/as, pois acredita-se que todos/as querem ver a escola como um espaço de partilha, envolvimento e certezas.

Ainda debatendo esta questão, importa referir que as famílias também desenvolvem expectativas quanto à realização pessoal, social e cultural que os/as seus/suas filhos/as criam sobre e na escola, porque como transmite Piletti

«em geral todos [/as] os [/as] alunos [/as] esperam que a escola contribua para que eles [/as] e [as] suas famílias possam melhorar [o seu nível de] vida. Os próprios pais alimentam essa expectativa, que transferem aos [/às] filhos [/as]: esperam que os [/as] filhos [/as], tendo oportunidade de estudar, tenham uma melhor vida que a deles (...)» (Piletti, 2003:45).

Verifica-se então a criação de expectativas face ao sucesso que os/as filhos/as podem obter, tanto no que respeita à parte escolar, como direccionada com o sucesso futebolístico, e que com este projecto se encontram inevitavelmente interligadas, contudo, pensa-se que é significativo reflectir-se se este projecto deve ser unânime para todos/as os/as jovens, não tendo em atenção o percurso escolar passado e presente, a retaguarda familiar, a cultura familiar e social de cada elemento, uma vez que, cada jovem, enquanto ser social pleno (Sarmiento, 2000, 2004) constrói os seus significados, de acordo com o que “recebe” dos vários contextos onde se encontra inserido.

Enquanto mediadora sócio-educativa e no âmbito do domínio *Currículo, Escola e Gestão Educacional* estas questões constituem uma preocupação no desenvolvimento deste trabalho, sendo que estas respostas/ perspectivas serão desenvolvidas ao longo deste relatório. Sendo ainda de salientar que o domínio se revelou como um guia orientador para a exploração destas perspectivas.

Parte III. Mediação Sócio-Educativa: o desenvolvimento de
um Projecto de Estágio em Ciências da Educação

A construção de um projecto consiste «“em conceber um futuro desejado, assim como, os meios para o atingir”» (Acroff, 1973 cit. por Barbier, 1996:47). É de salientar que com a construção e a elaboração de um projecto educativo pretendia-se implementar novas práticas, assim como o modo de pensar das Ciências da Educação, e tal como nos afirma Barbier «(...) a elaboração e a condução do projecto são como um trabalho específico de representações que acompanha a produção de práticas novas, ou (...) como um instrumento mental de produção de novas práticas» (Barbier, 1996:96).

Desta forma, neste capítulo será transmitido o projecto que se construiu e o modo como evoluiu, uma vez que como afirma Barbier «(...) o projecto supõe, por fim, a existência de um desejo de produção de uma mudança (...)» (Barbier, 1996:47).

Deve referir-se que o projecto de estágio assentou na mediação sócio-educativa, que se traduz na construção do *Espaço Aberto* e posteriormente, na responsabilidade assumida no Projecto *Bolsa de Mérito*. Assim, este terceiro capítulo estará subdividido de acordo com reflexões sobre o *Espaço Aberto* e sobre o Projecto *Bolsa de Mérito: Mediação Sócio-Pedagógica*, sendo que o estágio consistiu no planeamento, coordenação e execução destes projectos educativos.

3.1. Os sentidos de um projecto de intervenção em contexto desportivo

Importa começar por clarificar objectivos centrais que focaram desde o início o Projecto *Espaço Aberto*, a saber:

- Construir uma relação articulada entre a Escola e o Mundo do futebol *Espaço Aberto*;
- Promover uma relação positiva com o mundo da Escola e os saberes;
- Desenvolver mecanismos de integração do mundo do futebol noutros mundos sociais;
- Criar oportunidades para o desenvolvimento da criatividade nas crianças e jovens;
- Desenvolver estratégias educativas de sensibilização para a cidadania;
- Estimular uma cultura de projecto em que o mundo do futebol se constitui como um entre vários mundos;
- Desenvolver o espírito crítico relativamente a aspectos pessoais.

De seguida, serão exploradas as principais características e o que se pretende alcançar por cada um dos projectos, assim como a interligação entre ambos.

3.1.1. Como surge o nome *Espaço Aberto*?

O nome de um lugar, de um espaço não é apenas um espelho das dinâmicas pensadas ou a decorrer nesse espaço. A designação tem a propriedade de construir a realidade que denomina. Daí ter-se sugerido pensar num nome para substituir “sala de estudo”, pois esta designação remete para uma realidade exclusivamente escolar, o que não era a nossa intenção, pois tinha-se pensado num espaço de socialização/educação não-formal. Apesar da escola ter uma função predominante na socialização dos/as alunos/as, pretendia-se com este espaço, entre outras coisas, que o mesmo pudesse promover a reflexão sobre as próprias vivências e experiências dos/as participantes, a fim de educar para a cidadania. Ao se desejar que o *Espaço Aberto* fosse também um espaço de socialização, entendia-se que «o processo de socialização depende da estrutura social em que o indivíduo se encontra», contudo, não se deve esquecer que a individualidade e personalidade de cada sujeito também influenciam a socialização, «isto é, o indivíduo tem um modo particular e específico de dialogar com [as] estruturas sociais» (Benzaquen, 2007: 51). Deste modo, compreende-se que mesmo reconhecendo o papel fundamental que a escola tem na socialização, este projecto pensou na socialização sem a formalização a que a escola obriga, no sentido do que esta impõe aos/às seus/suas alunos/as, através dos «modos de organização pedagógica», que se subordinam «à sua função original de inculcação de normas, valores e de racionalidade da relação educativa» (Barroso, 1995:61). Ou seja, o *Espaço Aberto* articulou sempre com a escola, através de princípios, valores e de uma educação também presente na escola, mas que a esta não se reduz.

Desta forma, parece que ao apelidar-se aquele espaço de “sala de estudo” as crianças e jovens apenas o procurariam para realizar trabalhos de casa ou tirar dúvidas escolares, sendo que se pretendia que aquele espaço se tornasse um espaço mais criativo, onde não se esquecesse as restantes componentes educativas, que vão para além da área escolar. Pretendia-se que o mesmo desse a possibilidade às crianças e jovens de o procurarem sempre que o desejassem, para abordarem diferentes questões ou dúvidas que tivessem e, para além disso, que pudesse ser um espaço em que se relacionassem aprendizagens formais e não-formais com o desporto. Quer-se com isto dizer que desde o início se pretendeu que mais do que «ensinar e aprender (...) as matérias e conteúdos» escolares desejou-se que aquele espaço se dedicasse a

«ensinar e aprender (...) não conhecimentos mas a conhecer, não objectos de aprendizagem mas a aprender, não reflexões mas a reflectir, [desejou-se partilhar pensamentos e ensinar] a pensar, [ambicionou-se ensinar e aprender] não resoluções mas a resolver, não investigações mas a investigar,

não o ser (substantivo passivo, estático) mas a ser (verbo, activo, dinâmico)» (Dias cit. in Medeiros, 2006:64).

Assim sendo, o *Espaço Aberto* quis, por um lado, transmitir e partilhar com as crianças e jovens a importância de serem sujeitos críticos e intervenientes, participativos e com opinião formada e, por outro, demonstrar a relevância de construírem desde crianças a sua personalidade e a sua visão do mundo que as rodeia.

Foi por estes motivos aqui apresentados que da nossa parte foram sugeridos vários nomes, nomeadamente, Espaço Educativo do Dragão; Refúgio do Dragão; Espaço Livre; Espaço Aberto; O Cantinho do Dragão; Dragon Workshop (As Oficinas do Dragão); Dragon Lair (O Covil do Dragão); Dragon Space (O Espaço do Dragão); Dragon Mind (A Mente do Dragão); Dragon Cave (A Caverna do Dragão); Dragon World (O Mundo do Dragão); Teendragon; Playdragon; Little Dragon. Mas pensou-se que o nome *Espaço Aberto* se enquadraria precisamente com os objectivos a alcançar neste contexto. Deste modo, optou-se por logo no segundo dia em que se abriu o *Espaço Aberto* colocar a identificação do mesmo na porta, pois com esta iniciativa pretendia-se que tanto as crianças como os adultos se fossem deparando com o nome, para que compreendessem que aquela sala não seria somente uma “sala de estudo” e pudessem eventualmente, revelar curiosidade acerca do que lá seria desenvolvido, permitindo identificar-se com a ideologia presente no projecto. Assim,

«consideramos que a identificação do espaço se torna fundamental, não só para as crianças que procuram o espaço, mas também para os pais que começam a identificar e a criar habituação ao nome atribuído ao espaço» (NT2).

Não ter sido a designação *Espaço Aberto* a que foi apresentada à comunicação social, “sala de estudo” foi a designação divulgada, resultou, por um lado numa dificuldade em se associar inicialmente aquela iniciativa a momentos educativos diversificados, e, por outro lado, constituiu-se enquanto desafio integrado no próprio projecto de estágio. Esta discrepância em termos de designação, representa não só diferentes intencionalidades, por vezes inconscientes relativamente ao que se espera daquele espaço, mas igualmente elucidando-nos sobre questões mais estruturais de um mundo atravessado por uma mediatização com consequências às quais não se pôde fugir. Considera-se, no entanto, que internamente se foi consolidando as intencionalidades pensadas para aquele espaço e que foram objecto de negociações entre nós, o Departamento Pedagógico do FCP e a *Dragon Force*. Este último pretendia que naquele espaço se realizassem, predominantemente, trabalhos de casa, uma vez que, perceberam no ano anterior que existia esse desejo por parte das famílias. Esta intenção

não é de desprezar, até porque procura responder a necessidades sociais com as quais as famílias se deparam, e para além disso, a *Dragon Force* representa um negócio, numa instituição desportiva, estando presente a necessidade de obter receitas de forma directa e/ou indirecta.

Sendo a construção do *Espaço Aberto* objecto de vários interesses e intencionalidades, este processo constituiu-se numa oportunidade para que enquanto estagiária pudesse protagonizar em vários momentos processos difíceis, mas interessantes, de negociação e de mediação de pontos de vista. Assim, encontra-se

«o conceito de mediação associado a modalidades alternativas de resolução de conflitos, [...] a modalidades de formação, [...] a modalidades de prevenção de conflitos e promoção de interacções inter-individuais e sociais, a modalidades de educação para a mudança social e cultural e para o exercício da cidadania, a estratégias e/ou dispositivos específicos de aprendizagem» (Correia e Silva, 2010:9).

Portanto, compreende-se que a mediação pressupõe abertura para negociar diferentes situações e pareceres, de modo a conseguir atingir um consenso entre os diversos intervenientes de um processo.

Desta forma, o desafio da realização dos trabalhos de casa foi aceite, mas ambicionou-se que aquela sala fosse um espaço que proporcionasse actividades com finalidades educativas, um espaço que pudesse desenvolver o diálogo e a partilha de opiniões entre as crianças e jovens, onde se tinha em atenção os interesses e as necessidades de quem o frequentava, ou seja, é significativo que estas estivessem satisfeitas e felizes por frequentarem as actividades e o próprio espaço e como nos transmite Alonso *et al.* há também que estimular a interacção e a troca de saberes entre crianças, organizando espaços e tempos propícios para que elas possam escolher actividades e materiais, promovendo, desta forma, a iniciativa individual e a participação nas actividades (Alonso *et al.*, 1994). Quer-se com isto transmitir que o espaço sempre ambicionou proporcionar actividades que levassem à participação das crianças e jovens, indo de encontro aos seus interesses pessoais e sociais.

Era este o desafio inicial e o desafio que se manteve diariamente, estabelecer uma relação entre a escola e aquele espaço, onde essa relação ultrapassa-se os trabalhos de casa (saberes formais) abrangendo a educação para os valores, para a cidadania e para os saberes não-formais, como são o desenvolvimento pessoal, social e moral, permitindo o desenvolvimento de competências de vida (Rosado, 2009). Esta construção adquire neste projecto todo o sentido, uma vez que, se aspira a que as crianças e jovens usufruam «de experiências gratificantes que [...] estimulem, como seu objectivo prioritário, a exploração do

mundo ou a produção de obras que se partilham e interpelam de forma solidária» (Cosme e Trindade, 2007:20). Portanto, importa referir que desde o início do projecto se investiu em transmitir a ideologia do mesmo, como se pode comprovar pela seguinte nota de terreno:

«as crianças mostraram-se interessadas e entusiasmadas com a sala, e os pais mostraram-se bastante curiosos, nomeadamente, foi muito frequente a pergunta se aquilo seria um local para eles/as fazerem os trabalhos de casa e terem apoio ao estudo, ao que nós explicamos que esse apoio na execução dos trabalhos de casa poderia ser dado por nós, mas que aquele espaço tem muitos outros objectivos, sendo que todos os meses, existe um tema a abordar e determinadas actividades pensadas em função dessa temática. Na minha perspectiva foi também visível que muitos pais “desejam” aquele espaço como sala de estudo, porque facilita as suas funções em casa, facilitando também o dia-a-dia das crianças, porque assim depois de chegarem a casa, já não precisam de se preocupar com os trabalhos de casa» (NT1).

Nesta perspectiva é importante explicar que a estratégia adoptada para que o nome *Espaço Aberto* adquirisse sentido consistiu em colocar todos os dias o nome na porta e foi este o nome ao qual nos referimos em qualquer situação, pois acredita-se que com visibilidade do nome *Espaço Aberto* e com o trabalho desenvolvido, este acabaria por ser reconhecido.

Uma outra estratégia adoptada consistiu em organizar um desdobrável (**Apêndice 1**), com algumas informações para as famílias sobre o *Espaço Aberto* com o sentido de clarificar os objectivos previstos e os pontos de vista educativos subjacentes à acção pensada.

(...) «Apercebemo[-nos] que muitos pais e mães imaginam o *Espaço Aberto* como um espaço para a realização dos trabalhos de casa, [desta forma], pareceu-nos importante esclarecer isso mesmo através da elaboração de um [desdobrável], onde constasse o que pretendemos fazer e o que é o *Espaço Aberto*» (NT1).

No desdobrável constava informação sobre o que é o *Espaço Aberto*, o que se esperava das crianças e jovens que o frequentavam, o que se esperava das responsáveis pela dinamização, quais os dias e horários possíveis para frequentar o espaço, que actividades encontrariam e os temas desenvolvidos até Dezembro de 2009. Esta foi uma das formas encontradas para tornar mais claro para que serve o *Espaço Aberto* e ao mesmo tempo contribuir para a solidificação do nome.

3.1.2. Organização do *Espaço Aberto*

A organização do espaço revelou-se fundamental para a relação educativa que se estabeleceria com as crianças e jovens, uma vez que, esta organização condiciona de forma

positiva ou negativa o relacionamento e envolvimento que se cria com os sujeitos, desejou-se então organizar um espaço que desenvolvesse «condições favoráveis à cooperação» (Piletti, 2003:25).

Inicialmente a sala encontrava-se em forma de rectângulo, o que na nossa opinião não permitia o contacto desejado a ter com as crianças e jovens, não tornando possível criar um maior contacto e diálogo. Na disposição de rectângulo as crianças e jovens permaneceriam «imóveis [nas] suas carteiras, realizando (...) o trabalho que lhes é imposto». Sendo que circular-se-ia pela sala «controlando e supervisionando» as crianças e jovens. Assim, se esta disposição se tivesse mantido acabaria por conceber uma «educação centralizada» em quem “supervisiona”, onde ser-se-ia vista como ser superior, investida de autoridade, «a quem cabe tomar todas as decisões e impor um sistema de trabalho [em que] o resultado [seria] o individualismo, a passividade e a submissão» das crianças e jovens (Piletti, 2003:11).

Como o objectivo para o espaço assentou em estabelecer proximidade com as crianças e jovens, pensou-se numa disposição que o permitisse e onde também fosse possível as crianças e jovens estarem mais isoladas, quando tivessem que estudar, sendo possível acompanhar-se esse estudo individualmente, ou seja, usou-se «o chamado “modo individual” [...] que recria de certo modo o espaço doméstico onde coabitam diferentes pessoas com tarefas diferentes e simultâneas» (Barroso, 1995:70). Portanto, este modo permitia que as crianças que necessitassem de estudar pudessem estar isoladas e ser acompanhadas, enquanto as restantes poderiam realizar outras tarefas, também com acompanhamento.

Assim, a sala deixaria de ficar em forma de rectângulo (**Apêndice 2 – Imagem 1**), sendo que, se optou por encostar 3 mesas à parede, com o objectivo destas mesas ficarem para as crianças e jovens que pretendessem realizar os TPC ou estudar mais isoladamente e sem grande perturbação. As outras 4 mesas ficaram encostadas duas a duas no centro da sala (**Apêndice 2 – Imagem 2**). Esta disposição da sala revelou-se positiva, porque permitiu acompanhar todas as crianças e jovens praticamente ao mesmo tempo e eles/as conseguiam estabelecer entre si e connosco um maior contacto. Desta forma, conseguia-se estimular «a comunicação, (...) o trabalho cooperativo e a participação [não só entre eles/as, mas também entre eles/as e nós, criando uma relação] de igual para igual com os [/as] educandos [/as], como alguém que, tendo mais experiência, pode orientar a aprendizagem. [Ou seja, nesta disposição] os objectivos da educação [são] a solidariedade, a participação e a independência» das crianças e jovens (Piletti, 2003:11).

De facto, esta disposição levou não só a uma maior proximidade entre nós e as crianças e jovens, como proporcionou uma interacção positiva entre crianças e jovens, facilitando

também quando se sugeria que se ajudassem entre eles/as, pois «o acto de ensinar [...] supõe a reciprocidade, condição básica da cooperação, e atesta o processo de comunicação» (Souza, 2001:64). Portanto, o “acto de ensinar” não esteve apenas presente em nós e eles/as, mas também entre eles/as, pelo facto de se acreditar que ao ajudarem-se mutuamente estão a enriquecer os seus conhecimentos escolares, assim como a enriquecerem-se, enquanto seres humanos.

As mudanças nos espaços são muitas vezes difíceis de acolher, na medida em que constituem também mudanças em termos de rotinas, dinâmicas e práticas que neles ocorrem, implicando «transformações inequívocas no modo como se organizam os espaços e os tempos» que neste caso seriam dedicados a um processo educativo, «na qualidade dos apoios que se disponibilizam neste âmbito e também na gestão dos recursos e dos dispositivos pedagógicos que se utilizam» (Trindade, 2003b:60). No caso que aqui referimos estas questões tornaram-se visíveis por alguma resistência sentida numa fase inicial às transformações espaciais que o Projecto *Espaço Aberto* implicava. Sendo uma sala multiusos e aquele projecto apenas mais uma dinâmica havia que fazer ajustamentos e frequentes alterações da disposição de mobiliário e materiais para que tudo pudesse funcionar. Esta organização nem sempre funcionava da melhor forma exigindo adaptações da nossa parte. O processo de negociação em torno da organização da sala onde funcionava o *Espaço Aberto* acabou por ser um elemento interessante de reflexão. Por um lado, obriga-nos a pensar sobre o modo como se podem gerir diferentes necessidades, interesses e até poderes. Por outro lado, foi igualmente um indicador da evolução da nossa presença e identidade na *Dragon Force*.

Ao longo do tempo foi possível organizar a sala de acordo com aqueles que eram os objectivos presentes no projecto e que exigia modos de funcionamento específicos. Se numa fase inicial foi necessária uma argumentação que assentava na ideia de que era essencial um espaço para as crianças e jovens estarem satisfeitos/as e sentirem que ali faziam parte da *Dragon Force* num outro sentido, sendo eles e elas igualmente produtores desse mesmo espaço.

«Propuseram-nos colocar as mesas todas duas a duas, para que depois eles pudessem apenas separá-las e dessa forma ficava numa configuração aceitável para quem usa o espaço antes de nós, mas infelizmente a configuração por eles proposta não nos agrada, e portanto, diariamente alguém tem que ajustar a sala às necessidades do *espaço aberto* e às restantes actividades programadas para aquela sala, admito que não é uma tarefa fácil para quem tem que ajustar a sala às necessidades, mesmo para nós seria mais cómodo se a sala pudesse ficar sempre ou quase sempre com a configuração que planeamos. Mas de facto, não podemos dispensar de colocar a sala como pensamos que esta funciona melhor para as crianças e jovens, e pensamos também que quando se assumem compromissos, como abrir um espaço para as

crianças e jovens temos que ser capazes de lhes proporcionar bem-estar, e um ambiente que os agrade e fascine para frequentar o *espaço aberto*» (NT3).

Deste modo, a sala foi passando a ficar sempre na configuração proposta, sendo que, neste momento essa disposição só é alterada quando existem reuniões. De facto, pensa-se que isso facilita tanto o trabalho da equipa de manutenção, assim como o nosso trabalho se torna mais cómodo e estável. Chegar a este ponto significou, também simbolicamente, que foi sendo reconhecida identidade e pertinência ao *Espaço Aberto* e ao trabalho desenvolvido.

3.1.3. Quem frequenta o *Espaço Aberto*?

Tendo sido este projecto pensado para as crianças e jovens que frequentam a *Dragon Force* interessa reflectir sobre a importância que o mesmo adquiriu ao longo do tempo para quem o frequentava, assim como a evolução que se verificou na afluência ao espaço, pois esta evolução retrata o significado que estas crianças e jovens atribuem a este local, como um espaço indicativo das suas vivências, sendo um espaço «onde se cultiva o sentido de si» (Silva, 2008a:151) que anda lado a lado com as vivências escolares, não assumindo este espaço, uma visão completamente escolarizada, pois integra «o mundo da vida» que por sua vez, «integra o mundo do ser jovem» (Silva, 2008a:156) e estes mundos não se encontram apenas direccionados para a realidade escolar.

Inicialmente o *Espaço Aberto* foi pensado para as crianças e jovens que frequentam a *Dragon Force*, não estando previsto abranger as equipas de competição que treinam no mesmo local. No entanto, logo nos primeiros dias de abertura do *Espaço Aberto* surgiu a possibilidade de abranger também as crianças e jovens das equipas de competição. Esta necessidade foi inclusive colocada pelas famílias daqueles que compreenderam o espaço como um local interessante para os/as seus/suas filhos/as frequentarem, de modo a poderem participar nas actividades educativas proporcionadas pelo *Espaço Aberto*, tal como para realizarem os trabalhos de casa e outras tarefas escolares.

(...) No «final do dia apareceu um encarregado de educação que nos explicou que o seu filho frequenta os sub-8 e tem treino no *Vitalis Park* às terças, quartas e sextas. E este encarregado de educação gostaria de saber se o menino também poderia frequentar o *Espaço Aberto* ou se era apenas para os meninos da *Dragon Force*. Como esta questão nos ultrapassa, expliquei que inicialmente este espaço foi pensado apenas para as crianças e jovens que frequentam a *Dragon Force*, mas que iria esclarecer essa dúvida» (NT3).

Como a decisão acerca de quem poderia ou não frequentar o espaço não poderia ser tomada por nós, optou-se por nesse mesmo dia colocar esta questão ao gestor operacional da *Dragon Force*, assim como, aos/às orientadores/as.

Considerou-se, então, abranger as outras crianças e jovens, sendo positivo para o projecto, e na nossa perspectiva interessante e enriquecedor. Sendo dada, no entanto, prioridade às crianças e jovens da *Dragon Force*, foi possível verificar ao longo do tempo que a frequência dos/as jovens das equipas de competição era extremamente enriquecedora para todos/as os intervenientes no *Espaço Aberto*.

«Neste mesmo dia, tivemos a mãe de um menino que frequenta os sub-13 e que falou com o [gestor operacional] para ver a possibilidade do seu filho frequentar o *Espaço Aberto*, sendo que já tínhamos colocado esta questão de os meninos/jovens que jogam [nas equipas de...] competição, (...) poderem frequentar o *Espaço Aberto*, e como a resposta (...) foi positiva, informamos a mãe do menino que seria possível frequentar o *Espaço Aberto*, salvo se o mesmo se encontrasse lotado, aí nessas circunstâncias teríamos que usar um critério de selecção e esse critério, será dar prioridade aos [/às] meninos [/às] /jovens que frequentam a *Dragon Force*» (NT4).

A afluência das crianças e jovens da equipa de sub-11 e sub-13 foi muito constante e significativa, sendo de facto estes jovens os que estavam mais tempo e participavam mais no *Espaço Aberto*. A relação que se construiu com eles e com todos/as os/as que frequentavam o espaço assentava na comunicação, uma vez que «a função comunicativa [é composta por...] uma infinidade de sinais, uns emitidos pelo próprio corpo e outros inseridos nos seus diferentes contextos, que se tornam *significantes* quando integrados na interacção humana» (Ribeiro, 2003:202). Assim, uma relação baseada na comunicação permitiu a partilha de experiências, pensamentos e actividades entre todos/as.

Apesar de nas primeiras semanas não ter tido a afluência desejada ficou perceptível que as crianças e jovens que frequentaram o espaço uma vez voltavam lá no outro dia em que tinham treino. No início, as pessoas que acompanhavam as crianças e jovens, assim como as crianças e jovens revelavam curiosidade e algumas questionavam como funcionava o espaço, se tinha custos adicionais, horário de funcionamento, para quem se dirigia e que actividades se realizavam.

«Quando abrimos o espaço tivemos alguns pais, mães ou avós que olhavam para dentro do espaço, assim como crianças, notando-se alguma curiosidade, neste primeiro dia tivemos um total de 7 crianças» (NT1).

É interessante reflectir acerca do simbolismo que esta curiosidade representa, pois não é comum o investimento educacional e social para a criação de um espaço educativo num espaço que se dedica em grande parte à prática desportiva. Existem, contudo estudos que referem que os clubes revelam actualmente preocupações de carácter social (Harvey *et al.*, 2009), daí investir-se em projectos educativos.

(...) «Abrimos o *espaço aberto* e pelas 17h30 tivemos os primeiros meninos, e reparamos que três dos seis meninos/as que tivemos durante este dia, já tinham estado lá na segunda-feira, e revelaram ter gostado, daí terem voltado hoje. Este facto deixou-nos bastante contentes, porque significa que os meninos que estão a frequentar o espaço estão a gostar e querem lá voltar nos dias em que têm treino» (NT3).

Ao longo do tempo verificou-se que principalmente nas equipas de competição uns jovens trouxeram os outros e irem ao *Espaço Aberto* sempre que tinham treino, mesmo que só conseguissem lá estar alguns minutos, tornou-se fundamental para o convívio entre eles, verificando-se uma identificação entre o grupo de jovens, daí

«o tempo colectivo de que os jovens [desfrutavam], em grupo, [era] sentido como um tempo mais apropriado que qualquer outro à realização dos seus desejos e interesses de marca especificamente mais juvenil. É certo que, nas actividades de grupo, os jovens [pareciam] viver o seu quotidiano de uma forma passiva – todavia, esta ideia não [correspondia] à realidade. Num aparente “não fazer nada”, os jovens [acabavam] por desenvolver formas genuínas de participação social, através da efectiva adesão a determinadas actividades e da construção de fachadas reforçativas da coesão de grupo» (Pais, 1996:94).

De facto, este foi também um princípio que o *Espaço Aberto* conseguiu transmitir positivamente às crianças e jovens, tornando-se aquele espaço, um local privilegiado para a prática do companheirismo, amizade e interacção social, onde em pequenos momentos os jovens conseguiam estabelecer um contacto entre si, partilhando momentos significativos, mesmo que de curta duração.

3.2. O projecto *Espaço Aberto*: o desenvolvimento de uma acção

Este sub-capítulo dará conta da dinâmica do Projecto *Espaço Aberto*, sendo que, a dinâmica que envolveu este projecto esteve norteadas pelas intencionalidades educativas, como são a educação para a cidadania, o desenvolvimento pessoal e social, o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva, a construção de uma relação de ajuda, escuta, aconselhamento, reconhecimento e partilha com as crianças e jovens. Tendo sido também guiada por objectivos que assentaram em construir uma relação articulada entre a Escola e o Mundo do

Futebol *Espaço Aberto*; promover uma relação positiva com o mundo da Escola e os saberes; desenvolver mecanismos de integração do mundo do futebol noutros mundos sociais; criar oportunidades para o desenvolvimento da criatividade nas crianças e jovens; desenvolver estratégias educativas de sensibilização para a cidadania; estimular uma cultura de projecto em que o mundo do futebol se constitui como um entre vários mundos; desenvolver o espírito crítico relativamente a aspectos pessoais. Pode então compreender-se, tal como nos disse um dia um menino que frequentava assiduamente o *Espaço Aberto*, que neste projecto «tudo tem um objectivo» (N).

De facto, com estas intencionalidades e objectivos educativos este projecto ansiava ser um espaço, por um lado inovador, num contexto desportivo, e por outro, um espaço que fosse procurado livremente pelas crianças e jovens, no sentido de desejarem integrar aquele projecto, de modo a reflectirem «sobre o seu próprio modo de actuação com vista a um progressivo crescimento e enriquecimento como ser humano» (Cortesão, 1988:166), assim estariam a ser sensibilizados para as intencionalidades e objectivos apresentados, através da prática de actividades, que se encontravam articuladas, numa dimensão geral e não específica do momento.

Lembramos que o Projecto *Espaço Aberto* tinha como intencionalidade, e dado o contexto desportivo em que se inseria, tornar os/as jovens mais atentos à sua realidade envolvente que incluía o mundo do futebol e outras com as quais aquele mundo se confronta e às vezes entra em tensão.

3.2.1. A planificação do Projecto: escutar os/as Jovens, traduzir em Acções

Uma boa planificação procura sempre ter em consideração as necessidades e os desejos de quem se envolve num projecto, portanto, a planificação de um projecto deve considerar a «geração de vontades e o envolvimento dos actores» (Capucha, 2008:7), de modo a poder corresponder ao desejo de mudança subjacente à implementação de um novo projecto. Assim, importa reflectir sobre o que simboliza a planificação de um projecto. Capucha transmite que planificar

«consiste em projectar uma mudança, antecipar conceptualmente uma realidade desejável, prever as etapas necessárias de transformação dessa realidade e os caminhos a percorrer pelos agentes [envolvidos], identificar os factores que afectam o processo e os modos como se pode intervir sobre eles, escolher as acções correspondentes e mobilizar os meios necessários para que a mudança desejada ocorra de facto no sentido projectado, [...] podendo desta forma introduzir] sentido e rigor na organização do pensamento e no processo de tomada de decisão sobre as iniciativas a desenvolver e a prossecução da acção» (Capucha, 2008:13).

No caso que aqui se dá conta foram tidas em consideração as crianças e jovens e consoante as características de cada um/a. Para se conseguir ter acesso às suas ideias e opiniões, foram realizados questionários às crianças e jovens (**Apêndice 3**) e também às famílias (**Apêndice 4**). Pretendia-se perceber o que gostariam de ver explorado naquele espaço, uma vez que, o *Espaço Aberto* pretendia contribuir para que estas crianças e jovens exteriorizassem os seus pensamentos, pois acredita-se que as crianças para além de contribuírem para a sua socialização, têm a capacidade de criar e participar nas suas próprias culturas de pares (Corsaro, 2007), revelando-se esta valorização face às crianças e jovens fundamental para a construção do projecto *Espaço Aberto*.

Deste modo, o gráfico abaixo revela as actividades que as crianças e jovens apontaram como predilectas para estarem presentes no *Espaço Aberto*, sendo que o acesso à internet e a pintura aparecem como as que tinham maior preferência, tendo este resultado influenciado o modo como o *Espaço Aberto* foi pensado e organizado, no que respeita às actividades.

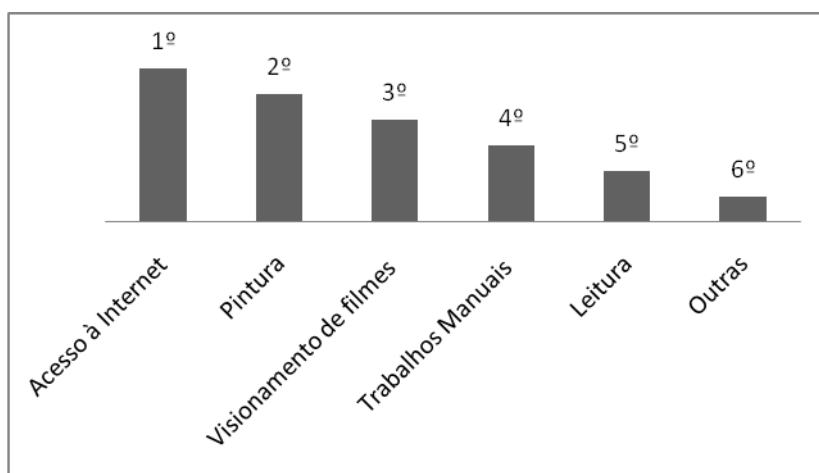


Gráfico 1 - Actividades preferidas das crianças e jovens do *Espaço Aberto*

Quanto ao segundo gráfico pode perceber-se que o mesmo tenta compreender quais os dias temáticos a que as crianças e jovens atribuíam maior significado, de modo a poder comemorar-se estes dias e pensar-se em actividades e intenções a adquirir com os mesmos.

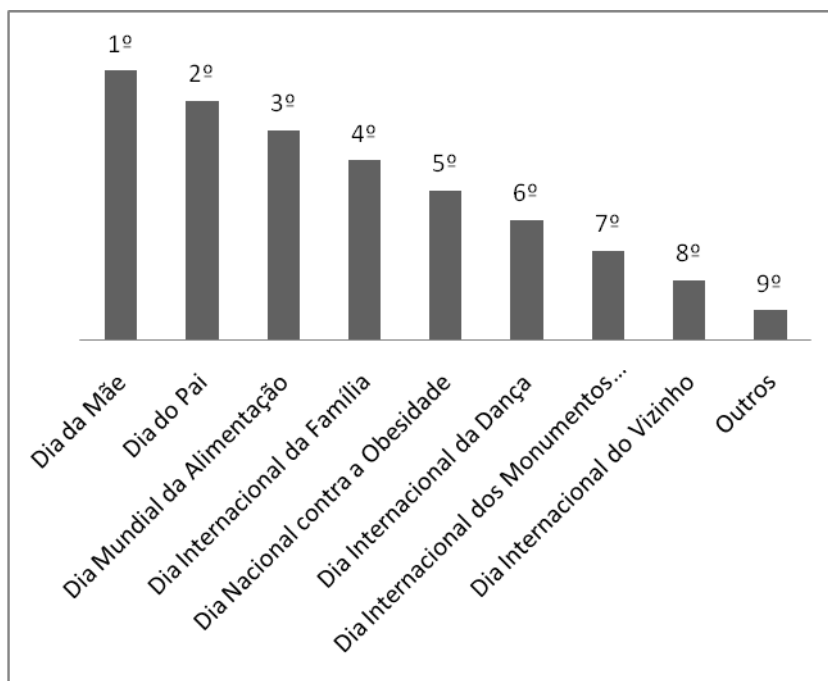


Gráfico 2 - Dias temáticos preferidos das crianças e jovens do *Espaço Aberto*

Seguindo as nossas intenções, bem como as intenções da instituição para aquele espaço e as sugestões de crianças, jovens e famílias considerámos pertinente desenvolver um conjunto de acções que permitisse criar formas particulares de estar e ver o mundo, de se entender no mundo enquanto sujeito participante de uma sociedade e cidadão. As acções desenvolviam temáticas conceptuais em torno da criação de uma identidade e relação com o espaço físico do projecto *Espaço Aberto*, explorando essa mesma relação com o ambiente desportivo em que se integrava e trabalhando sobre as figuras da *Dragon Force*; exploração da relação com a escola, onde se abordou como principais intenções o lugar da escola nos percursos individuais, a relação com os saberes escolares, assim como a escola e os pares; identificação dos espaços mais significativos para as crianças e adolescentes dentro da *Dragon Force*, a relação entre o mundo do futebol e o mundo das raparigas; relação com a família, através de actividades que permitiram compreender o significado e influência das famílias na projecção das crianças e jovens; exploração do conceito resolução de conflitos e do modo como se devem resolver os conflitos e/ou problemas; desenvolvimento do conceito de amizade, cooperação, afectos, amor e violência no namoro; importância do ambiente no futebol, onde a intencionalidade consistia em sensibilizar para as questões ambientais e energéticas; as acções conceberam também a intenção de explorar os saberes escolares, nomeadamente, o incentivo à leitura e a exploração da matemática através de jogos; a

importância da informática na escola e na actualidade, nomeadamente, as vantagens e perigos da internet; exploração do que as crianças e jovens desejam ser no futuro.

A organização destas temáticas, tal como aqui são apresentadas, ficou a dever-se em parte à necessidade de se desenvolver confiança por parte das crianças, jovens e famílias com o *Espaço Aberto*, e essa confiança existiria se antes pudesse verificar-se a criação de identidade com aquele projecto. A ligação inerente entre o *Espaço Aberto* e a escola guiaram também a organização destas temáticas, tornando-se de todo o interesse estabelecer esta relação desde a existência do projecto. E é também nesta lógica que a relação entre o mundo da escola e o mundo do futebol adquiriram toda a pertinência. Quando se conseguiu ir estabelecendo esta articulação entre o *Espaço Aberto*, o mundo do futebol e da escola, as famílias e a importância destas em todos os contextos em que participam os/as seus/suas filhos/as não deveria ser deixada de parte. As temáticas da *Resolução de Conflitos*, da *Sexualidade: a visão dos sentimentos* e da *Educação Ambiental* alcançaram sentido, na medida em que, a proximidade e confiança estabelecida com as crianças e jovens trouxe a possibilidade de se abordarem estas temáticas. Devido à relevância e à ligação do *Espaço Aberto* com a escola, a relação com os saberes escolares e com o mundo da informática não deveria ser posta de parte, pelas intencionalidades que acarretava e pela importância e simbolismo que estas temáticas trazem para a vida das crianças e jovens. A projecção no futuro serviu para fazer um balanço de todo este projecto, pois com esta temática podia compreender-se como é que as crianças e jovens vêem o seu futuro e o relacionam com o mundo da escola e do futebol.

3.2.2. Acções Educativas Desenvolvidas no *Espaço Aberto*

Tendo sido as acções educativas o ponto central do Projecto *Espaço Aberto*, permitindo estas que se explorasse conceitos-chave, como a educação para a cidadania, para os valores e para o desenvolvimento pessoal e social, apresenta-se de seguida, as acções educativas e as respectivas actividades mais significativas, pensadas e realizadas para cada acção. Antes de se avançar, importa esclarecer que as crianças e jovens tiveram influência na escolha das actividades, para cada temática que se abordou, pois não se desejou organizar as actividades para as crianças, mas sim com elas (Araújo, 2009), sendo que a palavra *para* ou *com* fazem aqui toda a diferença, revelando a importância que foi dada à opinião das crianças e jovens, a quem este projecto se dirigiu inteiramente.

Espaço Aberto: Criar Identidade, Criar Identificação

Era intenção desta acção explorar a relação entre o *Espaço Aberto* e o ambiente em que se integra, de modo a que as crianças e jovens conhecessem o espaço e se comesçassem a apropriar do mesmo, sendo que, o objectivo consistia em criar-se uma identidade com o espaço. Assim, estas intenções traduziram-se na realização do jogo *Peddy-Paper*, sendo que as crianças e jovens ficaram fascinados/as com essa actividade, pelo facto de poderem correr e procurar as palavras escondidas, demonstraram gostar tanto que solicitaram que este jogo fosse repetido várias vezes. Neste jogo as palavras escondidas transmitiam o que se pretendia criar naquele espaço, assim como as regras e comportamentos desejados para a escola *Dragon Force*, incluindo o *Espaço Aberto*. Pode comprovar-se que todos/as adoraram a actividade com as seguintes notas de terreno:

(...) «como forma de os entusiasmar para resolverem os trabalhos de casa rapidamente, sempre com a nossa ajuda, claro, revelei que de seguida se faria um jogo, o R ficou logo muito entusiasmado, que por vezes, já se desconcentrava nos trabalhos de casa para fazer o jogo» (NT6).

Com o excerto desta nota de terreno pode compreender-se que uma quebra na rotina diária é fundamental para que as crianças e jovens possam revitalizar energias, pois

«o cansaço, a rotina, a tensão e a saturação provocados por certas tarefas e ambientes fazem com que uma paragem no trabalho ordinário seja encarada com profundo agrado. Essa paragem corresponde a uma necessidade vital, que encontra resposta no descanso, no divertimento e na própria mudança de actividade que os tempos livres proporcionam» (Almeida, 1989:11-12).

«Entretanto como estavam muito entusiasmados com o jogo, isso acabou por suscitar a curiosidade de outros meninos/as que acabaram por entrar no espaço e participar no jogo. Penso que foi uma actividade de que gostaram muito, e todos/as se mostraram entusiasmados para voltar no próximo dia de treino» (NT6).

Contudo, deve ainda referir-se que dentro da mesma acção incentivou-se as crianças e jovens, durante as primeiras semanas, a desenharem ou pintarem o que desejassem para posteriormente ser afixado no espaço, esta actividade foi também uma estratégia para que eles/as se sentissem incluídos e sentissem que a sua participação é fundamental para que o espaço funcione.

«Hoje (...) as actividades centraram-se em pinturas com guaches, que no geral gostam muito, e pinturas com marcadores e lápis de cor» (NT3).

Esta acção educativa pela sua abrangência e intencionalidades mostrou-se significativa na construção da profissionalidade, enquanto mediadora sócio-educativa, pois permitiu que se desenvolvessem competências de vários níveis, nomeadamente, de coordenação, de organização e de dinamização da acção, tendo sido fundamental para a experiência profissional que se foi adquirindo, assim como, no que respeita aos relacionamentos e laços que se foram criando e esses traduzem-se em aspectos muito significativos quando se fala de Ciências da Educação.

Importa referir que entre a passagem de uma temática para a outra, se introduziu o Dia Mundial da Alimentação, deste modo, pretendia-se desenvolver um conjunto de actividades direccionadas para este dia em específico, de forma a sensibilizar para a prática de uma alimentação saudável e para o reconhecimento dos alimentos que devem ser consumidos com maior ou menor frequência. Assim, em parceria com o nutricionista a actividade durante a semana foi construir “Rodas dos Alimentos” com as crianças e jovens, onde se incluiu procura e recorte de alimentos, e posteriormente, colavam-se os alimentos nos locais adequados.

Para o último dia da semana, sendo este dia o Dia Mundial da Alimentação organizou-se uma actividade diferente, que entusiasmou muito as crianças e jovens que participaram, a actividade consistiu em elaborar espetadas de fruta, onde eles/as tinham que lavar a fruta numa taça, e posteriormente, cortá-la, de modo a colocá-la num pau, fazendo dessa forma, a espetada. As espetadas de fruta seriam para as crianças e jovens comerem e as que sobrassem para colocar na recepção, de modo a que as crianças e adultos que se dirigissem à *Dragon Force* pudessem tirar uma espetada de fruta, se assim o desejassem (**Apêndice 2 – Imagem 3 e 4**). Esta actividade tinha como intencionalidade sensibilizar as crianças e adolescentes para a importância de terem uma alimentação saudável, nomeadamente, através do consumo de fruta.

«A actividade decorreu muito bem, eles adoraram, e fizeram várias espetadas de fruta cada, para eles, alguns fizeram para os treinadores, fizeram para nós e para os pais, percebeu-se perfeitamente que se estavam a divertir com a actividade, nós ajudávamo-los a cortar e descascar as frutas mais difíceis, como o kiwi, uma vez que, as facas eram de plástico para eles não se magoarem, mas para cortar e descascar o kiwi tornava-se mais difícil. Todos eles participaram na actividade até à hora do treino, tal era a diversão» (NT19).

Com a realização desta actividade e com o entusiasmo que as crianças e jovens apresentaram, optou-se por neste dia não se realizarem os TPC, uma vez que era sexta-feira

não parecia grave que os TPC se realizassem durante o fim-de-semana, até pelo facto de os pais não esquecerem as suas responsabilidades, enquanto encarregados/as de educação e para além disso, o entusiasmo e a diversão que esta actividade trouxe foi tal que logo quando chegaram eles afirmaram de imediato que fariam os trabalhos de casa, noutro dia. Mas nem todos os pais compreenderam essa situação, como podemos comprovar com o seguinte excerto da nota de terreno:

(...) «quando veio o pai do C entregar-lhe o saco, como faz sempre, perguntou-lhe se os TPC já estavam feitos, ao que o C respondeu que não, explicando a actividade que lhes tínhamos proporcionado, e oferecendo mesmo uma espetada ao pai, que ele recusou, e o pai logo de seguida disse-lhe que se ele não fez os TPC, então no dia seguinte não iria ao *karting*, que poderia esquecer essa actividade. O C mostrou-se indignado, mas o pai voltou a afirmar que não iria, quase como se o estivesse a castigar por ele não ter feito os trabalhos de casa no *espaço aberto*. Como estava perto justifiquei que como era o dia da alimentação decidimos fazer outra actividade, explicando o que tínhamos feito e transmiti também que por ser sexta-feira pensamos em não realizar os trabalhos de casa, uma vez que, tinham o restante fim-de-semana para os fazer, o pai do C não comentou, reforçando ao C que ele não iria fazer a actividade planeada para sábado. De facto, o pai pode gerir a questão dos trabalhos de casa como quiser, mas ao estar a penalizar o filho por não ter realizado os trabalhos de casa no *espaço aberto* está de certa forma, a impor-lhe escolhas e a atribuir toda a responsabilidade de realizar trabalhos de casa ao *espaço aberto*, tirando essa responsabilidade de si próprios (NT19).

Gostaria de salientar que se acredita que estas actividades são muito importantes para que estes/as jovens sejam saudáveis e felizes e que o tempo livre é fundamental para que possam encarar as actividades que menos gostam, como a realização de TPC, com outra disposição, tornando essa tarefa menos penosa. Tal como nos transmite Almeida, «não esqueçamos que o dever de trabalhar não é mais importante do que o dever de cuidar dos tempos livres» (Almeida, 1989:13), pois o bem-estar que os tempos livres podem proporcionar influencia a motivação para tarefas que exigem mais concentração e responsabilidade.

A inserção nesta actividade adquiriu um sentido que interessa analisar, pois se por um lado, a inserção do *Espaço Aberto* em actividades já programadas pelo clube revela a inserção do espaço na *Dragon Force*, ou seja, revela que o *Espaço Aberto* construiu um significado para a *Dragon Force*, no geral. Por outro, contribuiu para a aquisição de competências profissionais, pelo facto, de exigir articulação com profissionais de outras áreas, de modo a exporem-se opiniões e a trabalhar-se no mesmo sentido, isto é, contribuir para que as crianças e jovens adquirissem conhecimentos e ficassem sensibilizados para a temática da alimentação.

Espreitar a Escola através da *Dragon Force*

A acção *Espreitar a Escola através da Dragon Force* surgiu para que se estabelecesse a ligação entre a Escola e a *Dragon Force*, e para que se compreendesse as percepções das crianças e jovens face ao mundo da escola. Assim, pensou-se numa actividade, que consistiu em trazer um jogador de futebol ao *Espaço Aberto*, com o objectivo de se estabelecer a comunicação entre as crianças e jovens e o jogador, fazendo com que os primeiros tenham consciência que existe mais para além do mundo do futebol. Ou seja, que paralelamente ao futebol temos a educação, que é imprescindível, uma vez que, «a educação é o processo que permite que o indivíduo se torne pessoa, através da apropriação dos valores humanos» (Marques, 2003:88). Deste modo, o jogador transmitiria a importância que atribui à educação, não só como futebolista, mas também noutros parâmetros da sua vida, enquanto cidadão, de modo a ser um “exemplo” a seguir. Inicialmente, estava planeado convidar um jogador ou ex-jogador do FCP, como o Vítor Baía, por exemplo, mas, esse pedido foi recusado, tendo sido justificado que a vinda de um jogador à *Dragon Force*, e mais especificamente, ao *Espaço Aberto*, deveria estar associada a mais iniciativas, de modo a poder contactar-se a comunicação social e desta forma, publicitar-se a vinda do jogador. De facto, o que se pretendia era algo mais discreto, sem comunicação social, pois o motivo da vinda do jogador seria conversar com as crianças e jovens.

No entanto, conseguiu-se que viessem dois jogadores da equipa de sub-19, da Casa do Dragão e foi uma sessão interessante, porque os jogadores estiveram muito próximos de todos, e a conversa foi informal, o que permitiu transmitir o exemplo que se queria (**Apêndice 2 – Imagem 5**).

Os jogadores (...) «começaram a conversar informalmente com as crianças, que era o que nós também pretendíamos, uma conversa próxima e informal, e que essencialmente as crianças e jovens compreendam que é possível ser-se jogador e continuar com outros projectos de vida, nomeadamente, a nível profissional. (...)

Penso que foi uma actividade interessante e importante para os meninos, contudo, gostaria de ter podido conversar com [os jogadores] antes de se ter estado com os meninos, no entanto, eles referiram o que tínhamos pensado e captaram bem a mensagem a transmitir. Mas pessoalmente tinha imaginado uma sessão mais interventiva entre crianças/jovens e os jogadores, o que não aconteceu, mas penso que o balanço é positivo» (NT22).

Uma actividade de grande sucesso entre as crianças consistiu em realizar um documentário, onde elas se filmavam e respondiam a questões elaboradas. Estas eram feitas por outro/a colega e, assim, esta actividade permitia que eles/as convivessem e partilhassem

experiências, uma vez que «todos temos a aprender uns com os outros» (Medeiros, 2006:20). Portanto, «é tempo de valorizar as vivências e as memórias como factores educativos» (Medeiros, 2006:20). Para além desta partilha de experiências e pensamentos, as crianças e jovens tinham que se imaginar no futuro, ou seja, projectar o seu percurso, de modo a que se compreendesse qual o lugar da escola e do futebol para as crianças e jovens. O que eles/as gostaram mais na actividade foi o facto de serem filmados e das suas opiniões serem valorizadas naquele espaço. Este espaço não faria sentido se não se valorizassem os pensamentos e opiniões de quem o frequenta.

«A parte de pegarem na máquina e filmarem encantava-os por completo, e preferiam filmar os colegas, do que responder às questões. Quando era possível constituir grupos de três, colocávamos um a fazer as perguntas, outro a filmar e outro a ser entrevistado e iam rodando entre eles. As respostas obtidas foram idênticas, embora seja possível compreender que algumas crianças têm objectivos que não passam pelo futebol e outras que têm a enorme expectativa de ser futebolistas, isto ainda em traços muito gerais» (NT23).

Na última semana desta temática estava planeado no calendário da *Dragon Force*, o evento Taça das Nações, em que é atribuído um país ou região a cada equipa da *Dragon Force*, e para que as crianças e jovens pudessem recorrer ao *Espaço Aberto* para serem ajudadas na realização dos trabalhos sobre o país ou região que lhes dizia respeito começou-se por efectuar

as pesquisas, sendo que eles/as [podiam] consultar no *espaço aberto* o que [necessitavam] para efectuar o trabalho, pensamos que seria também interessante que pintassem as bandeiras dos países respectivos» (NT25).

No entanto, as crianças e jovens das equipas de competição não eram abrangidas por esta actividade, portanto, pensou-se numa outra actividade para eles/as, sendo que se apostou

(...) «nas questões da multiculturalidade, estando estas também relacionadas com os diferentes países, decidimos para os mais novos dar-lhes imagens, com pessoas de diferentes etnias para desenharem ou pintarem e para os jovens decidimos fazer um jogo, em que colocamos países e capitais e eles tiram um papel, e têm que tirar outro com a respectiva capital ou vice-versa» (NT25).

As questões da multiculturalidade aparecem com relevância para serem abordadas, pois pretendia-se formar «para o viver e conviver com os [/as] outros [/as] e, simultaneamente, [formar para ...] o acesso de todos ao exercício pleno de uma cidadania» (Leite, 2002:147).

Para além disto, foi-nos ainda proposto criar um concurso para o fim-de-semana da Taça das Nações, em que cada equipa teria que responder a três questões sobre o país ou região que lhe dizia respeito, e as equipas que mais acertassem recebiam como prémio, um globo. Assim, fomos nós que criamos as perguntas e respectivas respostas para o concurso.

Como consequência das actividades proporcionadas durante esta semana, compreendeu-se que teria interesse debater e aprofundar as questões da multiculturalidade, de modo a contribuir-se para o desenvolvimento pessoal e social das crianças e jovens, pois sentiu-se que a questão da multiculturalidade e do respeito pelo/a outro/a seriam conceitos menos debatidos no dia-a-dia dos jovens. Com esta acção pretendia-se contribuir para a construção de «um código de conduta moral e cívica que oriente [os/as jovens] nas suas escolhas» (Marques, 1997:58).

Esta acção realizou-se através da elaboração de umas telas, em que as crianças e jovens pintavam as telas com as mãos (**Apêndice 2 - Imagem 6**), e de seguida, colocavam uma palavra relacionada com os direitos e deveres dos cidadãos ou sobre o respeito que se deve ter pelo/a outro/a, uma vez que,

nos temos (...) «apercebido de algumas brincadeiras ou expressões, que revelam alguns sinais de racismo, apesar de pensarmos que é realmente uma brincadeira e que não existe qualquer tipo de discriminação entre as crianças e jovens, consideramos que esta actividade seria importante, até para os sensibilizar mais para estas questões» (NT27).

Contudo, o que se pensou foi que se se tivesse apenas optado por debater esta questão certamente que as crianças e jovens não tinham ficado tão motivados/as, mas como ficaram envolvidos/as com a actividade de pintura, mostraram-se muito criativos e originais, pois defende-se que

«o acto de conhecer e aprender deve ser, em si, atractivo, deve despertar gosto, deve envolver [os sujeitos]. Só assim haverá algumas garantias de transferência do conhecimento para novos contextos e situações futuras; só assim haverá uma atitude de auto-educação permanente». Acreditamos que este «deve ser (...) o princípio central que deve presidir à definição e clarificação das metodologias pedagógicas e didácticas. Só assim o(s) texto(s) se (re)integram no(s) seu(s) contexto(s), abrindo caminhos. Só assim vale a pena o esforço – inevitável – no acto de aprender» (Medeiros, 2006:116).

Por se defender uma educação que envolvesse os sujeitos e que contribuísse para o seu desenvolvimento, optou-se por acções práticas e que exigissem criatividade, pois acredita-se

que quando as crianças e jovens revelavam gostar da(s) actividades(s) estas tornaram-se muito significativas, adquirindo a importância desejada.

O Mundo do Futebol

A pertinência desta acção justifica-se na medida em que nos pareceu importante compreender qual o significado atribuído pelas crianças e jovens ao mundo do futebol. O objectivo desta temática assentou então em compreender-se como é que eles/as construía(m) o seu projecto de vida, relacionando-o com as vivências escolares e com o mundo do futebol, pois «as identidades juvenis e as dinâmicas de escolaridade não [são] fenómenos independentes, gerados em campos sociais distantes, mas sim duas faces de uma mesma realidade, fenómenos interdependentes e analiticamente indissociáveis, que se constroem um ao outro num processo dialéctico» (Abrantes, 2003a:94). A construção de um projecto de vida implica estabelecer uma relação entre a identidade que se cria e aquilo que a educação nos transmite, pois a criação da identidade é influenciada pelo processo de educação a que estamos sujeitos. Deste modo, esta acção concretizou-se ao propor-se a realização de uma foto – reportagem sobre a *Dragon Force*, com o intuito de identificar os espaços mais significativos e evidentes para as crianças e para os adolescentes. Assim, as crianças e jovens, com o nosso acompanhamento fotografaram os espaços a que atribuíam maior sentido, dentro da escola, sendo que posteriormente, deviam justificar as suas escolhas, tendo sido esta a parte da actividade que menos gostaram.

Nesta acção existiram actividades que as crianças e jovens não gostaram e as quais não surtiram os efeitos planeados, nomeadamente, uma actividade que implicava recortes e colagens acerca dos direitos da criança (**Apêndice 2 – Imagem 7**) e a visualização do filme “Jogando como Beckham”.

No que respeita à actividade dos direitos da criança como era uma actividade mais teórica, apesar de ter os recortes e colagens, as crianças e jovens, de um modo geral, não demonstraram muito entusiasmo, inclusive as que fizeram a actividade num dia não quiseram repeti-la no dia seguinte, tal como se pode perceber pela nota de terreno:

«Como a maioria das crianças e jovens que estiveram hoje no *Espaço Aberto* já tinham estado no dia anterior não quiseram repetir a actividade que consistia em recortarem os direitos das crianças e colarem em cartolinas, assim como alguns desenhos de crianças. Para os que ainda não tinham feito a actividade sugerimos que a fizessem, alguns mais motivados, outros nem tanto lá foram fazendo, e com os jovens da equipa de sub-13 como já tinham estado lá na 5ª feira, fomos conversando acerca do dia

que tiveram, pois a sexta-feira é um dia de maior descontração, até porque os jovens já se encontram mais cansados para fazer actividades e é sempre um dia mais calmo» (NT36).

Isto remete para uma outra questão a salientar que é o facto de os/as jovens gostarem de conversar e confiarem em nós para nos contarem as suas vivências. E esta constitui também uma actividade que se exerce com regularidade, as conversas informais e debates acerca das questões que as crianças e jovens lançam são uma constante no *Espaço Aberto*. Desde o início idealizou-se estabelecer com eles/as uma relação de proximidade e confiança, através da comunicação, pois «o acto de comunicar implica abertura e essa abertura, quando é bem acolhida, é factor de realização e formação. O acto de comunicar, em verdade, implica confiança e sinceridade mútuas» (Medeiros, 2006:159). E pensa-se que se pode dizer que o acto de comunicar é um pilar estrutural no *Espaço Aberto*. Assim, importa salientar o conteúdo desta nota de terreno:

(...) «estiveram a conversar connosco sobre o que se tinha passado nos intervalos das aulas, sendo que era o C que queria contar o que se tinha passado entre ele e a namorada hoje, é interessante compreendermos como em tão pouco tempo os jovens com 11, 12 anos já se sentem à vontade para nos “confidenciarem” as experiências que têm com as namoradas, o que conversam, quando se “zangam”, sendo que nos mostramos sempre disponíveis para o que eles nos quiserem dizer. A verdade é que ficamos muito contentes e satisfeitos ao percebermos que não precisamos de abordar determinados temas para eles se sentirem à vontade connosco e a confiança que fomos construindo é para eles suficiente para partilharem o que sentem e o que vivenciam, sendo que sentimos que os nossos conselhos são úteis e o que os escutam com atenção» (NT36).

Uma outra actividade que não fascinou muito as crianças e jovens foi a visualização do filme, apesar de terem visto algumas partes do filme e alguns deles o terem visto quase todo, ao longo da semana, sentimos que o facto de o filme retratar a história de uma rapariga que jogava futebol não foi muito aliciante para eles, notando-se por vezes, alguns comentários discriminatórios, como “as raparigas não são capazes de jogar assim” ou “é sobre uma rapariga não interessa”. Deste modo, percebeu-se que é importante numa próxima temática tratar as questões de género, para que a igualdade entre raparigas e rapazes seja cada vez mais uma igualdade real, pois «um dos principais objectivos da igualdade é o de permitir a todas as pessoas a plena participação e o acesso a uma gama completa de actividades, permitindo-lhes assim realizar todo o seu potencial» (Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, 2009:13). Apesar de existirem raparigas a jogar na *Dragon Force* e de não se verificarem comportamentos discriminatórios dos rapazes sobre as raparigas, considera-se que é relevante que as crianças e os jovens «compreendam que a desigualdade ou a discriminação não

acontecem por acaso, que a forma como a sociedade e o desporto estão organizados pode condicionar as escolhas e opções das raparigas e também dos rapazes» (Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, 2009:21). Será em consequência desta reflexão que posteriormente, se abordaram acções, onde se salientaram as questões de género e de igualdade de oportunidades entre rapazes e raparigas.

A Família no Natal

A finalidade principal desta acção assentava em estabelecer proximidade entre as crianças e as famílias, de modo a que estas últimas pudessem compreender quais os objectivos do *Espaço Aberto*, enquanto projecto educativo e para sensibilizar ambas para a importância da afectividade e das “prendas simbólicas” numa época consumista, em que se tornou o Natal. As actividades que permitiram a operacionalização desta acção assentaram na elaboração de trabalhos manuais, por parte das crianças e jovens, para posteriormente mostrarem aos familiares, como pais, avós, etc. Ou mesmo que estas lembranças fossem elaboradas em conjunto com os familiares, no entanto, isso não foi possível, pois nem sempre os pais ou avós tinham disponibilidade para ficar a elaborar as lembranças com as crianças. Para além disso, este mês fizeram-se os enfeites para a árvore de Natal do *Espaço Aberto*, (**Apêndice 2 – Imagem 8**) esta foi uma actividade que as crianças e jovens gostaram bastante, pois estavam a contribuir para a decoração do espaço, tendo em conta a época do ano.

Ainda durante este mês tiveram que se construir umas letras no *Espaço Aberto* a desejar Feliz Natal, para o *Peddy-Paper* que se realizou no Estádio do Dragão, no âmbito do Campo de Férias de Natal, o qual será explorado posteriormente. Desta forma, solicitou-se às crianças e jovens ajuda e colaboração para a realização desta tarefa.

«Durante esta semana propusemos às crianças e jovens construírem connosco umas letras de tamanho A0, que servirão para o *Peddy-Paper* que estamos a organizar no campo de férias. Estas letras são necessárias para se formarem as palavras Feliz Natal, onde as crianças que participarem no *Peddy-Paper* terão que as descobrir e colocá-las no relvado» (NT37).

Contudo, é de revelar que as crianças e jovens não se demonstraram muito satisfeitas a realizar a actividade, em primeiro lugar por ser uma actividade mais “imposta”, do que propriamente de realização livre, uma vez que, as letras eram necessárias para o *Peddy-Paper*. E também pelo facto de ser uma actividade demorada e que exigia um nível de concentração elevado, para desenhar e recortar as letras.

[...] «Importa dizer que não gostaram muito da actividade, porque exigia bastante concentração para que as letras ficassem bem desenhadas e o facto de ser relativamente “obrigatório” também não me agradou muito, porque as crianças e jovens sentiram a obrigatoriedade da actividade, o que não é habitual no *espaço aberto* e para além disso, também não queria exigir-lhes o contributo na actividade, o que se pretende é que eles/as adiram às actividades, de livre vontade e senão quiserem podem ser feitas outras actividades relacionadas com a mesma temática. Mas esta semana isto não foi possível, tivemos que pedir-lhes diversas vezes para contribuírem para a actividade ou a desenhar as letras, ou a colar ou cortar» (NT37).

Importa focar que estas letras deviam ter sido feitas numa gráfica, contudo, como o orçamento era demasiado elevado para o valor que o FCP pretendia gastar, optou-se por solucionar a questão o mais rapidamente possível, tendo-se elaborado as letras no *Espaço Aberto*. Isto pode comprovar-se com a seguinte nota de terreno:

Infelizmente, as letras eram para ter sido feitas numa gráfica, mas como o orçamento para umas letras a cores de tamanho A0 era elevado para o que o F.C.P. pretendia gastar, acabamos por solucionar a questão, sendo nós a fazer as letras e sugerindo às crianças e jovens que frequentaram o *Espaço Aberto* esta semana para colaborarem connosco na realização das letras (NT37).

Ainda durante este mês pensou-se numa recolha de brinquedos, para ajudar crianças e jovens de uma instituição mais desfavorecida, ou seja, as crianças e jovens que frequentavam a *Dragon Force*, mais concretamente o *Espaço Aberto*, levariam um brinquedo ou um jogo para oferecer a uma instituição. Com esta iniciativa pretendia-se despoletar a solidariedade, pois sendo esta uma época de extremo consumismo, acredita-se que se as crianças e jovens forem encaminhados pelo princípio da solidariedade e da partilha tornar-se-ão seres conscientes das diferentes realidades existentes, assim como sensíveis a estas questões. De facto, compreende-se que «a educação ocorre em todos os ambientes em que a criança se encontra» (Piletti, 2003:111), uma vez que, estas são ideologias educacionais a alcançar no *Espaço Aberto*, portanto, como transmite Durkheim «a educação consiste na socialização metódica das novas gerações» (Piletti, 2003:111). Esta iniciativa (doação de brinquedos) foi aceite e vista como muito interessante e positiva, no entanto, por questões temporais, alheias à nossa determinação, a mesma não pôde avançar.

Resolução de Conflitos

Pensou-se que seria pertinente para as crianças e jovens abordar a acção *Resolução de Conflitos*, pois seria uma forma de abordar conceitos como a inter-ajuda, auxílio ao próximo, companheirismo, diálogo, resolução de problemas e conflitos, cooperação, entre outros, uma

vez que, viver em sociedade pressupõe a existência de um sistema de valores, que faz parte da herança cultural (Marques, 2003) representando estes conceitos parâmetros fundamentais na educação para a cidadania.

(...) «É uma temática importante para abordar com as crianças e jovens, [uma vez que] a maioria das vezes decidem resolver os problemas que têm entre eles com alguma violência, pensamos que esta temática lhes pode incutir princípios e valores necessários para um crescimento saudável» (NT38).

Deste modo, a actividade que primeiramente se desenvolveu consistiu em pedir às crianças e jovens que elaborassem desenhos que ilustrassem o que para eles/as é um conflito e como se deve solucioná-lo (**Apêndice 2 – Imagem 9**),

(...) «dando como exemplos que eles/as nos transmitam como resolvem os problemas que têm entre colegas ou como os devem resolver. Neste primeiro dia tivemos uma jovem, a N que fez um desenho muito interessante de como se devem resolver os conflitos entre as jovens da sua idade, pensamos inclusive em usar o desenho durante a semana para servir de exemplo para as outras crianças e jovens» (NT38).

Nas outras semanas explorou-se esta acção através do jogo que todas as crianças e jovens gostavam muito, que é o *Peddy-Paper*, com o objectivo de que compreendessem como podem resolver os seus conflitos e quais os princípios que lhes são valorizados. Para além deste jogo, pediu-se a colaboração de três estudantes do 1º ano do Mestrado em Ciências da Educação, e que desenvolveram actividades de cooperação na Universidade Júnior, para irem um dia ao *Espaço Aberto* realizar actividades relacionadas com essa temática, junto das crianças e jovens que frequentavam o espaço (**Apêndice 2 – Imagem 10**). Quanto a estas actividades pode concluir-se que

«de uma forma geral, os jovens demonstraram muito interesse e entusiasmo por todas as actividades propostas, apesar de no início estarem um pouco envergonhados e não se estarem a envolver muito, conforme foram chegando mais colegas foram participando com mais entusiasmo e intensidade nos jogos sugeridos pelas mestrandas. E considero que a actividade das cócegas os ajudou a sentirem-se mais à vontade para colaborarem nas restantes actividades. Este foi um dia muito divertido para as crianças e jovens, construtivo e pedagógico, no que respeita à temática resolução de conflitos e mesmo para a partilha de actividades e ideias entre as crianças e jovens» (NT44).

No que respeita a esta acção educativa considerou-se que as finalidades propostas foram alcançadas, uma vez que,

«apesar de as crianças e jovens afirmarem espontaneamente que resolvem os problemas que têm entre si, através da “violência”, como baterem uns nos outros, até resolverem os seus conflitos, reconhecem facilmente que essa não é a forma mais correcta. Desta forma, os desenhos que elaboram representam geralmente duas crianças ou jovens que tiveram um conflito e que o tentam resolver, através do diálogo, e das cedências entre as partes envolvidas. Portanto, pensamos que esta actividade tem atingido os objectivos propostos, na medida em que as crianças e jovens compreendem como devem solucionar os problemas com os quais se deparam, junto dos colegas e familiares» (NT39).

Sexualidade: a visão dos sentimentos

A acção que se desenvolveu surgiu pelo facto de os/as jovens, sobretudo os mais crescidos terem revelado desejar abordar a temática, enquanto estavam no *Espaço Aberto*, uma vez que conversavam sobre os “namoros”, os relacionamentos com os/as colegas, entre outros assuntos. Assim pôde compreender-se que:

«Este tipo de conversa agrada sobretudo aos jovens da equipa de sub-13 que já demonstram alguns conhecimentos sobre sexualidade, por vezes conhecimentos “embaraçosos”, pois não queremos uma abordagem simplista das questões biológicas, nem queremos explicar-lhes “demasiado” para acautelarmos que não fazem experiências, por já estarem muito esclarecidos. De facto, este não é um tema de fácil abordagem, no entanto, é um tema que nos parece fundamental, uma vez que, queremos formar estes jovens para a cidadania e para os relacionamentos com os outros.

Assim, durante esta semana temos conversado sobre as experiências que eles já tiveram (...)» (NT45).

Deste modo, a acção foi introduzida, através de conversas informais para que se pudessem compreender quais as dúvidas que os/as jovens traziam. Sendo a sexualidade uma temática abrangente e não se querendo adoptar uma abordagem puramente biológica, pensou-se que esta acção só adquiria sentido se envolvesse as questões afectivas e os relacionamentos.

Assim, posteriormente, elaboraram-se lembranças para o Dia dos Namorados, ou seja, as crianças e jovens que assim o desejassem elaboraram desenhos ou recortes para oferecer aos/às respectivos/as namorados/as. Apesar de alguns afirmarem não ter namorada gostavam na mesma de pintar os desenhos seleccionados. E foi com esses desenhos e com a elaboração de uma cartolina que se decorou o *Espaço Aberto* em função deste tema (**Apêndice 2 – Imagem 11**). Pode perceber-se que aderiram bastante à actividade, com o seguinte excerto:

«pensamos que seria interessante para as crianças e jovens realizarem desenhos, pinturas ou recortes para o caso de quererem oferecer aos/às seus/suas “namorados/as”, eles/as têm gostado bastante das actividades, até porque através destas conversarmos sobre os relacionamentos» (NT45).

Ainda na abordagem desta acção e na perspectiva de fomentar uma educação para a cidadania e para os valores, resolveu-se explorar a temática violência no namoro, para que as crianças e jovens pudessem perceber o que é violência física e psicológica, a importância do respeito pelo/a outro/a, a igualdade de género, de direitos e de deveres numa relação, assim pensou-se

«(...) em palavras e frases significativas sobre este tema, [onde] os jovens têm que construir as palavras e/ou frases e posteriormente, colar numa cartolina ou em papel de cenário [**Apêndice 2 – Imagem 12**]. Estas palavras e frases revelam atitudes que devem ter nas relações de afectividade, a importância de respeitar o/a outro/, as suas opiniões e gostos, a partilha, amor, cuidado, a violência como algo negativo e prejudicial nas relações, entre outras» (NT47).

Sendo este um tema que consideramos tão relevante optou-se por realizar o jogo do *Peddy-Paper*, uma vez que as crianças e jovens demonstraram constantemente interesse em repeti-lo. Assim,

«a parte que os jovens mais gostam é da procura das palavras e/ou frases, na construção por vezes já se dispersam um pouco, mas a partir do jogo consegue discutir-se questões referentes à temática. Os mais novos também têm estado envolvidos na actividade ou realizam desenhos livres» (NT47).

Importa referir que se acredita que abordar a temática da *Sexualidade: a visão dos sentimentos* é

«um direito das crianças [e] dos jovens [...] O direito a poderem usufruir livremente dos benefícios do debate de ideias sobre as diferenças morais que são características [...] O direito a utilizarem os recursos disponíveis para viverem a sua sexualidade de uma forma saudável e gratificante» [...] A sexualidade «deve ser um conjunto de actividades que ajudem as pessoas a encararem a sexualidade como uma componente positiva do seu corpo, das suas vidas, das relações que estabelecem, e a escolherem os seus caminhos, de uma forma informada e consciente» (Marques *et al.*, 2002:7).

Assim, esta temática revelou-se extremamente pertinente para se abordar junto das crianças e jovens, pois defende-se que é importante desmistificar os mitos que eles/as traziam consigo, assim como, numa educação para a cidadania, os valores como os afectos, o respeito pelo próximo, os sentimentos são essenciais para uma sociedade mais consciente e humana.

Educação Ambiental

A acção *Educação Ambiental*, à semelhança das restantes acções reflectia intencionalidades educativas, como a sensibilização para as questões ambientais, a abordagem de preocupações sociais, que se traduziram na educação ambiental, o incentivo para que as crianças e jovens compreendessem a existência de outros mundos, para além do futebol e da importância destes.

Assim, a primeira actividade realizada explorava como se deve proteger o ambiente, para isso, as crianças e jovens desenvolveram

«cartazes sobre a protecção ambiental e sobre as questões que consideraram mais significativas relativas ao ambiente. Nos dois cartazes que elaboraram e que já estão colocados no *Espaço Aberto* as crianças e jovens recortaram imagens para colar nas cartolinas, relativas à protecção ambiental e elaboraram pinturas» (**Apêndice 2 – Imagem 13**) (NT48).

Um dos métodos que contribuem para a protecção ambiental é a separação do lixo, deste modo, pensou-se que teria interesse realizar uma actividade em que as crianças e jovens fizessem a separação do lixo, sendo também de salientar que demonstraram interesse nesse tipo de actividade. Portanto, organizou-se um ecoponto “improvisado”, quer isto dizer que se construiu um ecoponto com um saco amarelo, um saco azul, um saco verde e um saco preto, que simbolizaram as cores do ecoponto. Para além disso, escolheram-se imagens e materiais, correspondentes aos diferentes tipos de lixo, proporcionando às crianças e jovens o jogo do *Peddy-Paper*. Ou seja, a actividade consistiu em imprimir-se imagens e recolher-se

«embalagens, papéis, vidros e lixo orgânico. [...] Com estes materiais optamos por esconder em envelopes as imagens que se tinham impresso e após as crianças e jovens efectuarem a primeira parte do *Peddy-Paper*, que é descobrir onde estão os envelopes, pegavam nas imagens e colocavam nos sacos correspondentes, sendo que, fizemos o mesmo com as embalagens, papéis, vidros e lixo orgânico. Apesar de este ter sido um “ecoponto” improvisado as crianças e jovens divertiram-se muito com esta actividade, pois revelou-se muito prática» (NT49).

Na altura em que se estava a abordar a acção da *Educação Ambiental*, comemorou-se o Dia do Pai, portanto, dedicou-se uma semana (a semana do Dia do Pai) à elaboração de lembranças, como postais e desenhos com as crianças e jovens para oferecerem aos seus pais (**Apêndice 2 – Imagem 14**). Pensou-se que simbolizar este acontecimento da nossa sociedade seria um meio de contribuir para um relacionamento próximo e saudável entre as crianças e famílias. Inicialmente, colocou-se a possibilidade destas lembranças se elaborarem em

conjunto entre as crianças e os pais, no entanto, não se verificou viável, uma vez que, muitas das vezes, não eram os pais que levavam as crianças ou jovens à *Dragon Force*, assim como muitos quiseram elaborar o postal ou desenho fazendo uma surpresa.

«De uma forma geral, as crianças e jovens aderiram à actividade, tendo inclusive realizado postais e desenhos muito interessantes para darem ao Pai. [...] Quando as crianças ou jovens não queriam desenvolver lembranças para oferecer ao Pai, apresentávamos-lhe como hipótese fazerem um desenho ou um postal sobre o que quisessem» (NT50).

Ainda na temática relacionada com o ambiente abordou-se o Dia Mundial da Água e o Dia Mundial da Árvore, tendo-se optado por sensibilizar as crianças e jovens a elaborarem cartazes sobre a importância da água e sobre as árvores e porque precisamos delas, assim, construiu-se um cartaz em forma de árvore (**Apêndice 2 – Imagem 15**), onde as crianças e jovens escreviam uma mensagem e um outro com gotas de água (**Apêndice 2 – Imagem 16**), também com mensagens acerca da utilidade da água. Esta actividade revelou-se muito significativa, porque permitiu ajudar a consciencializar as crianças e adolescentes para o significado do ambiente no nosso dia-a-dia, tendo-se julgado pertinente efectuar esta abordagem não esquecendo a interligação entre o ambiente e o desporto, como é o caso do futebol.

Saberes Escolares: à procura de um sentido

Um dos objectivos do Projecto *Espaço Aberto* assentou em estabelecer uma relação articulada com a escola. Esta relação articulada existiu ao longo de todo o processo de estágio, pelo facto deste assentar num projecto de mediação sócio-educativa. Para além disso, organizou-se uma acção educativa, que consistiu nos *Saberes Escolares*, e que revelava como finalidade conseguir criar uma

«relação “utilitarista” com a escola. Neste sentido, desenvolve-se um mundo adolescente, de linguagens, valores e hierarquias, que escapa e muitas vezes se opõe às lógicas escolares. Porém, os jovens adquirem também uma “fachada identitária”, que lhes permite integrarem-se parcialmente na escola e obterem qualificações» (Abrantes, 2003a:96).

Esta finalidade permite perceber que com frequência as crianças e jovens conseguiam entender a utilidade da escola, e se por vezes, a escola se opõe aos princípios de socialização da criança ou adolescente, verifica-se também um esforço por parte das próprias crianças para

se identificarem com a realidade escolar, percebendo assim a sua importância ao longo do caminho que percorrem.

Com esta temática perspectivava-se então que as crianças e jovens explorassem e se motivassem a estudar diferentes temas, de uma forma lúdica e divertida, para que cada vez mais a escola possa ser vista como um meio de aprendizagem interessante e global. Assim, defende-se a valorização do «lúdico nos processos de aprendizagem [pois] significa, entre outras coisas, considerá-lo na perspectiva das crianças. Para elas, apenas o que é lúdico faz sentido» (Macedo, *et al.* 2005:16).

Como se defende esta perspectiva começou-se por tratar a matemática, que é vista por muitas crianças e jovens com uma disciplina que acarreta grandes “problemas”, e a forma lúdica encontrada para explorar a matemática consistiu na prática da mesma através de jogos, como o *Sudoku* e o *Jogo do 24*. Ambos funcionaram muito positivamente, pois as crianças e jovens aderiram aos jogos, com grande entusiasmo.

Para além da matemática, estava também previsto realizar-se um documentário, pois as crianças e jovens tinham gostado bastante do primeiro que realizaram, a diferença consistiu em que este seria tratado em inglês, ou seja, teria como objectivo perguntas e respostas elaboradas em inglês, sendo que o género de questões foi adequado às diferentes faixas etárias. No entanto, é de salientar que de uma forma geral as crianças e jovens não aderiram com entusiasmo à actividade, sendo que ainda começaram a elaborar as questões para o documentário, mas depois revelaram não querer responder às mesmas em inglês. Considerou-se que esta actividade não funcionou, pois assemelhava-se aos conteúdos escolares e portanto, eles/as não se encontravam tão disponíveis para a realização da mesma.

No que respeita a esta acção ainda se programou uma actividade, que consistia em incentivar as crianças e jovens para a importância da leitura, inicialmente, planeou-se estabelecer uma parceria com uma ludoteca, para que eles e elas a pudessem consultar, na própria *Dragon Force*, mas posteriormente, por questões temporais, esta actividade infelizmente, não se pôde desenvolver. Assim, optou-se por utilizar os livros que o *Espaço Aberto* continha para que se motivasse as crianças e os/as jovens a consultá-los e explorá-los.

Com o desenvolvimento destas actividades pretendia-se explorar a ligação à educação formal, numa óptica lúdica, mas em que também existiu esforço e empenho por parte das crianças e jovens, optou-se por esta abordagem, uma vez que, «o brincar é um comportamento que permite o conhecimento de si próprio, do mundo físico e social e dos sistemas de comunicação, o que leva a considerar a actividade lúdica como intimamente relacionada com o desenvolvimento da criança, e assim com a aprendizagem» (Araújo, 2009:132). Assim,

todas estas actividades demonstraram-se pertinentes e os/as jovens aderiram, participando activamente nas mesmas, compreendendo que os saberes escolares também podem ser divertidos.

O Mundo Virtual

A acção *Mundo Virtual* pretendia explorar a importância e a evolução da informática no mundo actual, sendo esta uma temática que as crianças e jovens adoraram, pois encontram-se muito envolvidos com esta área, sendo um mundo a descobrir para eles/as. Deste modo, decidiu-se elaborar uma cartolina, em que se explorava o que as crianças e jovens gostavam mais de fazer no computador e por outro lado, os perigos que a internet pode trazer, uma vez que, se pensou que seria interessante e necessário explorar as “vantagens” e “desvantagens” deste mundo. Para esta acção tinha-se também planeado criar um *blog* do *Espaço Aberto*, no entanto, esta actividade acabou por não se realizar, pois seria necessário pedir autorização aos/às Encarregados/as de Educação para a participação das crianças e jovens no mesmo, e como já nos encontrávamos na recta final do estágio não foi possível efectuar essa mesma autorização, nem realizar posteriormente a actividade, isto por questões temporais.

No que respeita a esta acção também não se tornou viável organizar a visualização de um filme, que estava previsto para a última semana, uma vez que, o estágio acabou uma semana mais cedo, do que o plano de actividades tinha inicialmente previsto.

Projectar-se no Futuro

A abordagem desta acção ficou a dever-se ao facto de se ter desejado compreender como é que as crianças e jovens se projectam no futuro, após todo o trabalho desenvolvido ao longo do *Espaço Aberto*. Ou seja, se as expectativas dos/as jovens assentam na construção de um projecto de vida, que vai para além do mundo do futebol, concebendo outros mundos nas suas realidades quotidianas, nomeadamente, o mundo da escola.

Defende-se que as crianças e jovens atribuem um sentido à escola e é nesta perspectiva que esta temática adquiriu toda a pertinência, uma vez que, tal como aponta Abrantes,

«os [/as] jovens não vão simplesmente à escola: apropriam-se dela, atribuem-lhe sentidos e são transformados por ela. Se parte deles sente o processo de escolaridade como uma imposição, uma violência, a que se resiste ou que se abandona, para outros esse processo é um suporte fundamental na construção do percurso de vida e do projecto identitário. Em qualquer dos casos, a escola constitui hoje uma das instituições fundamentais em torno das quais os [/as] jovens estruturam as suas práticas e discursos, os seus trajectos e projectos, as suas identidades e culturas» (Abrantes, 2003a:93).

Portanto, a actividade consistiu em conversar informalmente com as crianças e jovens acerca do que idealizam para o seu futuro pessoal e profissional, sendo que, também se elaborou uma cartolina (**Apêndice 2 – Imagem 17**) com as profissões que os/as meninos/as desejam ter, apesar de a maioria continuar a afirmar que anseia ser jogador de futebol, continuando a alimentar este sonho! Também é verdade que muitos/as colocaram outras profissões, para além de jogador de futebol, tendo-se percebido então o sentido que atribuem à escola, ou seja, quer-se com isto dizer que se compreendeu que estas crianças e jovens trazem consigo uma cultura da escola, da importância que a escola trará para o seu futuro, tendo sido também estas as finalidades a trabalhar com esta acção.

Se por um lado, esta acção foi de extrema importância tendo contribuído para o modo como as crianças e jovens encaram o seu futuro, transmitindo uma maior ou menor relevância ao mundo da escola e/ou ao mundo do futebol. Por outro, importa reflectir que esta acção enriqueceu-me também, enquanto profissional de Ciências da Educação, tendo contribuído para trabalhar com as crianças e jovens a importância da relação entre a escola e outras realidades.

O projecto *Espaço Aberto* aqui apresentado e desenvolvido reflecte grande parte do trabalho realizado durante o estágio, pois com as ideologias educativas que concebeu e que pretendia atingir, através da implementação de acções educativas, traduziu-se num projecto significativo na *Dragon Force* e para as crianças, jovens e famílias. De tal modo, que este projecto terá continuidade no próximo ano lectivo, verificando-se também a expansão do mesmo, crescendo a par e passo com a *Dragon Force* que também se encontra em expansão.

Assim sendo, pode concluir-se que as acções educativas desenvolvidas foram significativas para as crianças e jovens, uma vez que, as ajudaram na estrutura de pensamento, tal como na reflexão e sobretudo na educação que se pretendia construir e fomentar nas crianças e jovens que frequentaram o *Espaço Aberto*. Este foi «o espaço, por excelência, das aprendizagens lúdicas, daquelas que permitem o (...) desenvolvimento pessoal e social e das aprendizagens relacionais e afectivas». Foi o espaço onde «os [/as] jovens [aprenderam] não só a estar com os [/as] amigos [/as] (...) mas também a conhecerem-se a si próprios [/as], à vida e aos outros ou ainda (...) a dar valor à amizade, a aprender a ser solidário e a lutar pelo que se quer» (Alves, 2006:55).

Este espaço foi um símbolo de crescimento e de amadurecimento para estes/as jovens, que ali encontraram um local de convívio, de interacção, de partilha e de ajuda, ali reflectiram, deram a sua opinião, sabendo que a mesma não seria criticada, mas sim,

orientada, num relacionamento que se caracterizou pelo sorriso e pelo bem-estar, num local que tinha regras, mas que sabia igualmente respeitar o tempo e o espaço dos/as jovens, dando-lhes um espaço de socialização.

3.3. Projecto *Bolsa de Mérito*: uma estratégia de Mediação Sócio-Pedagógica

A mediação sócio-educativa e da formação esteve presente em todo o projecto de estágio, contudo neste projecto em concreto, verificou-se a existência de um processo de mediação mais específico e particularizado, de acordo com as necessidades dos sujeitos envolvidos no mesmo, pois «a mediação parece exigir a manifestação explícita da vontade das partes que serão objecto da intervenção. Na mediação, serão as partes que convocam o “interventor”» (Neves, 2010:39). Tendo a mediação inerente a si própria esta característica, pode compreender-se que fomos convidadas a integrar este projecto, uma vez que, somos profissionais de mediação, e esta constitui a «condição [da] afirmação social de uma área do saber» (Neves, 2010:41), ou seja, para o exercício da mediação sócio-educativa era necessário ter conhecimentos específicos, de modo a poder integrar-se este projecto, iniciando a construção e orientação do mesmo.

3.3.1. Projecto *Bolsa de Mérito*: contextualização no presente

Para que se possa compreender a necessidade interventiva da mediação sócio-pedagógica neste contexto e uma vez que, este projecto foi alvo da nossa intervenção, importa reflectir sobre o que contextualiza o projecto *Bolsa de Mérito Dragon Force*. Este é um projecto que atribui aos/às jogadores/as com elevado potencial futebolístico, e que apresentem uma dedicação e comportamento exemplares a possibilidade de jogarem com isenção do pagamento das mensalidades e participação nos campeonatos distritais. Através da linguagem de género percebe-se que este projecto contempla a possibilidade das raparigas também usufruírem do mesmo, estando desta forma presente, uma ideologia que assenta na igualdade de participação desportiva entre o género masculino e feminino (Hardin e Whiteside, 2009). No entanto, constatou-se que este projecto inevitavelmente por questões sociais se dirige em primeira instância para jovens do sexo masculino, pois a nossa sociedade ainda remete a prática desportiva de competição, essencialmente o futebol, para os rapazes. «As discriminações diferem [então] consoante o contexto social e histórico, apresentando-se, actualmente, mascaradas numa sociedade que apregoa mais do que pratica, que legisla mas não age, assumindo as mais diversas formas resguardadas por um ilusório direito de todas as

mulheres à igualdade» (Silva *et al.*, 2005:359). Compreende-se assim que no caso da prática de futebol, embora esta modalidade possa ser praticada pelo sexo feminino, a realidade indica-nos que se destina essencialmente ao sexo masculino.

No que respeita à envolvimento no desempenho escolar para o projecto *Bolsa de Mérito Dragon Force*, apesar de este não ser tido em consideração quando o/a jogador/a é escolhido para pertencer à *Bolsa de Mérito Dragon Force*, é fundamental para poder continuar a usufruir da mesma que o seu desempenho escolar seja exemplar, à semelhança da sua postura, enquanto jogador/a, uma vez que, se acredita que as suas actividades não são só conciliáveis, mas de benefício mútuo (Documento *Bolsa de Mérito Dragon Force*). Ou seja, se os jovens que pertencem à *Bolsa de Mérito Dragon Force* não apresentarem resultados escolares satisfatórios, que consistem em manter e/ou melhorar a prestação escolar serão castigados, não sendo convocados para jogos ou torneios e em última instância, afastados da equipa a que pertencem até apresentarem melhorias significativas.

3.3.2. Aspectos particulares da Mediação Sócio-Pedagógica

A mediação específica deste projecto assentou naquilo que se apelida de mediação sócio-pedagógica, pois consistiu em acompanhar a situação escolar das crianças e jovens que jogavam nas equipas de competição da *Dragon Force*, estabelecendo contacto com os jovens, as escolas e as famílias. Esta mediação consistiu essencialmente no estabelecimento da comunicação entre as diferentes partes envolvidas, pois «na notoriedade da mediação não está ausente a tendência para reduzir [...] os] défices de comunicação entre os indivíduos (...)» (Correia e Caramelo, 2010:20). Deste modo, compreende-se que se pretendia facilitar a comunicação entre os jovens, a escola e as famílias, interpretando o desempenho de cada uma das partes.

Para além disso, a mediação exercida neste projecto visava funcionar como «um meio de ajuda, proporcionando a cada indivíduo a possibilidade deste se responsabilizar cada vez mais por si, ajudando-o também a descobrir as suas capacidades individuais» (Oliveira *et al.*, 2005:23). Pretende-se com isto referir que este processo de mediação não pressuponha a resolução de conflitos, mas sim uma acção em que, enquanto mediadora, ajudaria a que os jovens se tornassem mais autónomos e conscientes da importância da sua prestação na escola, servindo ao mesmo tempo de intermediária (Oliveira *et al.*, 2005), de modo a acompanhar as situações educativas das crianças e jovens que eram abrangidas pelo Projecto *Bolsa de Mérito*. Enquanto mediadoras sócio-pedagógicas, neste projecto, foi também nossa função elaborar e reflectir continuamente sobre o processo que se estava a implementar, de modo a

compreender-se a evolução do mesmo e quais as necessidades que surgiram com a sua prática.

3.3.3. Desenvolvimento do processo de Mediação Sócio-Pedagógica entre Jovens, Escola e Famílias

Uma vez desencadeada a pertinência deste projecto, importa salientar que o mesmo assentou num processo de mediação sócio-pedagógica, onde se manteve uma triangulação entre a *Dragon Force*, a escola e as crianças e jovens, sendo que o mesmo atravessou diferentes fases, que o constituíram.

Em primeiro lugar foi estabelecido um contacto formal com as escolas, através do envio de uma carta; aquando da recepção da carta os/as directores/as de turma deviam entrar em contacto connosco, por telefone ou e-mail, para a partir desse contacto se marcarem as reuniões; posteriormente, efectuaram-se as reuniões nas escolas, com os respectivos directores/as de turma, de modo a conseguir perceber-se se os jovens eram assíduos, pontuais, participativos, qual o comportamento que os caracterizava durante as aulas e fora delas, incluindo o relacionamento que estabeleciam com os/as colegas, professores/as e funcionários/as, se realizavam os TPC, se levavam os materiais necessários para as aulas e quais os resultados escolares que apresentavam; na fase seguinte elaboraram-se relatórios com os assuntos tratados nas reuniões e divulgaram-se os resultados, interna e externamente (por externamente entende-se os/as Encarregados/as de Educação). Nas situações em que o sucesso escolar se verificou foi efectuada uma reunião com os/as Encarregados/as de Educação, após os resultados terem sido divulgados ao Departamento Pedagógico, ao coordenador técnico da *Dragon Force* e aos treinadores das respectivas equipas de competição, para se transmitir o que se tinha compreendido da reunião efectuada com os/as directores/as de turma, salientando os aspectos positivos e o que ainda poderia ser melhorado na prestação escolar. Quando as situações escolares dos jovens apresentavam uma maior preocupação, pelo facto de existir um insucesso evidente e até de certa forma contínuo no tempo, eram pensadas propostas que pudessem ajudar na melhoria efectiva do sucesso escolar, sendo que estas propostas eram apresentadas em primeira instância ao Departamento Pedagógico, ao coordenador técnico da *Dragon Force* e aos treinadores, para posteriormente se efectuar uma reunião com os Pais, com o objectivo de se apresentarem as propostas pensadas, articulando com as necessidades e com os ideais dos/as Encarregados/as de Educação, uma vez que se defende que «a família [deve ser o] espaço educativo por excelência, [sendo também...] considerada o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afectivo, no qual se “criam” e “educam” as crianças, ao proporcionar os contextos

educativos indispensáveis para cimentar a tarefa de construção de uma experiência própria» (Diogo, 1998:37), desta forma e por se acreditar neste ideal pretendia-se envolver as famílias em todo o processo, de modo a que em conjunto pudessemos trabalhar para o sucesso escolar e desportivo dos jovens.

Este projecto concebia também, após a primeira reunião com a escola, que se mantivesse um contacto de dois em dois meses (sensivelmente) com os/as directores/as de turma, estabelecendo uma aproximação regular e de continuidade com as crianças e jovens.

Como «[...] não podemos pensar nas escolas apenas como locais que procuram maximizar o aproveitamento dos alunos individualmente. Em vez desta perspectiva mais psicológica e individualista, temos que interpretar a escola [como...] social [e] cultural» (Apple, 1997:16-17). Deste modo, entende-se que a escola, devido ao meio social e cultural em que se insere e devido às suas lógicas de funcionamento nem sempre consegue que os/as seus/suas alunos/as atinjam o sucesso desejável, pois para que esse patamar deixe de ser utópico, passando a ser real é necessário que a escola consiga e tenha meios para

«analisar a envolvente social com vista à compreensão profunda da relação escola/sociedade, o que permitirá detectar problemas que só aparentemente são exteriores à escola, e levará à compreensão do que está por detrás de cada um [/a] dos [/as] nossos [/as] alunos [/as], condicionando o seu comportamento afectivo e cognitivo. Pretende-se que cada um [/a] deles [/as] deixe de ser *um* [/a] aluno [/a] para ser *este* [/a] aluno [/a] aceite como tal. Permitirá que o professor tenha uma consciente intervenção no processo educativo, pois que possibilitará actuações adequadas aos problemas, interesses e pressões sociais latentes na aula, mas por vezes não explícitas» (Cortesão, 1988:164-165).

Deste modo, e se na maioria das situações escolares se pode revelar que a assiduidade, pontualidade, comportamento, participação, realização dos trabalhos de casa e os resultados escolares mantiveram alguma estabilidade e portanto, sucesso escolar, ou seja, tanto na equipa de Sub-11, como na equipa de Sub-13 existem alunos com prestações escolares excelentes, e outros com prestações médias, mas que mantiveram regularidade, apresentando motivação e envolvimento com e na escola. Contudo, também existiam algumas situações em que a relação com a escola se revelou mais complicada, isto no que respeita aos resultados escolares e à própria motivação face aos conteúdos escolares e à escola. Aquando das reuniões com as respectivas directoras de turma compreendeu-se que as situações escolares desses jovens acarretavam alguma preocupação relativamente ao sucesso escolar.

Assim, os casos que suscitaram uma maior preocupação apresentavam como principais lacunas escolares o insucesso a diferentes disciplinas, já verificado em anos anteriores, como por exemplo, às disciplinas de matemática e língua portuguesa, o comportamento durante as

aulas não era de modo algum exemplar, revelando dificuldades de atenção, a participação insatisfatória e a não realização dos TPC com regularidade eram também características destes alunos.

Posto isto, pensou-se que o mais adequado seria conversar com os jovens, em particular, sobre as suas situações escolares, de modo a sensibilizá-los e a tentar motivá-los para a importância da escola, assim como para os questionar porque não participavam e não estavam atentos nas aulas e qual o motivo que levava a realizarem com pouca frequência os trabalhos de casa, sendo que nos foi referido por um dos jovens que por vezes

«sente dificuldade em realizar os TPC, nós sugerimos que ele viesse para o *Espaço Aberto*, mais cedo e com mais frequência para o podermos auxiliar na realização dos TPC, e mesmo junto dos outros colegas pode esclarecer algumas dúvidas, mas o DS revelou que nem sempre tem tempo para ir mais cedo para o *Espaço Aberto*. Desta forma, pensamos que o mais adequado será conversar com os pais para vermos a possibilidade de o DS vir mais cedo, de modo a realizar os TPC no *Espaço Aberto* ou vermos a possibilidade do DS ser acompanhado na realização dos TPC, para que se sinta mais entusiasmado e motivado, pois se sentir mais motivação o facto de ter dúvidas não será motivo para não realizar os trabalhos de casa. Parece-nos que trabalhar a motivação do DS é fundamental, pois ele revela ser responsável e querer ter sucesso, mas compreendemos que o facto de ter dúvidas o impede de realizar os TPC» (Relatório Mediação DS).

O passo seguinte consistiu em reunir com os/as Encarregados/as de Educação para em conjunto se decidir como agir e como se poderia motivar estes jovens para a escola, sendo que ficou acordado que frequentariam com maior assiduidade o *Espaço Aberto*, de modo a tentar combater-se as lacunas escolares, tal como em casa seria prestado um maior controlo à realização dos trabalhos de casa e às horas dedicadas ao estudo. Contudo, durante a realização das reuniões pôde constatar-se que por questões sociais e culturais os/as Encarregados/as de Educação, apesar de se revelarem preocupados/as com as situações escolares dos filhos, compreendeu-se que não existe na estrutura familiar uma inquietação por motivar os seus filhos para a importância da escola, pois de facto, as questões sociais e culturais influenciam os modos e a importância atribuída às diferentes situações!

O acompanhamento dado no *Espaço Aberto* não prejudicaria, no entanto, os objectivos do espaço, ou seja, não se esqueceria que

«sem tempos livres, não há gosto de fazer aquilo que mais contribui para a valorização pessoal, não há convívio agradável e despreocupado, não há recuperação de energias físicas e espirituais. Sem tempos livres, diminui a iniciativa, a criatividade, a participação, a alegria de viver e até o próprio trabalho acabará por ter menor rendimento» (Almeida, 1989:12).

Nesta perspectiva seria dado apoio escolar aos jovens, sem que no entanto, deixassem de realizar as actividades planeadas para o *Espaço Aberto*, enquanto lugar que promove a educação para a cidadania e para os valores.

Quanto ao acordo estabelecido com os jogadores, este não foi de imediato posto em prática, para que os jovens tivessem a oportunidade de apresentar melhorias escolares e não sentissem que estavam a ser penalizados, sem lhes ser dada a oportunidade de recuperar os resultados obtidos até então. De facto, após a primeira reunião com as Directoras de Turma e com os/as Encarregados/as de Educação os jovens demonstraram-se mais empenhados nas tarefas escolares, melhorando significativamente o seu comportamento e participação durante as aulas, sendo ainda de valorizar o facto de serem alunos que se encontravam desmotivados na escola e que desenvolveram um esforço, tendo-se dedicado verdadeiramente para conseguirem melhorar.

No entanto, e apesar do esforço dos jovens, não foram visíveis melhorias significativas no período escolar seguinte e apesar das mediadoras sócio-educativas defenderem que deviam ser revistas e repensadas as estratégias para os ajudar a recuperar, nomeadamente, voltar a reunir com os/as Encarregados/as de Educação, sugerindo-lhes que os acompanhassem na realização dos trabalhos de casa, ou mesmo que os colocassem em centros de explicações, para que o acompanhamento escolar pudesse ser personalizado e de acordo com as lacunas escolares de cada situação. Sugeriu-se também que os/as Encarregados/as de Educação controlassem o método de estudo para os testes e o comportamento, uma vez que, muitas das vezes o comportamento desajustado os penalizava nos resultados escolares. Assim como, contactar as directoras de turma quinzenalmente, com o objectivo de compreender qual a evolução destes alunos, no que respeita, ao comportamento, participação, realização de trabalhos de casa e resultados dos testes. Para além disso, nós, enquanto mediadoras sócio-educativas defendemos

«que o acordo estabelecido com os jovens devia contemplar as especificidades de cada um, nomeadamente, ao nível social, económico e cultural, sendo que [no] acordo [actual] estes aspectos não se verificam» (Relatório Intermédio de Mediação do B).

No entanto, estes jovens foram sancionados, não tendo sido convocados para jogos e/ou torneios, pois a equipa técnica considerou que não se deveria deixar de dar o exemplo aos restantes colegas da equipa e para que os jovens pudessem ser responsabilizados pelos seus actos, postura e dedicação.

Desta forma, interessa reflectir sobre o modo como este processo se desenvolveu, pois defende-se que os castigos aplicados constituíram-se como muito penosos, uma vez que, os jovens não apresentavam motivação pela escola, sendo que vislumbravam no futebol as oportunidades que por vezes, a escola não lhes oferece, que é o simples facto de terem “sucesso” no futebol. Portanto, a motivação destes jovens face à escola incidia na ligação existente entre a escola e o mundo do futebol, assim pode afirmar-se «a necessidade de [se] construir situações educativas que, por um lado, tenham em conta o grau de desenvolvimento da criança e as suas especificidades (...) e, por outro, que se assumam, também, como situações educativas gratificantes e necessariamente diversas» (Trindade, 2003a: 128-129). De facto, a escola e a educação têm que compreender que cada criança é um ser único, com capacidades próprias e portanto, o seu «olhar sobre o mundo não é só diferente do olhar do adulto», é também um olhar pessoal (Trindade, 2003a:138). Nesta perspectiva defende-se que «”é para a criança que tudo se dirige, é da criança que tudo irradia”» (Decroly, in Dubreucq cit. por Trindade, 2003a:137) e logo, devia ser esta a lógica defendida pelo *Projecto Bolsa de Mérito*, assim como pela escola no seu global.

A escola adopta neste projecto um papel relevante e presente, pois este assume-se como um processo de mediação, e uma vez que, os/as mediadores/as não encontram soluções sozinhos/as, aliás, actualmente é função do/a mediador/a conversar com as partes envolvidas (Vezzula, 19/05/08: seminário sobre mediação de conflitos). Para além disto, acredita-se que as crianças e jovens só gostam da escola, quando o esforço é também feito por parte dos/as professores/as. O/A aluno/a obtém sucesso na escola, quando o/a professor/a compreende que este/a é um sujeito activo e participativo e quando as diferenças são respeitadas, porque se se desejar “moldar” todos/as os/as alunos/as, muitos/as deles/as não se encaixarão no “molde”.

Assim torna-se fundamental que a relação entre professores/as e crianças assente em que os primeiros aprendam

«a olhar, a escutar, a tocar, a [relacionar-se] com [os segundos] através das suas múltiplas expressões e [esperando] que com as suas lições possamos propor uma [educação] centrada numa pedagogia de relações, tornando o confronto um importante impulsionador do convívio das diferenças» (Coutinho cit. por Cerisara, 2004:47).

De facto, quando a escola conseguir concretizar “o convívio das diferenças”, estará ao mesmo tempo a permitir que todos/as os/as alunos/as se consigam identificar com ela, pois assim, a escola não seria uma instituição “estranha” para alguns/mas, mas sim uma instituição onde todos/as se sentem compreendidos/as e “abrigados/as” por ela. Contudo, deve reflectir-

se que nem sempre a escola colaborou com este projecto, tal como se tinha idealizado, pois algumas vezes foi pouco receptiva aos contactos estabelecidos, e quando se demonstrou receptiva nem sempre o contacto foi estabelecido com a regularidade desejada para acompanhar as situações, e se «a mediação sócio-cultural [é vista] como uma mais-valia na promoção de projectos, ao visar a participação [da escola] na procura de soluções adequadas a uma mudança na relação educacional» (Oliveira *et al.*, 2005:13), pode desta forma, concluir-se que o facto de a escola dever participar activamente na procura de soluções é essencial para o sucesso deste projecto, pois a mediação por si só não resolve a questão da inclusão e do bem-estar dos/as alunos/as na escola.

3.3.4. Legitimidade do papel de Mediadora Sócio-Educativa

Tendo sido constituída a necessidade, de no projecto Bolsa de Mérito *Dragon Force*, encontrar-se mediadoras sócio-educativas que pudessem estabelecer a ponte entre a escola, os jovens e as famílias, pode então compreender-se que a mediação é deste ponto de vista entendida numa perspectiva de intervenção, de modo a poder facilitar e viabilizar a comunicação entre as partes envolvidas (Vasconcelos-Sousa, 2002; Schnitman & Littlejohn, 1999).

Nesta medida fomos convidadas para fazer parte deste projecto, exercendo as funções de mediadoras sócio-educativas, sendo que, importa explicar que este convite surgiu de modo informal, em conversa com o coordenador técnico, que questionou quais seriam as funções das licenciadas em Ciências da Educação, explicou-se as diversas áreas de intervenção e o coordenador técnico considerou que seríamos as pessoas indicadas para estabelecer a mediação entre a escola e a *Dragon Force*, reportando as informações à família, sempre que necessário e oportuno. Não esquecendo a importância das crianças e jovens estarem informadas e terem conhecimento da existência do projecto, das nossas tarefas e das informações recolhidas.

No entanto, é também de salientar que fomos convidadas para este projecto, uma vez que, o *Espaço Aberto* era muito frequentado pelas crianças e jovens das equipas de competição, e desde o início do projecto que o contacto estabelecido com estas crianças e jovens se tornou crescente. A relação que se fomentou com eles baseou-se na comunicação, ajuda e partilha e sentiu-se que eles gostavam de frequentar o espaço, sendo que se percebeu que aqueles momentos antes do treino no *Espaço Aberto* eram fundamentais para o companheirismo entre eles. Pode comprovar-se isto mesmo com a seguinte nota de terreno:

(...) «já tínhamos o A, dos sub-13 à nossa espera para ir para o *Espaço Aberto*, inclusive a mãe estava com ele e comentou que até tinha ficado surpreendida com o tempo que ele tinha estado connosco no dia anterior e que ele tinha revelado ter gostado muito, transmitimos que estávamos muito contentes, que era mesmo isso que queríamos, que eles gostassem de estar naquele espaço.

(...) Esteve também a fazer um desenho, mas disse que preferia recortar e então estivemos a recortar e a conversar com ele, sobre a escola, os treinos e jogos, o *Espaço Aberto*, entre outras coisas (NT5).

Assim, com este projecto tinha-se um papel a desempenhar, ou seja, enquanto mediadoras sócio-educativas devia trabalhar-se no sentido de mediar a relação entre a escola, as crianças e jovens e a *Dragon Force*. Estava, então, a «criar[-se] uma cultura de mediação», (Caldeira, 19/05/08: seminário sobre mediação de conflitos) no clube, princípio que parecia interessante para a existência de uma relação positiva entre a escola, crianças e jovens (incluindo a família) e o clube. Pretendia-se enquanto mediadoras sócio-educativas estabelecer uma relação constante com os/as directores/as de turma das crianças e jovens, de modo a efectuar-se um balanço da sua prestação social e escolar, identificando os pontos mais fortes e fracos, não só do aluno/a, mas também da escola, no geral, e das condições que esta proporcionava ao/à aluno/a em questão. Nesta medida, este processo de mediação assentou na apelidada «mediação de diferenças», uma vez que procurava «estabelecer laços e interacções interpessoais e sociais, até aí inexistentes ou perdidos, entre indivíduos, grupos e comunidades», esta mediação caracterizou-se por ser «preventiva e antecipadora» (Guillaume-Hofnung, 2005 cit. por Silva e Moreira, 2009:7). De facto, ambicionava-se que este processo fosse preventivo, pois, desejava-se agir de modo a que nenhum/a jogador/a tivesse que abandonar a equipa de competição devido aos resultados escolares, sendo que o princípio fundamental era que eles não esquecessem a importância da escola para as suas vidas futuras, enquanto cidadãos. A escola apesar de com frequência não conseguir incluir os/as alunos/as, de modo a que estes se sintam motivados e obtenham sucesso, o prestígio que a escola pode conquistar é

«fruto de uma aposta clara na integração, concretizada através de incentivos ao estudo e ao sucesso, [de] uma relação informal entre professores [/as] e alunos [/as], inúmeros espaços e actividades extra-aulas. Ainda que minoritário, existe assim um conjunto significativo de professores e alunos muito empenhados em desenvolver novas iniciativas e ofertas educativas, que vão rompendo com obstáculos e imobilismos, gerando novos recursos e competências, em cooperação com agentes exteriores» (Abrantes, 2003b:111-112).

É neste prestígio que consiste na integração de todos/as os/as alunos/as, incluindo aqueles/as que apresentam maior dificuldade em obter sucesso escolar que se verificou uma aposta real por parte deste projecto de mediação sócio-pedagógica com os jovens, pois pretendia-se que estes jovens obtivessem sucesso escolar, de modo a continuarem a investir na escola.

Assim, antes de se avançar com este projecto pensou-se que teria toda a relevância avisar as crianças e jovens, porque sendo um projecto que os envolve directamente não teria sido correcto não lhes explicar o que se pretendia, para além disso, o princípio sempre foi construir uma relação de confiança com eles e portanto, não faria sentido não partilhar com eles o que foi feito para e com eles também. No entanto, esta mediação trouxe-lhes alguma preocupação e ansiedade, pelo facto de se ir às escolas conversar com os/as directores/as de turma, eles apresentavam receio sobre o resultado desse contacto, pois temiam sair do futebol. O nosso papel foi também esclarecer que o que se pretendia era ajudá-los e que este contacto servia para prevenir que tivessem que abandonar o futebol, pois podia agir-se para que essa situação não se verificasse. Estas dúvidas e anseios estão retratados no seguinte excerto:

(...) «quando me aproximei dele, ele perguntou-me logo: ”é você que vai falar com a minha professora, não é?” Eu disse-lhe que ele me podia tratar por Sara, e que sim seria eu a ir à escola dele falar com a directora de turma dele, mas para não se preocupar com isso, sendo que ele transmitiu que já estava preocupado, porque tinha 3 negativas e era mal comportado nas aulas. Então optei por lhe perguntar porquê que ele achava que era mal comportado? Ele disse-me que se distrai e conversa muito, então aconselhei-o a tentar não conversar tanto, nem se distrair e que quanto às notas é possível recuperar e que é isso que vamos tentar fazer juntos. Mas compreendi pelo que ele me foi dizendo que achava que eu ia à escola para “ouvir as queixas da professora” e para saber das notas. Como compreendi isso e não quero de forma alguma que associem a nossa intervenção à de um “vigilante”, esclareci logo ao K e ao M (que também estava ao nosso lado) que eu vou às escolas para os ajudar a terem sucesso na escola e em tudo o resto e que não quero que pensem que os vou prejudicar, porque de forma alguma é isso que se pretende, apenas queremos acompanhar as diferentes actividades que têm e ajudá-los ao máximo a continuarem bem no futebol e na escola e a melhorar os aspectos menos bons e que se precisarem ou quiserem conversar comigo sobre algum aspecto estão inteiramente à vontade (...)» (NT35).

O estabelecimento de uma relação de confiança com os jovens, em que se apostou na demonstração da pertinência da escola e da obtenção de sucesso foi um ponto fulcral deste projecto de mediação sócio-pedagógica, que permitiu contribuir para a legitimação do nosso papel, enquanto mediadoras sócio-educativas, e neste caso concreto enquanto mediadoras sócio-pedagógicas.

3.3.5. Balanço da acção desenvolvida

Em jeito de balanço do projecto de mediação sócio-pedagógica que se desenvolveu pensa-se que é interessante reflectir que o *Projecto Bolsa de Mérito Dragon Force* tinha como finalidade motivar os jovens para a importância da escola, de modo a que compreendessem que aliado ao sonho do futebol deviam ter a escola como realidade. No entanto, considera-se que esta sensibilização e este desencadear de motivação sobre a escola devia ter em atenção as particularidades de cada jovem, uma vez que, cada jovem constrói

«o seu universo simbólico, no qual inscrevem as suas experiências, gostos e aspirações, tendo esse universo consequências directas nas suas posições e disposições face à escola. É óbvio que esse universo não resulta da imaginação de cada jovem. Pelo contrário, é produzido no decurso das interacções sociais e está fortemente ancorado em determinações estruturais» (Abrantes, 2003b:15).

Os/As jovens atribuem então à escola os sentidos que esta acarreta em função das experiências pessoais e sociais que cada um traz do seu percurso de vida, e neste sentido é de ter em consideração que por vezes os castigos podem funcionar mais como um desistir da escola, do que propriamente “agarrar” a escola como uma oportunidade de vida. Até porque as situações que “necessitaram” de um castigo foram precisamente as situações de jovens que apresentaram uma maior resistência à escola. Nesta lógica parece fazer sentido reflectir que

«a inadaptação à escola aparece, de certa forma, associada a manifestações de rebelião contra um sistema relativamente ao qual alguns [/mas] jovens sentem que pouco ou nada tem para lhes oferecer. A este tipo, *os baldas*, pertencem jovens de diferentes condições sociais, que por diferentes motivos, adoptam (...) um comportamento de alheamento ou de repulsa relativamente ao sistema escolar ou a alguns dos seus aspectos mais formais» (Pais, 1996:233).

A postura das famílias face a este projecto foi fundamental para a implementação do mesmo, uma vez que, o apoio das famílias e o seu interesse face às situações escolares dos seus educandos revelou-se imprescindível para o sucesso escolar e para o sucesso desta mediação, pois é no seio da estrutura familiar que todos os valores se constroem.

No que respeita à escola, esta foi essencial para este projecto, pois a mediação só existiu efectivamente quando a escola deu resposta ao processo, e tentou-se que a escola percebesse que o projecto era uma mais-valia para os seus alunos, para que pudessem cimentar o sucesso e as oportunidades que a escola deseja trazer para todos/as, sem excepção.

Assim, esta articulação entre a *Dragon Force*, a escola e as famílias permitiu que os jovens tivessem como objectivo incluir a escola nas suas vidas, de modo, positivo e aqueles

que acarretavam maiores dificuldades que lutassem, com a ajuda da mediação sócio-pedagógica, da escola e da família para criar uma imagem positiva e saudável da escola.

3.4. Organização de actividades para os Campos de Férias

Para além do plano de actividades correspondente ao *Espaço Aberto*, importa explorar a planificação e organização de actividades para os Campos de Férias, uma vez que, fomos solicitadas para planificar, organizar e realizar actividades a desenvolver nos Campos de Férias do Natal e Páscoa.

Assim, estas actividades lúdico-pedagógicas seguiram a ideologia do *Espaço Aberto*, isto é, em todas as actividades planeadas e realizadas a interacção entre todos/as é um factor fundamental, pois tal como transmite Alonso *et al.* é importante que se valorize uma concepção construtivista do desenvolvimento humano, onde a aprendizagem é entendida como um processo de construção pessoal e social do conhecimento, sendo a interactividade um factor chave para o sucesso (Alonso *et al.*, 1994). Portanto, as actividades planeadas tiveram sempre em consideração a interactividade, a partilha, a generosidade e a diversão entre todas as crianças e jovens.

Desta forma, para o Campo de Férias do Natal planificaram-se as seguintes actividades: convidar uma instituição que cuide de crianças, em que as crianças/jovens da *Dragon Force*, acompanhados pelos treinadores, mostrassem a escola *Dragon Force*, e posteriormente, realizassem jogos. Um dos jogos a realizar poderia ser o “Famoso na Testa”, em que se seleccionam imagens ou nomes de jogadores de futebol, uma das crianças tira e cola na testa da criança que tem que adivinhar quem é, e a criança que tira o nome ou a imagem dá pistas à outra. Com esta actividade pretendia-se desenvolver a importância da partilha, de se aprender a conviver com os/as outros/as, respeitando as diferenças de género, de condições sócio-económicas, e até eventualmente, culturais. O jogo é lúdico, em que se pretende o convívio entre as crianças e jovens; realização de trabalhos manuais alusivos à época natalícia, em que com a cooperação dos treinadores podiam fazer um desenho colectivo, acerca do Natal e a desejar um bom Natal para todos/as. Neste desenho colectivo também se podem inserir recortes, colagens e pinturas. Esta actividade continha como objectivo desenvolver um trabalho natalício, em que todos/as em conjunto partilhassem ideias, opiniões e cooperassem entre si; pretendia a socialização entre pares, a aprendizagem de partilha de interesses e a serem solidários entre si; uma outra actividade sugerida era que as crianças e jovens fizessem bolachas, com a ajuda de formas natalícias, em que a receita e a supervisão da actividade eram realizadas pelo nutricionista. Esta actividade podia realizar-se depois do almoço,

posteriormente, as bolachas seriam colocadas no forno do bar, enquanto as crianças e jovens se encontravam a treinar, no fim do treino já podiam comê-las e partilhar com os pais. Esta actividade apresentava como objectivo essencial a importância de se construir uma alimentação saudável, e como se podem manter hábitos saudáveis, mesmo em alturas festivas, como é o caso do Natal; planeou-se também o visionamento de um filme/documentário e respectiva discussão. O filme (*Madagáscar 2*) explorou questões como a cooperação, a importância da partilha e da interacção; para finalizar as actividades planeadas para o Campo de Férias do Natal organizou-se o jogo do *Peddy-Paper* onde se englobou a temática da escola, do treino e das atitudes e regras a ter em ambos os locais, não esquecendo a importância da amizade, do respeito e do companheirismo entre colegas. Com a actividade do *Peddy-Paper* pretendia-se que as crianças e jovens apreendessem atitudes e regras que deviam ter e respeitar, tanto na escola, como na *Dragon Force*, incluindo nos treinos e no *Espaço Aberto*, e que se debatesse também, o respeito, o companheirismo, ou seja, a importância da amizade.

Das actividades propostas em cima, foram realizadas neste campo de férias a actividade do *Peddy-Paper*, que se realizou no Estádio do Dragão, tendo sido uma forma de as crianças e jovens conhecerem e explorarem o Estádio do Dragão, jogando em grupo, de forma a cultivarem valores como o companheirismo, respeito, amizade, entre outros, e da visualização do filme, sendo que no final dedicou-se algum tempo à discussão do filme e às questões da importância da amizade, que estavam tão presentes neste filme.

No que respeita ao Campo de Férias da Páscoa, este tinha como temática principal o *GeoCup*, portanto, em consequência desta temática foi solicitado pensar-se em actividades que estivessem relacionadas com as questões geográficas. Assim, as actividades planeadas foram as seguintes: jogo “Famoso na Testa”, que apresentava os mesmos objectivos que estavam pensados para o Campo de Férias do Natal; realização de trabalhos manuais, em que com a cooperação dos/as treinadores/as podiam fazer desenhos colectivos, acerca de cidades que já visitaram. Nestes desenhos colectivos podiam inserir-se recortes, colagens, pinturas e plasticina para representar a cidade que visitaram. Esta actividade tinha presente como objectivos educativos que todos/as em conjunto partilhassem ideias, opiniões e cooperassem entre si; a socialização entre pares, aprender a partilhar interesses e a serem solidários entre si; planeou-se também um passeio ao Parque da Cidade, onde fizessem um piquenique/almoço saudável, com a colaboração do nutricionista. Após o almoço podiam fazer jogos de futebol e/ou jogos tradicionais (jogo do lenço, jogo da macaca, jogo do saco, etc.). Assim, as crianças e jovens compreenderiam a importância de se construir uma alimentação saudável e variada,

fomentando o trabalho em equipa, a cooperação, a diversidade cultural e a diferença; planeou-se ainda a visualização de um filme (Ratatui) e respectiva discussão. Este filme permitiria criar uma discussão sobre a cooperação, a importância da partilha, da interacção, sobre a igualdade de oportunidades, do trabalho de equipa, solidariedade e percursos de vida; para além destas actividades pensou-se em voltar a realizar o jogo do *Peddy-Paper*, onde se englobava a temática da geografia. Ou seja, os/as treinadores/as esconderiam bandeiras de países e cidades distintas para que posteriormente, as crianças e jovens as procurassem e pudessem identificar o país e cidade correspondente de cada bandeira, ganharia a equipa que encontrasse mais bandeiras e que acertasse na correspondência. Com este jogo pretendia-se que as crianças e jovens fizessem um trabalho cooperativo, onde apreendessem atitudes e regras que devem ter e respeitar, tanto na escola, como na *Dragon Force*, incluindo nos treinos e no *Espaço Aberto*. Foi também proposta como actividade que as crianças e jovens convivessem com vários jogadores do FCP de diferentes nacionalidades, com o intuito deles falarem sobre as culturas dos seus países. Esta actividade pretendia promover a comunicação com personalidades do clube, de modo a que adquirissem percepções da existência de culturas diferentes das suas e de outros percursos de vida. Por fim, surgiu a actividade em que as crianças e os jovens com os/as treinadores/as desenvolveriam o jogo “País - Capital”. Neste jogo as crianças/jovens de uma equipa tinham o nome de diversos países da Europa, sendo que a outra equipa tinha o nome das respectivas capitais. O objectivo consistia em que ao apito dos/as treinadores/as tentassem descobrir qual o país que correspondia à capital ou o inverso, ganhariam os 3 primeiros pares formados. Os objectivos educativos desta actividade prendiam-se com desenvolvimento da importância da partilha, de se aprender a conviver com os/as outros/as, respeitando as diferenças de género e culturais. O jogo é lúdico, de modo a promover o convívio entre as crianças e jovens. Para além disto, ambicionava-se que as crianças e jovens adquirissem conhecimentos das capitais e países europeus.

De todas as actividades propostas para este Campo de Férias teve-se conhecimento que existiu a visita de um ou mais jogadores à *Dragon Force*.

Parte IV. Natureza da Intervenção e da Participação

Após se ter dado conta do desenvolvimento do projecto de estágio, que se organizou predominantemente em torno de duas iniciativas o Projecto *Espaço Aberto* e o *Projecto de Mediação Sócio-Pedagógica*, pretende-se de seguida discutir e reflectir sobre a natureza da intervenção e da participação enquanto estagiária. Na medida em que a formação em Ciências da Educação ao nível do 2º ciclo e numa via profissionalizante organiza-se em torno do desenvolvimento de competências ao nível da concepção, organização, desenvolvimento de projectos entre outras, vai-se agora dar conta dos diferentes papéis assumidos nas diferentes acções e actividades empreendidas e de que modo se traduziu na minha formação.

No entanto, antes de se avançar com os distintos papéis que foram assumidos ao longo deste estágio, interessa reflectir sobre o conceito de intervenção que guiou e orientou esta acção, para que deste modo se possa perceber a necessidade das funções, assim como das actividades que se concretizaram. De facto, o desenvolvimento deste estágio concebeu

«a elaboração de um projecto de intervenção [que envolveu] um processo de planeamento que [implicou], em conjunto com a comunidade, analisar o contexto e os problemas aí sentidos, aprofundar a forma como esses problemas [eram] definidos e quais os recursos existentes para os resolver, identificar prioridades e grupos-alvo. A análise e discussão da informação recolhida, com a participação activa de todos [/as] os [/as] intervenientes, no contexto e um processo decisório participativo (Freitas, 1998), [devia] permitir a construção de um guião da acção para todos [/as] os [/as] protagonistas: profissionais e membros da comunidade» (Menezes, 2007:66).

Pode então compreender-se que o conceito de intervenção orientador deste projecto de estágio assentou na participação activa de todos/as os/as intervenientes e de todos/as os que poderiam usufruir do mesmo, para que se pudesse ir de encontro às necessidades do local, uma vez que, se pretendia «trabalhar *com* as pessoas e as comunidades – e não *em vez* delas ou *apesar* delas – [portanto,] a flexibilidade e abertura [perante as diversas situações que foram surgindo constituíram-se] características essenciais» (Menezes, 2007:65) para o crescimento positivo e enriquecimento deste estágio. Este não foi um projecto estanque, mas sim um projecto que quis a partilha de ideias e ideais, assim pode afirmar-se que existiu disponibilidade para a partilha de saberes, que deixou «de ser uma trincheira e [passou] a ponte. (...) Em consequência a intervenção não [foi] um projecto de “autor”, mas uma obra cuja criação [foi] assumida e intencionalmente partilhada» (Menezes, 2007:43). A natureza da intervenção realizada teve então em consideração as diferentes opiniões, sem no entanto, excluir os princípios que se consideraram fundamentais para um projecto de carácter educativo.

4.1.Natureza da participação no desenvolvimento do projecto de intervenção

Se analisarmos o trabalho desenvolvido no âmbito das acções e actividades que deram corpo ao projecto de estágio podemos distinguir diferentes tipos de participação enquanto estagiária. Uma participação que se centrou na investigação e concepção de projectos; uma participação que envolveu a coordenação desses mesmos projectos; uma participação que me envolveu na dinamização atenta e participativa dos projectos; uma participação que requereu organização, mediação sócio-pedagógica, administração, monitorização e avaliação dos projectos em que me envolvi.

Desta forma, deve admitir-se que os diferentes tipos de participação que caracterizaram este estágio levaram àquilo que se pode apelidar de «trabalho de concepção dos espaços de intervenção [...] que] deveria constituir o núcleo estruturador da [...] formação sócio-psico-pedagógica» (Correia e Matos, 1996:334). Quer-se com isto transmitir que o tipo de participação foi influenciado pelos espaços que necessitavam da nossa intervenção e que esta mesma intervenção foi estruturada em função de pensamentos sociais, educacionais e culturais, pois espera-se que os/as mediadores/as sócio-educativos conservem «o seu capital» pessoal e profissional e o transformem «num instrumento de trabalho adaptado aos objectivos prescritos da sua missão» (Divay, 2010:129). Assim, adequaram-se os conhecimentos, perspectivas e experiências, de acordo com as necessidades do projecto, tendo-se verificado flexibilidade para os diferentes papéis desempenhados.

4.2.Trabalho desenvolvido ao nível da investigação e concepção de projectos

Entende-se por projecto um «plano de acção, intenção, desígnio, intento, programa, [...] esboço [...] concretizando-se um projecto no] trabalho que se elabora em conjunto, [que cresce] com contribuições e actividades por vezes muito diversificadas» (Cortesão, Leite e Pacheco, 2002:22-23). É com as orientações explicitadas nesta concepção de projecto, enquanto dinâmica, que o trabalho a este nível se organizou. A experiência mostrou que o projecto é um “organismo vivo”, que foi sempre crescendo, tendo em consideração os contributos de profissionais, mas igualmente de quem dele beneficia. No caso que aqui se apresenta, a concepção do projecto alimentou-se, portanto, da opinião e interesse das crianças e jovens e respectivas famílias, mas também de profissionais com os quais se lidou diariamente no contexto. Assim, a construção de um projecto

«pressupõe que os conhecimentos se produzam, integrando a experiência de cada um dos actores envolvidos e estabelecendo a relação entre o agir e o investigar, não esquecendo que, ao mesmo tempo que o agente investiga e age, se enriquece sob o ponto de vista formativo e abre caminhos para a mudança. Esta forma de aprender a aprender exige, [dos intervenientes no projecto], uma participação activa e altera as relações de poder [no contexto onde se desenrola o projecto], ensinando a conviver com a imprevisibilidade e os problemas da vida diária, tidos aqui como recursos e possibilidades para a construção de aprendizagens» (Leite, Gomes e Fernandes, 2001:37).

Pretende-se então reflectir que a concepção deste projecto de estágio teve como princípio orientador a aprendizagem com o meio que requereu este projecto, tendo em consideração a experiência dos profissionais que connosco trabalharam, assim como o que as crianças, jovens e famílias desejavam do Projecto *Espaço Aberto*.

Aquando da investigação e concepção deste projecto recorreu-se em primeira instância ao contexto onde o mesmo se ia desenvolver, realizando reuniões para perceber as necessidades e interesses do local, e de que modo, estas necessidades e interesses iam de encontro à profissionalidade das Ciências da Educação. Após este primeiro momento, elaborou-se uma proposta inicial, ainda em fase embrionária, sendo uma das características a possibilidade de mudança, ao existir um contacto com os sujeitos a quem se dirigia o projecto, as crianças e jovens. «Poderá dizer-se, (...) que este tipo de trabalho consiste fundamentalmente numa actividade a desenvolver em equipa, durante a qual se procura *tratar um problema* – que tenha real interesse para o grupo e que, sendo embora relacionado com a profissão, tenha as suas raízes na envolvente social» (Cortesão, 1979:196).

Numa fase inicial do projecto recorreu-se aos inquéritos por questionário, dirigidos às crianças e jovens e às famílias para que através do preenchimento dos mesmos se pudesse perceber o que desejavam do projecto. Para além deste meio, durante a implementação do mesmo questionaram-se sempre as crianças e jovens sobre as actividades desenvolvidas, com o objectivo de constatar quais as actividades e temáticas que gostavam mais e que correspondiam às suas expectativas.

Assim, tem todo o interesse mencionar que a nossa intervenção também assentou na concepção de um plano de actividades a implementar no *Espaço Aberto*, sendo que, a coordenação do espaço e das actividades, tal como a execução do plano de actividades, junto das crianças e jovens, representaram também tarefas a serem desempenhadas por nós.

Para além da intervenção específica para o Projecto *Espaço Aberto*, existiu solicitação por parte da *Dragon Force* para a criação de um plano de actividades e organização das mesmas, exclusivo para os Campos de Férias de Natal e da Páscoa. Dos planos de actividades

que se propuseram, nós ficamos responsáveis pela organização e execução das actividades que foram aceites para serem realizadas.

A concepção destes distintos projectos permitiu que se desenvolvessem inúmeras competências, nomeadamente, levou à análise do contexto e a partir dessa análise conseguiu construir-se o Projecto *Espaço Aberto*, e posteriormente, em função do público-alvo criaram-se os planos de actividades para os Campos de Férias, foi também a partir da investigação e concepção de projectos que se conseguiu desenvolver competências de intervenção educativa e sócio-pedagógica, num contexto desportivo, que estabelece uma forte ligação com a Escola, sendo ainda de salientar o desenvolvimento e a aprendizagem de competências em situações que requeriam intervenção educativa e social.

4.3.Trabalho desenvolvido ao nível da coordenação e gestão do projecto

Considera-se que a coordenação e a gestão deste projecto assentaram na concepção de que o nosso trabalho neste domínio assentaria na ideia de que seríamos, sobretudo, «figuras integradoras [do mesmo], actuando como um centro vital de comunicações que liga todas as partes do projecto» (Roldão, 2000:16). Quer-se com isto dizer que ao nível da coordenação e gestão do projecto se adquiriu como função a mediação entre as diferentes partes intervenientes no mesmo, isto é, estabeleceu-se a comunicação entre o Departamento Pedagógico, enquanto orientadores do projecto, e com a *Dragon Force*, no sentido de apresentar as ideias e necessidades do projecto, de modo a actuar-se de forma articulada, prontificando as respostas necessárias para o funcionamento do *Espaço Aberto*.

No que se refere à gestão do *Espaço Aberto*, este tinha como característica a abertura diária, de modo a que as crianças e jovens pudessem usufruir do mesmo, sempre que desejassem. Para que esta situação fosse viável foi necessário estabelecer colaboração com dois estagiários da área de Psicologia, que estavam a desenvolver os seus estágios no Departamento Pedagógico, daí efectuar-se um trabalho de parceria, de cooperação e de orientação do espaço, de forma a manter a continuidade do plano de actividades previsto.

(...) «imprimimos o plano de actividades e o projecto que concebemos, para posteriormente entregarmos ao psicólogo que colaborará connosco naquele espaço» (NT7).

O Projecto *Espaço Aberto* exigiu contínua coordenação e gestão do mesmo, para que este pudesse funcionar, no que respeita à concretização do plano de actividades, dando também resposta às necessidades das crianças e jovens. Assim, a coordenação e gestão de um projecto foram também competências e aprendizagens que se fizeram ao longo deste estágio.

4.4. Trabalho desenvolvido ao nível da execução do projecto

Tendo em consideração as diferentes fases de um projecto, as quais já foram sendo exploradas anteriormente, sendo que neste sub-tema será explorada a execução e a animação dos projectos sócio-educativos, importa reflectir sobre o modelo de acção que nos guiou desde a fase de concepção até à execução. Assim, o modelo de projecção da acção que nos encaminhou caracteriza-se pela identificação, e de acordo com Carlinda Leite:

«das intenções e ideias gerais que [permitiram] prospectivar o plano geral, isto é, a forma de intervir na acção ou problema real, passa para a acção, submetendo-a a uma observação contínua, vigilante dos dispositivos de acção e das próprias intenções e planos de acção com vista a identificar evidências que possam melhorar quer a acção quer as próprias intenções. É um processo contínuo e em espiral, amplificador da qualidade dos efeitos que se vão produzindo, ou seja, é um meio gestor de produção de saberes que accionem o exercício da prática quotidiana» (Leite, 2003:104).

Com este significado presente relativo à intervenção, encontrar-se-á de seguida as distintas funções realizadas, que permitiram a execução dos projectos, nomeadamente, do *Projecto Espaço Aberto* e do *Projecto de Mediação Sócio-Pedagógica*.

4.4.1. Trabalho desenvolvido no âmbito das actividades educativas

Ao ter-se desenvolvido o plano de actividades, para a execução de acções de carácter educativo, o apoio, a ajuda e a preparação necessárias à realização dessas mesmas actividades constituíram funções de operacionalização. Para além da criação do plano de actividades foi também nossa responsabilidade preparar os materiais para a execução das mesmas, assim como acompanhar as crianças e jovens na realização das actividades, transmitindo os objectivos e a pertinência de cada temática e acção educativa. Tal como se pode perceber pelo seguinte excerto:

(...) «avançamos com o jogo, que eles descobriram com facilidade, a maior dificuldade foi mesmo a construção das palavras, mas com a nossa ajuda conseguiram, e penso que o jogo está a fazer sentido para eles/as» (NT7).

Os seguintes excertos comprovam que toda a organização relativa ao espaço, e ao material foram também tarefas desempenhadas ao longo de todo o estágio.

«No dia em que ficou decidido abrir o *Espaço Aberto*, chegamos ao início da tarde para dispormos a sala, do modo que pensamos ser mais atractivo e interessante para o desenvolvimento de actividades [...]. Antes de abrímos o espaço, estivemos a organizar os materiais [...]» (NT1).

«Ainda antes das 17h00 tratamos de imprimir as letras para o *Peddy-Paper* que estamos a organizar para realizar durante a próxima semana, para que posteriormente, as possamos recortar» (NT3).

Ainda no que diz respeito à planificação de actividades é de referir que em consequência do plano de actividades que nos foi solicitado no âmbito dos Campos de Férias, a organização e execução das actividades propostas que foram aceites fizeram parte das funções exercidas, permitindo desenvolver competências directamente relacionadas com a organização, a tomada de decisões imediatas, assim como, um assumir de competências na gestão de tempos e conteúdos.

4.4.2. Trabalho desenvolvido no âmbito da colaboração com outras figuras institucionais

No desenvolvimento do *Projecto Espaço Aberto* e do *Projecto de Mediação Sócio-Pedagógica* esteve presente em alguns momentos a colaboração com profissionais de outras áreas, constituindo-se desta forma, trabalho em equipa ou mesmo equipas multidisciplinares, de acordo com as necessidades que foram surgindo.

No *Espaço Aberto* desenvolveram-se actividades relativas a dias temáticos, como foi o caso do Dia do Pai, do Dia da Árvore, Dia da Alimentação, entre outros, sendo que, quando esses dias foram comemorados na *Dragon Force* também houve colaboração por parte do *Espaço Aberto*, como na semana em que se comemorou o Dia da Alimentação, o nutricionista pediu colaboração para se desenvolverem actividades relativas a esta temática, nomeadamente, a construção de

(...) «rodas dos alimentos [com as crianças e jovens]. A ideia pareceu-nos interessante e portanto tratamos de construir três rodas dos alimentos, para preenchermos em diferentes dias, fomos aos supermercados buscar panfletos, para que as crianças pudessem recortar os produtos e depois colocar devidamente na roda» (NT17).

No que diz respeito ao *Projecto Bolsa de Mérito* este desenvolveu-se em articulação com profissionais da área desportiva, nomeadamente, os treinadores das equipas de competição, assim como, com o coordenador técnico da *Dragon Force*, que era também treinador de uma das equipas sujeitas a este projecto. Nesta medida, compreende-se que o

trabalho desenvolvido foi sempre prestado em articulação, levando à criação de uma equipa multidisciplinar, em que a mediadora sócio-educativa desempenhou funções na parte do *Projecto de Mediação Sócio-Educativa*, que constituía o *Projecto Bolsa de Mérito*, sendo os treinadores também intervenientes neste processo e nas decisões que o mesmo acarretava.

4.4.3. Trabalho desenvolvido enquanto mediadora em âmbito escolar

Embora todo o projecto de estágio se tenha pautado pelo exercício da mediação sócio-educativa, uma vez que, esta representa a profissionalidade das Ciências da Educação, no *Projecto Bolsa de Mérito* este papel tomou uma forma mais visível, pois a solicitação do exercício de funções incidiu concretamente na mediação sócio-pedagógica.

Esta mediação sócio-pedagógica concretizou-se ao serem desenvolvidas as diferentes fases que caracterizaram o projecto, nomeadamente:

1. Contacto formal com a Escola, através do envio de uma carta;
2. Marcação de uma reunião com os/as directores/as de turma;
3. Realização da reunião;
4. Elaboração de relatórios de mediação, com os resultados dos assuntos tratados;
5. Divulgação dos resultados interna e externamente.

Com esta numeração das tarefas executadas pode compreender-se que após o envio da correspondência para a escola, se tentou marcar reuniões, sendo que, depois da sua realização, se elaboraram relatórios, específicos para cada caso, onde davam conta do percurso escolar do aluno, no seu todo, durante este ano lectivo. Por fim, agilizava-se uma reunião com os treinadores responsáveis por cada equipa, para se transmitir os aspectos mais relevantes de cada aluno, onde posteriormente, se reunia com os Encarregados de Educação, com o objectivo de se estabelecer a mediação entre a Escola e o Futebol, dando relevância aos aspectos mais positivos, no sentido da importância da continuidade do trabalho desenvolvido até então e por outro lado, dos aspectos mais negativos, com a finalidade de em conjunto com as mediadoras, com a escola e em casa se apostar na melhoria.

Este projecto trouxe também como função o estabelecimento de uma relação de mediação entre os jovens, a escola e o futebol, onde

«os jovens da equipa de sub-11 e sub-13 nos dizem com frequência os seus resultados [escolares]» (NT38).

Nas situações em que os jovens apresentaram resultados escolares mais preocupantes optou-se inicialmente por prestar um maior apoio no *Espaço Aberto*, como se pode perceber pelo conteúdo da nota de terreno:

(...) «temos prestado apoio ao B e ao M essencialmente à disciplina de Matemática [...]» (NT43).

Este projecto permitiu o enriquecimento nas competências e tarefas, pois exigiu que se efectuassem reuniões, originando o desenvolvimento de aptidões relacionadas com a interacção directa com as escolas e os/as professores/as, de modo a debater-se as situações escolares dos alunos em questão. Esta interacção originou o que se pode apelidar de consultoria de iniciativas educativas, respeitantes à vida escolar. A elaboração de relatórios pormenorizados levou a aprendizagens de organização de informação e a conceber soluções para as situações que se revelaram mais críticas. O facto da equipa que constituía este projecto ser multidisciplinar desencadeou também aprendizagens significativas, uma vez que, exigiu a negociação de reflexões e pensamentos acerca de cada caso, em particular. O estabelecimento de comunicação para com as famílias permitiu que se fosse adquirindo uma relação de confiança e ajuda mútuas, levando à intervenção em problemas educacionais previamente identificados. Este projecto permitiu ainda e de forma acentuada que se estabelecesse um relacionamento próximo com as crianças e jovens, onde se fomentou a confiança e a partilha de situações entre os jovens e entre nós e os jovens, tendo esta proximidade contribuído para um adquirir de experiências significativas.

4.4.4. Trabalho desenvolvido no âmbito do acompanhamento escolar

Uma das actividades que esteve sempre presente no *Espaço Aberto* foi a realização dos TPC, na qual desempenhamos funções de acompanhamento, auxílio e supervisão como se pode perceber pelo seguinte excerto:

«Entretanto, por volta das 17h30 começaram a chegar os primeiros meninos, que vinham com trabalhos de casa para fazer, e portanto, dedicaram-se a essas tarefas, com o nosso apoio, sempre que solicitado» (NT2).

«desde o início ficou explicitado que as nossas funções não seriam apenas supervisionar a realização de trabalhos de casa» (NT4).

«(...) uma vez que tínhamos muitas actividades diferentes pensadas para dinamizar a sala» (NT4).

4.5. Trabalho desenvolvido no âmbito de monitorização e avaliação

A monitorização e avaliação foram processos constantes no desenvolvimento dos projectos, ao longo do estágio, pois acredita-se que é através da monitorização e avaliação que os projectos podiam evoluir de forma positiva, constatando-se quais os pontos positivos e quais as lacunas a melhorar para uma maior resposta do projecto de estágio ao local em que se inseria.

Assim sendo, o conceito de avaliação que orientou as práticas centrou-se «na interpretação dos contextos, o que [tinha] em vista, [...] compreender as relações e percepções dos diversos actores envolvidos [...] e que [permitiu] interpretar a complexidade do [local]... (ou seja) uma avaliação que [privilegiou] acções e não intenções (Leite, Rodrigues e Fernandes, 2006:23).

Percebe-se deste modo que a avaliação consistiu em constatar o que os intervenientes pensavam acerca dos projectos, tendo-se construído um caminho de acção e não de intencionalidade, para que o contexto pudesse sentir que as suas necessidades estavam a ser tidas em consideração e que a concepção do projecto visava a resposta a essas mesmas necessidades.

Para que esta monitorização e avaliação fossem viáveis administrou-se numa fase inicial do projecto inquéritos por questionário às crianças, jovens e famílias, de forma a constatar-se o que pretendiam do *Espaço Aberto*, tal como afirma Cortesão, esta avaliação inicial representou uma «preocupação central [que residiu] em colher dados para [a] reorientação do processo» (Cortesão, 2002:38). Para além dos inquéritos por questionário existiu ao longo de todo o projecto uma avaliação contínua, através do diálogo com as crianças e jovens, que se traduziu na criação de um diário de bordo, onde constam reflexões acerca do *Projecto Espaço Aberto* e do *Projecto de Mediação Sócio-Pedagógica*. Na fase final do estágio procedeu-se à elaboração e aplicação de um novo inquérito por questionário, dirigido às crianças e jovens, para se obterem dados que permitissem efectuar um balanço de todo o trabalho desenvolvido, inclusive, perceber se os objectivos a que o projecto se tinha proposto tinham sido alcançados.

É com a elaboração deste capítulo que se consegue perceber que as funções e intervenções desempenhadas ao longo do estágio permitiram que se aprofundasse num contexto real o perfil que uma mestrandia em Ciências da Educação deve adquirir, nomeadamente, os papéis ao nível da investigação, conceptualização, coordenação, gestão, organização, execução, animação de projectos sócio-educativos, mediação, monitorização e avaliação. De facto, todos estes papéis puderam ser desempenhados ao longo do estágio,

possibilitando desse modo, o enriquecimento da nossa aprendizagem, crescimento e amadurecimento profissional, tendo permitido a continuidade da construção da profissionalidade, que se reflectiu na flexibilidade e autonomia que se pode adquirir num contexto prático, uma vez que, a necessidade de resposta em situações inesperadas representa uma forte aprendizagem, assim como, o contacto com os diferentes sujeitos intervenientes.

Parte V. Reflexões Teóricas e Metodológicas

Neste capítulo serão retomadas as questões que foram exploradas no capítulo da problemática de intervenção, de modo a que possam ser reflectidas, segundo os princípios teóricos que emergiram, assim como, com base na metodologia de intervenção. Deste modo, este capítulo será desenvolvido consoante as linhas de força predominantes a nível teórico e metodológico, não esquecendo contudo, que serão mobilizadas reflexões empíricas, que permitem alguns pensamentos teóricos e/ou metodológicos.

5.1. Questões teóricas emergentes

5.1.1. Lugar do Desporto ao nível social

Importa começar por se referir que é crescente a visão de se aliar a prática desportiva e física à saúde, ou seja, quer-se com isto transmitir, que actualmente o desporto e a actividade física se encontram inter-relacionados com uma vida saudável e com bons hábitos. Segundo consta no artigo 2.º da *Lei de Bases do Desporto*, «entende-se por desporto qualquer forma de actividade física que, através de uma participação livre e voluntária, organizada ou não, tenha como objectivos a expressão ou a melhoria da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados em competições de todos os níveis»¹⁶.

Todos possuem o direito à sua prática. Este revela-se deveras importante, já que, o desporto é um elemento crucial para melhorar a condição física e psíquica do ser humano a todos os níveis, «idealmente o desporto diverte e entretém, e constitui uma forma metódica e intensa de um jogo que tende à perfeição e à coordenação do esforço muscular tendo em vista uma melhoria física e espiritual do ser humano. As modalidades desportivas podem ser colectivas, duplas ou individuais, mas sempre com um adversário»¹⁷.

Portanto, percebe-se assim que a prática desportiva é presentemente muito valorizada, em duas vertentes principais, a saúde e a integração social. No que respeita à integração social é por se entender que o desporto em equipa ajuda a que as crianças e jovens adquiram e desenvolvam valores como a «fraternidade, camaradagem, convivência social, cooperação, respeito e compreensão mútua, combate à discriminação em função de características como, entre outras, a nacionalidade, a etnia e o género» (Rosado, 2009:11).

Realmente o desporto no geral, e o desporto federado em particular, remetem-se para a educação não-formal, uma vez que, um clube é uma instituição organizada com objectivos delineados e dentro de um clube existe um conjunto de regras a serem cumpridas. É com este

¹⁶ Informação retirada da Lei de Bases do Desporto, disponível online em http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/Doc05_031.pdf a 22 de Junho de 2009, às 21:38.

¹⁷ Informação retirada da enciclopédia online Wikipédia, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Desporto> a 23 de Junho de 2009, às 11:25.

conjunto de regras, que constituem o clube e também as actividades físicas proporcionadas que se desenvolve a integração social de quem participa nos desportos, acarretando como consequência dessa prática a inculcação de princípios e valores, relacionados com a convivência em grupo.

No caso concreto da E.F. *Dragon Force*, no início de cada ano todos/as os/as alunos/as recebem o *código de conduta do jogador*, onde se exploram as regras a serem cumpridas pelos/as jogadores/as, de modo a assemelhar-se esta realidade à equipa principal do FCP, assim, estas crianças e jovens “alimentam” mais facilmente o sonho de “serem futebolistas”. No que respeita às regras de condutas, estas dividem-se nas regras para o treino, para os jogos e torneios, de vestuário e na conciliação entre futebol e a escola.

As regras para o treino transmitem que o local para os/as jogadores/as se equiparem deve ser o balneário da equipa, a hora definida para o treino deve ser a hora em que os/as jogadores/as entram em campo, no final de cada treino todos/as devem tomar banho no balneário, as convocatórias para jogos ou torneios são comunicadas directamente aos/as jogadores (excepto no 1º escalão – Iniciação) e por fim, os jogadores devem sempre respeitar os/as colegas, assim como as indicações transmitidas pelos/as treinadores/as. Neste conjunto de regras pretende-se essencialmente desenvolver o convívio, autonomia, responsabilidade, pontualidade e disciplina, sendo que, estes princípios se tornam imprescindíveis para o processo de aprendizagem.

Nas regras para os jogos e torneios salienta-se que a hora marcada para a concentração é a hora em que todos/as os/as jogadores/as devem estar reunidos, pelo que devem chegar antes do horário marcado para a concentração. O não cumprimento da regra anterior pode prejudicar o tempo de utilização do/a jogador/a nesse jogo, podendo causar prejuízo ao funcionamento da equipa, nos jogos ou torneios em que a deslocação da equipa seja em comitiva, os/as jogadores/as devem viajar com a equipa, durante os jogos ou torneios os/as jogadores/as devem manter-se juntos, sendo que os/as encarregados/as de educação devem respeitar os horários impostos pela equipa técnica, e por fim, os/as encarregados/as de educação devem procurar cumprir o horário de recolha dos educandos à chegada dos jogos ou torneios. Desta forma, pode compreender-se que neste conjunto de regras pretende-se salientar a importância da pontualidade, da união da equipa e também que existem consequências quando não se cumprem as regras.

Já nas regras de vestuário transmite-se que o equipamento oficial é obrigatório em todos os treinos, nunca se deve usar mais do que um par de meias, para que deste modo se evitem lesões, nos jogos ou torneios os/as jogadores/as devem comparecer com o fato-de-treino

Dragon Force, nos jogos a camisola deve estar sempre dentro dos calções e são proibidos quaisquer adereços por cima do equipamento. Neste conjunto de regras está subjacente a responsabilidade pelo equipamento, a importância de se manter uma imagem colectiva comum, de demonstrar uma imagem organizada e rigorosa e de todos/as os/as jogadores/as estarem iguais, uma vez que se devem destacar pela presença e não pelos adereços que trazem.

Para além da integração social e das características pessoais e sociais que a prática desportiva permite desenvolver não se deve esquecer que a questão do bem-estar físico e psicológico constitui também uma questão social, valorizada actualmente, e que pode ser melhorada com o desporto. É interessante verificar-se que na E.F. *Dragon Force* a maioria das crianças e jovens que a frequentam são do sexo masculino. De facto, «a maioria dos estudos sobre a participação desportiva de adolescentes revela-nos que as raparigas são fisicamente menos activas que os rapazes e que esta diferença aumenta durante a adolescência» (Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, 2009:13). Portanto, sendo as raparigas

« [...] menos activas do que os rapazes (Sallis *et al.*, 2000) e [sendo] o declínio da aptidão física [...] mais acentuado nas raparigas do que nos rapazes (Armstrong *et al.*, 2000; Sallis, 2000), uma atenção adicional deverá ser dada a esta população. Normalmente, os rapazes são apontados como mais activos do que as raparigas mas esta discrepância poderá ser mais aparente do que real. De facto, os rapazes, aparentemente, têm acesso a actividades que requerem maior intensidade de esforço, mas quando se analisam apenas as actividades moderadas estas diferenças são fortemente reduzidas (Livingstone, 2000; Welsman, 1999)» (Ribeiro, 2004:29).

Assim, pode compreender-se que na questão do bem-estar físico e psicológico há uma diferença de género, que é salientada em diferentes estudos, e portanto, são os rapazes (com mais frequência) quem geralmente procura praticar desporto, principalmente actividades como o futebol. Contudo, deve salientar-se que as rotinas do dia-a-dia actual levam a uma

« [...] habituação a um estilo de vida mais sedentário, durante a adolescência, [ou seja, existe um] aumento no tempo despendido a ver televisão, a disponibilidade [dos] jogos de [...] computador, os hábitos de trabalho dos progenitores, [...] e os problemas de segurança pessoal. Estes, e outros factores de ordem cultural e ambiental, podem diminuir as oportunidades para a prática de actividades físicas (Ball e McCargar, 2003; Biddle *et al.*, 2004; Francis *et al.*, 2003; Maffei, 2000; Metcalf *et al.*, 2002; Salbe *et al.*, 2002b; Salbe *et al.*, 2002a) (Ribeiro, 2004:29-30).

Estes factores podem levar a que o desporto seja de certo modo “esquecido” em prol de actividades sedentárias, no entanto, na E.F. *Dragon Force* o desporto é um conceito predominante, como filosofia e caminho a seguir, pois encara-se que «praticar desporto é, em primeiro lugar, uma experiência moral e espera-se que, do envolvimento nessa prática moral, resultem cooperação, amizade, generosidade, magnanimidade, compaixão, sentido de justiça, autenticidade, transcendência, Humanidade, por fim» (Rosado, 2009:18). O desenvolvimento e o apego a estes sentimentos foram também intencionalidade do *Espaço Aberto* e no próximo subtema poderá compreender-se a ideia de educação e de moral existentes na *Dragon Force* e qual a sua relação com a educação-formal: a Escola.

5.1.2. O papel educativo das instituições desportivas e a sua relação com a Escola

Actualmente, as instituições desportivas acarretam com a sua ideologia uma responsabilidade educacional, pois compreendeu-se que a Escola é imprescindível para a formação integral e contínua dos sujeitos. Se nos «anos 60 e 70 [na escola encontrava-se a] lógica da “igualdade de oportunidades”, [nos] anos 80 e sobretudo 90 [a escola procura a] lógica da “qualidade” e [da] “luta contra a exclusão”» (Canário *et al.*, 2001:65). Quer-se com isto transmitir que a escola procura dar resposta às diferentes realidades sociais, praticando medidas para incluir todos/as os/as alunos/as, para que possa formar continuamente os sujeitos. Parece ser com essa percepção que um clube como o FCP tem vindo a apostar na educação, assumindo que tem responsabilidades perante a ideologia que as crianças e jovens criam acerca da escola. No entanto, é de realçar que «a escola não é, hoje a mesma escola [de antigamente]. As mutações sofridas pela instituição escolar podem ser sintetizadas numa fórmula breve: a escola passou de um contexto de certezas, para um contexto de promessas, inserindo-se, actualmente, num contexto de incertezas» (Canário *et al.*, 2001:149). A escola é hoje em dia um contexto de incertezas, pois anseia e luta por conseguir incluir todos os sujeitos, proporcionando-lhes as condições necessárias para obtenção de sucesso escolar e é nesta lógica de sucesso e da valorização da escola que esta instituição desportiva se alia à escola, para que os/as jogadores/as não esqueçam que o sucesso escolar é o primeiro passo para o sucesso no futebol!

Portanto, no que consiste na conciliação entre o futebol e a escola a regra incide em não usar o futebol como “pretexto” para falhas ou descuidos no desempenho escolar e o inverso também constitui regra, ou seja, a escola ou os testes não podem ser uma justificação para faltar aos treinos (Código de Conduta do Jogador).

Para além destes aspectos, acredita-se que esta instituição desportiva estabelece uma ligação à escola em particular e à educação em geral, desempenhando um papel educativo

deveras importante, uma vez que, não limita as crianças e jovens a aprendizagens obtidas pela prática desportiva, ou seja, a aprendizagens técnicas, mas inclui de forma contínua, aprendizagens de outra natureza, pois, os desportos colectivos, como o futebol, caracterizam-se por actividades praticadas em equipa e requerem a comunicação, promovendo assim a interacção social entre os/as praticantes, permitindo desenvolver valores como a partilha, a cooperação, a auto-ajuda, a solidariedade, o respeito pelo outro e pela equipa, tal como indica o código de conduta do jogador. Estas constituem aprendizagens inerentes aos diferentes tipos de educação, e que de facto, se tornam imprescindíveis em qualquer actividade desenvolvida pelos sujeitos.

Assim, defende-se que a prática desportiva desenvolva também uma

«[...] educação para os valores [que] parece exigir, [...] um ambiente ou contexto onde os jovens possam desenvolver o sentido de iniciativa e liberdade, fornecendo a motivação interna promotora da persistência, da criatividade, do altruísmo e dos compromissos cívicos. Por outro lado, essa formação só é possível num ambiente que forneça oportunidades de ganhar confiança nas suas capacidades para as usar em contextos que não o do desporto» (Rosado, 2009:14-15).

Tendo em consideração o que acabou de se referir anteriormente, pretende-se fazer da *Dragon Force* não apenas uma instituição direccionada unicamente para o futebol, mas também articulá-la com a educação. Esta articulação com a educação está visível no Código de Conduta do Jogador, no comportamento que é exigido aos/às jogadores/as, tanto nos treinos, como nos jogos oficiais, assim como, no espaço que a *Dragon Force* decidiu criar ao proporcionar este estágio, uma vez que, «[...] o desporto é um meio privilegiado para alcançar [determinados] valores, ele não deixa de ser apenas um meio e outras áreas curriculares constituem espaços de formação, neste mesmo campo» (Rosado, 2009:10). Assim sendo, a *Dragon Force* pretendia desenvolver um projecto para que as crianças e os/as jovens tivessem oportunidade de realizar um conjunto de diversas actividades com carácter educativo, bem como os trabalhos escolares.

Considerou-se que a criação deste espaço para as crianças e para os/as jovens é muito enriquecedor e produtivo, pois neste podem desenvolver-se um conjunto de múltiplas actividades, onde partilham as suas vivências e experiências e desenvolvem a sua capacidade criativa, sendo que se devem destacar alguns dos princípios educativos que constituem objectivos a ser atingidos, transversalmente pelo clube, como o «[...] cariz humanístico, referenciando o apego à liberdade, à honestidade, à amizade, à paz, ao espírito de superação, à

valorização do auto-conhecimento, da disciplina, da fraternidade, da convivência social, o culto da cooperação e da tolerância» (Rosado, 2009:10-11).

Portanto, deve concluir-se, através desta citação, que a ligação do clube à educação predomina no que se transmite aos/às jovens, pois como sugere Rosado o desporto influencia a construção do carácter (Rosado, 2009) e, é de facto isso que se pretende, educar e formar estes/as jovens no seu carácter, tornando-os seres atentos e sensíveis.

5.1.3. Relação entre a Escola e a Família

Sendo a escola considerada por excelência a instituição da educação, torna-se evidente que esta ocupe um lugar central na educação/ formação dos sujeitos. Contudo, defende-se uma educação libertadora, que ensina a ter consciência dos seus actos. Ou seja, as crianças e jovens «através do diálogo, tornam-se capazes de ver a sua situação e como transformá-la. [Os sujeitos ... libertam-se] em grupo. À medida que a reflexão e a acção [se encontram] intimamente ligadas, pronunciar a palavra verdadeira implica transformar o mundo» (Gomes, 2005:56).

Este conceito de educação permite compreender que a escola deve desencadear nas crianças e jovens a autonomia necessária para que estes/as sejam capazes de transformar a realidade que os/as envolve e não apenas reconhecer que deve existir uma mudança, ou seja, a educação deve ensinar os/as seus/suas alunos/as a reflectir e a agir. Assim, esta linha de força adquire toda a relevância, uma vez que a ligação entre a escola e a família esteve sempre muito presente no desenvolvimento deste estágio, isto em dois pontos fundamentais que assentam na importância que a família atribui ao *Espaço Aberto*, enquanto local que estabelecerá a ligação com a escola, através da realização dos TPC e do apoio ao estudo.

«tanto o D como o R tinham trabalhos de casa para fazer, portanto, começamos por realizar os trabalhos de casa» (NT6).

E também no *Projecto Bolsa de Mérito*, onde a mediação com a escola era um ponto fundamental do projecto, estabelecendo-se durante todo o processo o contacto com a família. Esta relação entre a Escola e a Família no *Projecto Bolsa de Mérito* será desenvolvido posteriormente, ainda neste capítulo.

A questão do apoio na realização dos TPC e da importância atribuída por parte da instituição desportiva à realização dos mesmos fica a dever-se à necessidade que a família apresenta para ser apoiada. Ou seja, se por um lado, e como já foi referido anteriormente a elaboração dos TPC no *Espaço Aberto* não foi directamente uma prioridade deste projecto,

uma vez que, desejava alcançar objectivos educativos, que embora estando relacionados com a escola não se dirigiam propriamente aos conteúdos escolares. Por outro, a instituição *Dragon Force* acolhe por parte das famílias o pedido de auxílio na elaboração dos TPC, isto por falta de tempo e para uma melhor gestão do tempo livre das crianças, após a escola e para que as famílias se possam libertar um pouco deste compromisso de estarem junto dos/as seus/suas filhos/as a estudar e a realizar os TPC, no entanto, fazendo com que as crianças cumpram na mesma o seu compromisso da realização dos mesmos e como consequência destes factores, há uma solicitação ao *Espaço Aberto* para que se preste esta colaboração, que é dada como uma forma de corresponder às expectativas e necessidades do contexto.

Esta é uma questão que deve ser debatida em termos sociais e familiares, uma vez que, desde a década de 80, que se recomenda «aos [/às] professores [/as] que estabeleçam uma colaboração estreita com as famílias, a fim de situar melhor as crianças no seu ambiente e suscitar o envolvimento dos pais e encarregados [/as] de educação nas actividades escolares dos [/as] seus [suas] educandos [/as]» (Diogo, 1998:21). E de facto, acredita-se que o ideal seria que os pais ou encarregados de educação acompanhassem atentamente o percurso dos/as seus/suas filhos/as na Escola, contudo, por diversos motivos, essencialmente temporais, nem sempre é possível aos pais dar o acompanhamento que desejam e anseiam.

Isto traduz-se, por exemplo, na tarefa da realização dos TPC, onde os pais solicitavam que os mesmos se realizassem no *Espaço Aberto*, de modo a simplificar o seu quotidiano e a não terem, assim que chegados a casa de encontrar tempo para auxiliar os/as seus/suas filhos/as nessa tarefa, como se pode compreender pelo seguinte excerto:

«O AC [...] vinha muito animado, porque pela primeira vez tinha trabalhos de casa para fazer. Então dissemos-lhe para se sentar que o ajudaríamos a realizar os trabalhos de casa, e o pai disse que gostaria de ver como é que ele está a acompanhar as aulas, então sugerimos que ficasse ali connosco para ver o que ele tinha para fazer, mas [...] o pai do AC é muito pouco paciente, tem um tom de voz muito alto e estava sempre a gritar com o menino por causa dos trabalhos de casa, dizendo-lhe que ele tem a mania que sabe tudo, que pensa que ninguém tem que o ensinar, que na escola deve ser uma desgraça, virando-se para mim e dizendo: “ele não vai dar nada na escola, já viu como ele é!”. Eu tentei apaziguar a situação! [...]» (NT20).

Consegue perceber-se que para além da falta de tempo, por vezes existente, por parte dos/as encarregados/as de educação, nem todos/as têm a paciência e sensibilidade necessária para acompanhar as crianças na realização desta tarefa, quase diária. É interessante analisar-se esta questão do ponto de vista de que «os “deveres” parecem ser, por vezes, a longa mão dos professores avaliando os pais» (Sá, 2002:67). Ou seja, encontra-se aqui a perspectiva de que

será por vezes, esta a forma encontrada pela escola de tentar envolver os pais na educação? De facto, parece que sim, e se assim for, pensa-se que este é um meio viável para que os pais não percam por completo, o controlo do que se passa na escola, pois «duas décadas de investigação em Ciências da Educação têm demonstrado que o envolvimento parental na vida escolar contribui para melhorar significativamente as performances sociais e académicas dos alunos» (Diogo, 1998:21).

Contudo, deve salientar-se que não se pode generalizar a postura verificada anteriormente, no que respeita ao acompanhamento educacional e escolar, por parte dos pais, junto das crianças e jovens que frequentavam o *Espaço Aberto*, como se pode perceber com o que se apresenta de seguida:

A mãe do C transmitiu «que ele sempre tinha sido muito bem comportado na escola e também queria que ele tivesse o mesmo tipo de comportamento naquele espaço. Nós aproveitamos para dar os parabéns à mãe do C, porque de facto é um menino muito educado na forma de falar, de reagir e de estar [...]. Considero que esta atitude [...] por parte da mãe do C demonstra realmente que o C é um menino bem acompanhado pelos pais» (NT10).

Assim, e para concluir este sub-capítulo pode consolidar-se que a relação entre a Escola e a Família para além de ser uma relação necessária e benéfica, principalmente para as crianças, é também uma relação que no caso concreto deste estágio, assenta essencialmente na relação com os saberes escolares e com o acompanhamento necessário a dar às crianças, para consolidarem esses mesmos saberes. Com esta questão de as crianças trazerem TPC pode compreender-se que a Escola consegue assim e «cada vez mais [emitir] uma base de juízo sobre os próprios pais, sobre os seus recursos económicos, mas também culturais, sobre os seus modelos educativos, etc.» (Saraceno, 1997:152), uma vez que, tenta através do envio de TPC perceber se os pais acompanham os/as filhos/as no seu percurso escolar, o que por vezes, dificulta o papel dos pais, que enquanto pais encontram nos TPC e nas actividades extra-escolares uma dificuldade de gestão do tempo, no entanto, não devem esquecer que realizar actividades com os/as filhos/as faz parte do seu papel de serem pais.

5.1.4. Lugar da Escola na vida das crianças e jovens

Neste sub-capítulo irá explorar-se o lugar que a Escola representa para as crianças e jovens que frequentavam o *Espaço Aberto*. Será inevitável tratar-se a questão dos TPC, à semelhança do sub-capítulo anterior. No entanto, nesta reflexão estará presente a visão das

crianças e jovens, não só no que respeita aos TPC, mas também ao modo como encaram a Escola no caminho do seu futuro.

Tendo em consideração que neste projecto se aplicaram questionários às crianças e jovens, numa fase inicial (questionários de diagnóstico) e numa fase final. Uma vez que, uma avaliação de qualidade é aquela que «dá voz aos participantes em condições de liberdade», isto é, «que cria condições favoráveis a que cada um emita a sua opinião, de forma a ninguém se sentir ameaçado por falar, ou por ter emitido determinado juízo de opinião», para que estes «possam ter uma melhor compreensão daquilo que fazem», é fundamental que a avaliação capte «o significado que a acção tem para os que a protagonizam» (Santos Guerra, 2002:14). Assim sendo, importa que se considere a análise dos questionários aplicados às crianças e jovens, tendo em conta o paralelo que se poderá estabelecer entre questionários iniciais e finais, assim como, as opiniões transmitidas pelas crianças e jovens nas questões de resposta aberta. Ainda de salientar que os dados foram tratados em termos de referências, ou seja, em cada resposta poderão ser contabilizadas diferentes referências a campos de análise distintos, sendo que, neste sentido, o número de referências é superior ao número de respostas. No entanto, e apesar de se poderem contabilizar algumas referências, os resultados não serão apresentados em termos de dados numéricos, numa lógica de avaliação que, tal como refere Santos Guerra (2002), «não se deixa arrastar pela mística dos números» (Santos Guerra, 2002:15).

Através das respostas das crianças e jovens que frequentaram o *Espaço Aberto*, pode verificar-se que a realização de tarefas mais ligadas à escola representa as actividades que menos gostam, nomeadamente, o «*estudar*» ou «*trabalhar*».

De um modo geral, as crianças não gostam de realizar TPC, pois é mais uma tarefa, mais uma obrigação, para além da frequência escolar e que acaba por estabelecer uma ligação directa à Escola. Como defende Sá «as crianças saudáveis tratam mal os deveres. Ainda bem. Algumas mimam-nos com desabafos do tipo: “Porcaria!” Outras guardam para si o direito à insubordinação, numa versão *light*, demorando uma eternidade até os concluírem [...]» (Sá, 2002:67). De facto, enquanto estavam no *Espaço Aberto*, as crianças e jovens, com regularidade desconcentravam-se dos trabalhos de casa, uma vez que o que desejavam era realizar as actividades propostas ou mesmo estarem descontraídos a conversar com os colegas. Como se pode perceber pela seguinte nota de terreno:

(...) explicava-se «que tinha de se concentrar, para conseguir resolver melhor os trabalhos de casa, mas a verdade é que também compreendo que após um dia de aulas seja cansativo e por vezes,

desmotivante ainda ter que realizar os trabalhos de casa. Assim que terminaram os trabalhos de casa avançamos com os 3 para fazer o jogo [...] (NT6).

Compreende-se que as crianças não gostem dos trabalhos de casa e mesmo que “os tratem mal”, e pode mesmo questionar-se a relevância dos trabalhos de casa. Será que esquecem de um dia para o outro o que aprenderam na escola? (Sá, 2002). O brincar e o desenvolver outras capacidades não é igualmente importante para que as crianças se construam enquanto seres saudáveis? Defende-se a perspectiva de que os trabalhos de casa deviam ser individuais para cada criança e não colectivos, pois cada criança ou jovem tem as suas necessidades e devia ser para combater essas necessidades específicas que os trabalhos de casa deviam existir, sem que se tornassem um hábito diário. Não se pode, contudo, esquecer que as escolas não têm condições para que se fomentem TPC individuais para cada aluno/a. Esta situação nasce de uma questão que não é nova: «[...] a escola da segunda modernidade, [é uma escola] de massas, heterogénea e multicultural [que apostou em radicalizar] o choque entre a cultura escolar e as diversas culturas familiares de origem dos [/as] alunos [/as] de proveniências sociais e étnicas diferenciadas» (Montadon, 1997 cit. por Sarmiento, 2004:16). Compreende-se assim que a escola actual para poder abranger todas as diferenças que a constituem tem de apostar na generalização de alguns aspectos, como é o caso dos TPC, apesar de não ser a Escola ideal!

Então importa referir que

«os trabalhos de casa talvez façam parte de uma categoria de castigos psicológicos com que os adultos mimam as crianças para que elas nunca se esqueçam que crescer é uma coisa sisuda e dolorosa. E, sendo assim, é como se lhes dissessem (com complacência): “já que trabalhaste das nove às quatro, e te portaste bem... para castigo, tens estas folhas de exercícios para fazeres, até amanhã!”» (Sá, 2002:66).

Para combater esta ideia de que os TPC representam um castigo para as crianças, o Projecto *Espaço Aberto* apostou desde sempre em construir uma relação articulada entre a Escola e o *Espaço Aberto*, promovendo uma relação positiva com o mundo da Escola e os saberes. Apesar de poder dizer-se que as tarefas escolares propriamente ditas foram perspectivadas pelas crianças e jovens como actividades menos interessantes, quando se articulavam com actividades lúdicas, ou seja, quando ao carácter formativo se associava a realização de actividades práticas e participadas, eram encaradas de forma muito mais positiva.

De facto, este projecto desenvolveu alguns conteúdos de forma didáctica que foram bastante bem aceites pelos participantes, pois este tipo de actividades, apesar de terem uma

índole formativa, não era associada pelas crianças e jovens às actividades escolares, sendo que, neste sentido, eram encaradas de forma mais positiva do que, por exemplo a realização dos TPC que era desde logo ligada às tarefas escolares. Mesmo com esta reacção menos positiva das crianças e jovens que as actividades escolares poderiam ter suscitado, esta constitui-se como uma constante ao longo do projecto, não só pela necessidade existente, por parte das famílias e da própria instituição, mas também por uma questão de legitimação do projecto numa fase de implementação. Ou seja, a realização dos TPC ou outras tarefas escolares foi vista pela instituição e pelos pais como uma justificação legítima para a abertura e manutenção do espaço, no entanto, à medida que o tempo foi decorrendo a introdução de outro tipo de actividades foi ganhando cada vez mais lugar no *Espaço Aberto*, se bem que sempre em conciliação com a elaboração de tarefas escolares. Porque a promoção de uma relação positiva com a escola fazia parte dos objectivos do projecto, parece também interessante estabelecer uma comparação entre aquelas que eram as expectativas face ao futuro dos jovens no início do projecto e no final do mesmo. No entanto, através da comparação entre os questionários de diagnóstico e os questionários de auto-avaliação aplicados no final do projecto, foi possível verificar que parece não existir um impacto muito significativo a este nível.

Das respostas recolhidas pode constatar-se que, quer nos questionários finais quer nos iniciais, o aspecto que mais se evidenciou como uma expectativa para o futuro está relacionado com o mundo do futebol, sendo que o mesmo número de inquiridos respondeu neste sentido (7 respostas), constituindo estas a maioria das respostas. No entanto, e apesar de pouco significativo existe um aumento do número de respostas referente à escola como uma expectativa para o futuro, sendo que nos questionários de diagnóstico existiram 2 respostas e nos questionários finais 4 respostas.

Esta questão nos inquéritos surge pelo facto de com este espaço se pretender demonstrar a estas crianças e a estes/as jovens que existe mais para além do mundo do futebol. Tinha-se a noção que estes “jovens futebolistas” têm todos um sonho, ser um grande jogador de futebol, o melhor do mundo. Este sonho é alimentado por diversos factores, nomeadamente, *os medias*. Os diferentes meios de comunicação passam para estes/as jovens o sonho de poderem vir a ser jogadores de futebol. Não só *os medias* colocam esta pressão sobre as crianças e os jovens, muitas vezes os adultos (os pais, os tios ... a família) sonham com um futuro brilhante para estes pequenos jogadores. Ou seja, estas crianças/jovens e as suas famílias vivenciam durante algum tempo a “febre do futebol”. O mesmo pode comprovar-se com o seguinte excerto:

«[...] o pai afirmou [...] que o que importava agora é que ele iria “jogar futebol com os craques”, dando a entender que estas questões da escola não seriam preocupantes, que o mais significativo é o facto de o AC estar a jogar alguns dias da semana nas equipas de competição. Ou seja, podemos assim compreender que a valorização do futebol, em prol da educação e da aprendizagem encontra-se bastante visível no discurso do encarregado de educação, o que na minha perspectiva é bastante inquietante...» (NT40).

No entanto, tem toda a pertinência reflectir sobre a questão de que a escola apresenta relevância no desenvolvimento pessoal e social das crianças e jovens, no geral. Este contexto em concreto não é excepção, uma vez que, as expectativas que estes jovens criam acerca do futebol, podem beneficiar ou condicionar o seu desempenho escolar e a própria importância que atribuem à escola e à socialização que esta acarreta, isto pode verificar-se no seguinte excerto:

«[...] o AC disse-me imediatamente: “é... eu vou ser jogador de futebol”, ao que lhe expliquei para o “assustar” um bocadinho que senão fosse bom aluno na escola não poderia ser jogador de futebol. Compreendi que ficou preocupado se realmente seria verdade o que estava a dizer-lhe ou não, mas logo de seguida, tive outras crianças e jovens que me ajudaram, nomeadamente, o D deu-lhe o exemplo que já fomos à escola dele, para saber se tinha boas notas ou não e passado pouco tempo chegou a N que disse ao AC que tinha que fazer uma letra mais bonita e ter mais cuidado com o caderno para poder continuar a jogar futebol. Com este contributo dos colegas o AC ficou mais pensativo e não se distraiu tanto como é habitual ao realizar os trabalhos de casa, portanto, o exemplo das outras crianças foi positivo para o AC (NT42).

Neste excerto percebe-se que algumas crianças e jovens sonham ser jogadores de futebol e que ao idealizarem realizar esse sonho a escola perde totalmente a relevância que lhe está adjacente. Por outro lado, tanto no *Projecto Espaço Aberto*, como no *Projecto Bolsa de Mérito* a influência dos pares é muito significativa, pois se uma criança ou jovem vê que o colega atribui importância à escola permite-lhe reflectir sobre essa realidade. Isto vai de encontro ao que transmite Sarmento

«a cultura de pares permite às crianças apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia. A convivência com os seus pares, através de rotinas e da realização de actividades, permite-lhes exorcizar medos, representar fantasias e cenas do quotidiano, que assim funcionam como terapias para lidar com experiências negativas. Esta partilha de tempos, acções, representações e emoções é necessária para um mais perfeito entendimento do mundo e faz parte do processo de crescimento» (Sarmento, 2004:24).

Assim, pode afirmar-se que a influência dos pares é necessária para que as crianças cresçam, percebendo dessa forma, o mundo a que pertencem, pois cada criança ou jovem tem a sua personalidade e forma de ver a realidade que a envolve. Para além disso, deve referir-se que a criança não é só influenciada pelo grupo de pares, mas também pela família e pela sociedade no geral. Quer-se com isto dizer que

«o mundo da criança é muito heterogéneo, ela está em contacto com várias realidades diferentes, das quais vai apreendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social. Para isso contribuem a sua família, as relações escolares, as relações de pares, as relações comunitárias e as actividades sociais que desempenham, seja na escola [...] ou nas actividades desportivas...» (Sarmiento, 2004:23).

Portanto, as relações que são desenvolvidas com e na escola vão certamente influenciar a perspectiva e o gosto que as crianças e jovens têm para com a mesma, e assim sendo, é importante que a escola perceba que vai contribuir para o desenvolvimento pessoal e social de cada criança, e essa contribuição só será gratificante se quem a frequenta se conseguir identificar com a realidade existente. Ou seja, não deverá ser a escola a adaptar-se às diferentes realidades de quem a frequenta?! O que se sustenta é que a escola para promover o desenvolvimento pessoal e social dos/as seus/suas alunos/as deve «proporcionar experiências que tornem possíveis as aprendizagens e outros tipos de projectos e ambientes educativos que permitam viver experiências tão significativas quanto formativas (...) A escola tem de ser feita com sentido»¹⁸. Defende-se então que a escola tem de fazer sentido para cada criança e os projectos que a escola desenvolve devem ter sempre em vista a promoção pessoal e social das crianças¹⁹, uma vez que

«a escola é um lugar onde a realidade é compreendida de modo subjectivo e onde, cada vez mais, os sujeitos procuram dilatar espaços de negociação e de visões do mundo. Contudo, apesar das matrizes tradicionais de leitura da escola se terem vindo a desactualizar, parece existir um esforço para perpetuar modelos de leitura da realidade educativa em geral, e da escola em particular, que continuam a alhear-se dos vários sentidos locais dos sujeitos» (Silva, 2008a:141-142).

Esta afirmação remete para uma questão fundamental que é o facto de apesar de a escola reconhecer que cada criança é um ser único e que portanto, os projectos educativos devem contemplar essa unicidade, a escola ainda revela dificuldade em não adoptar meios

¹⁸ Cosme, 26/05/08: conferência sobre enriquecimento curricular no 1ºCEB.

¹⁹ Cosme, 26/05/08: conferência sobre enriquecimento curricular no 1ºCEB.

globais para atingir o mesmo fim. Consegue e deve compreender-se a dificuldade da escola, pois, cada turma é constituída por muitos/as alunos/as, sendo que, nem sempre se consegue dar a devida atenção e exclusividade a cada um/a deles/as, para que cada criança ou jovem possa identificar-se com a realidade e diversidade escolar. Esta situação verificou-se concretamente nas duas situações do processo de mediação sócio-educativa, onde os jovens que revelaram maior insucesso escolar têm dificuldade em encontrar-se com a escola, ou seja, a escola não conseguia motivá-los para a obtenção do sucesso, tendo sido o futebol a incutir-lhe essa necessidade e daí adveio o esforço e o empenho pelos conteúdos escolares, tal como já se explorou no terceiro capítulo deste relatório.

Para concluir é então relevante espelhar que

«o facto de a escola acolher fisicamente uma enorme diversidade de jovens em termos sociais, culturais e identitários, etc., não significa que haja diluição de juízos sobre o normal e o anormal ou que exista um acolhimento efectivo e afectivo de epistemologias diferentes sobre a escola e sobre si na escola. O que muitas vezes se tem verificado é que a inclusão física na escola acentua conflitos entre diferentes sentidos de mundos e diferentes relações com o saber e com a figura do/a aluno/a» (Silva, 2008a:142).

Parece importante rematar com a ideia de que a escola pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de valores dos/as seus/suas alunos/as quando conseguir acolhê-los com todas as suas diversidades, verificando-se como diz Silva, um “acolhimento efectivo e afectivo”, pois não se deve esquecer que «a escola é mais que um espaço escolar, é um espaço de dinamização da educação»²⁰, sendo que, a educação plena obtém-se quando as diferenças pessoais, sociais e culturais não forem motivo de exclusão, mas sim de uma escola inclusiva!

5.1.5. A necessidade de ocupação dos tempos livres das crianças e jovens

Pode começar por se reforçar a ideia de que o Projecto *Espaço Aberto* surgiu pela necessidade que os adultos (pais ou familiares) tinham de encontrarem um espaço, onde as crianças e jovens pudessem estar antes do treino, desenvolvendo actividades lúdico-pedagógicas ou mesmo aproveitando esse tempo para resolverem os TPC, como foi explorado anteriormente. Portanto, percebe-se que se encontram aqui presentes questões sociais e culturais subjacentes, ou seja, actualmente as famílias sentem a necessidade de ocupar as crianças com actividades extra-escolares, para que possam estar ocupadas, permitindo por um lado, que os pais se dediquem às suas actividades profissionais. Tal como afirma Segalen,

²⁰ Cosme, 26/05/08: conferência sobre enriquecimento curricular no 1ºCEB.

«[...] a queda da natalidade é reflexo de fenómenos complexos onde se misturam o social, o religioso e o cultural. Com o acrescento do desenvolvimento da actividade profissional feminina nas classes etárias em que não costumavam trabalhar. O universo feminino abandona um pouco a esfera doméstica. A relação entre actividade feminina e fecundidade é ambígua, sendo a primeira mais difícil quanto maior o número de filhos» (Segalen, 1999:189).

Se actualmente as famílias optam por ter menos filhos/as e quando os têm colocam-nos em actividades desportivas e culturais diversas, isto fica a dever-se às mudanças sociais e culturais, ou seja, existe a necessidade por parte das famílias de colocar as crianças em «actividades educativas que permitam a construção de espaços de educação não-formal, capazes de assumir a sua função de guarda social e, simultaneamente, a sua função educativa» (Cosme e Trindade, 2007:20).

Importa então esclarecer que a educação não-formal caracteriza-se pela flexibilidade de horários, programas e locais, o voluntariado, e a preocupação em traçar situações educativas e experiências singulares, que sejam mobilizadoras e significativas para os contextos e públicos específicos (Canário, 1999). Através destas características apreende-se que o *Espaço Aberto* é um projecto que se encaixa na educação não-formal, uma vez que a finalidade educativa fundamental é a exposição dos/as educandos/as a situações significativas, sendo que estas podem conduzir à aprendizagem. Segundo Trilla Bernet

«a educação não-formal refere-se a todas aquelas instituições, actividades, meios e âmbitos da educação que não sendo escolares tenham sido criados expressamente para satisfazer determinados objectivos educativos. (...) Resumindo, [é] um tipo de educação intencional, metódica, com objectivos definidos..., porém não circunscrita à escolaridade convencional»²¹ (Trilla Bernet, cit. por Cabanas, 1991:51-52).

Com as transformações sociais e familiares que têm ocorrido isto leva a que muitas crianças e jovens saiam de casa, para além do tempo que passam na escola. Quer-se com isto dizer que se dá

«a saída das crianças para as múltiplas agências de ocupação e regulação do tempo (ludotecas, ateliês de tempos livres, actividades de formação não escolar, como cursos de inglês, cursos de informática, desporto semifederado, etc.). Esta mudança de papéis e lugares – as crianças fora de casa [...] vai de par com a crescente ocupação das crianças em instituições controladas pelos adultos, sem tempo para procurar descobrir os seus limites, nem espaço para conhecer o sabor da liberdade. A vida institucionalizada das crianças [...] constitui-se como uma forma decisiva para a compreensão da infância

21 Tradução pessoal do original em espanhol.

na segunda modernidade, pela alteração que opera na centralidade do espaço doméstico» (Sarmiento, 2004:17-18).

Deve assim finalizar-se com este pensamento, a institucionalização da infância tem aspectos positivos e negativos, que não devem deixar de ser referidos. Se por um lado, existe uma maior preocupação com as actividades e tempos livres das crianças, sendo que existe um investimento social, cultural e económico na sua formação educativa e na sua construção pessoal e social, podendo mesmo afirmar-se que «a criança adquire um estatuto de “bem colectivo”, havendo uma extensão da responsabilidade pública» e também familiar (Segalen, 1999:189). Por outro, tal como referia Sarmiento, e apesar de esta institucionalização ser inevitável, leva a que muitas vezes as crianças já não cresçam em liberdade, não descobrindo assim o que é a infância. Contudo, e para finalizar é de revelar que o *Espaço Aberto* sempre teve como preocupação e finalidade proporcionar às crianças o espaço para serem crianças, pois defende-se que «o brincar é a condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade» (Sarmiento 2004:26), desfrutando da alegria, do convívio e do companheirismo que a interacção entre os/as jovens acarreta.

5.1.6. A educação para a cidadania

Sempre foi objectivo do *Espaço Aberto* educar para a cidadania, este sempre foi o caminho que se pretendeu seguir, para que os/as jovens também o seguissem, pois acredita-se que através da educação para a cidadania se transmitem valores fundamentais, para que estas crianças e jovens se construam como cidadãos conscientes, críticos e activos no exercício da sua cidadania. A cidadania encontra-se então directamente relacionada com os valores, e o que são os valores? Segundo Marques,

«[...] os valores são estimados e inferidos, através da inteligência, do sentimento e das emoções; estimar um valor é apreendê-lo; os valores produzem reacções nas pessoas; os valores recebem grande poder energético dos afectos e são motivadores das atitudes e comportamentos das pessoas; [...] valores não são transmitidos ou construídos, mas sim descobertos através da identificação, do testemunho, do exemplo e da vivência» (Marques, 2003:16).

Esta perspectiva acerca dos valores remete para o que se trabalhou durante o período do estágio no *Espaço Aberto*, uma vez que, desde sempre se pretendeu que as crianças e jovens descobrissem e construíssem os seus próprios valores, com as actividades e debates que foram proporcionados e também, através do exemplo que lhes foi transmitido. Através dos resultados obtidos com os questionários que foram aplicados consegue perceber-se qual a

opinião e satisfação das crianças e jovens face àquele espaço. Assim, frases como as que se apresentam de seguida mostram que os participantes no projecto vêem o espaço como um local onde podem aprender, comunicar e realizar actividades lúdicas em condições de alguma autonomia:

«É um sítio a que toda a gente pode vir»

«O Espaço Aberto para mim é jogar e sentir o espaço livre»

«É um lugar fixe, onde podemos fazer muitas coisas»

«É um sítio onde se pode brincar e aprender»

«Pintar desenhos é divertido e é fixe»

«É um sítio onde se pode fazer actividades»

Esta era de facto uma das principais finalidades do projecto *Espaço Aberto*, criar espaços de divertimento e criatividade para as crianças e jovens, ou seja, a criação de um local que pudesse ser visto e constituir-se como um local de aprendizagem e formação conciliando estas com princípios de autonomia e de comunicação. Neste sentido, parece poder afirmar-se que as actividades realizadas construíram a perspectiva nas crianças e jovens do projecto que se pretendia, uma vez que se pode verificar, por exemplo, no caso da primeira citação que as crianças e jovens vêem o projecto como um espaço para todos/as e onde todos/as se sentem bem, tal como constituía objectivo deste projecto. Outra questão que deixa explícito o facto das crianças e jovens sentirem o espaço como seu é relativa à questão *No futuro qual o aspecto que o Espaço Aberto podia ter?*, em que se obteve a seguinte resposta:

«Um local com um aspecto criado por aqueles que o frequentam»

Esta resposta mostra a forma como as crianças e jovens perspectivam o *Espaço Aberto* como um espaço que apropriaram como seu e onde sentem que podem colaborar para a sua construção e desenvolvimento. Tal como revela Menezes, «[...] o desenvolvimento e a acção não são apenas individuais, [ou seja,] os grupos sociais, as instituições e as comunidades são também autores no processo de produção de significados e de implementação de projectos de acção sendo desejável intervir no sentido da sua capacitação e empoderamento» (Menezes, 2007:36). Deseja-se com isto transmitir que a opinião e os contributos que as crianças e jovens faziam ao *Espaço Aberto* foram tidos em consideração para a própria adequação do projecto aos seus desejos, uma vez que, se acredita que um projecto se torna enriquecedor quando dá «[...] voz às crianças, [quando as tira] do silêncio, [quando se pesquisa] a partir do ponto de vista delas, “com olhos de criança”». Esta foi uma finalidade deste contexto, que

permitiu que se conhecesse «as formas de ser criança no interior» do *Espaço Aberto*. (Sarmiento e Cerisara, 2004:252).

Importa ainda salientar que as crianças e jovens quando questionadas em relação ao que mais gostam no *Espaço Aberto* salientam:

«*Brincar*» (3 respostas)

«*De fazer jogos*» (2 respostas)

«*É um convívio entre os colegas*»

«*Das actividades*»

«*Pintar e desenhar*»

Estas “brincadeiras” e actividades a que as crianças e jovens se referem têm um carácter educativo, funcionando como estratégia de desenvolvimento de determinado conceito, conteúdo ou competência. A mobilização de estratégias educativas de sensibilização para a cidadania e de desenvolvimento de espírito crítico, que constituíram objectivos deste trabalho foi cumprido, sendo que, ao longo do projecto foram desenvolvidas diferentes actividades tendo por pano de fundo estas finalidades e que foram de uma forma geral bem aceites pelas crianças e jovens.

Relativamente ao futuro do projecto as crianças e jovens sugerem que existam mais actividades exteriores e que existam também computadores com acesso à *internet* no espaço.

«*Jogar futebol lá fora e escondidinhas*»

«*Computadores com acesso à internet*»

«*Ir pesquisar ao Google*»

E com isto pensa-se que é relevante finalizar-se que foi com base nestes princípios apresentados e defendidos que se apostou na educação para a cidadania, pois, não seria educar para a cidadania e para os valores senão se tivessem em atenção a opinião daqueles para quem o projecto foi pensado e construído. Pretende-se com isto dizer que houve um «reconhecimento da criança como sujeito, não só como produto, mas como produtora de cultura; sujeito que se constitui de forma activa e relacional nas relações sociais» (Sarmiento e Cerisara, 2004:253). E é por se considerar que estas crianças e jovens seriam produtoras de sentido e de significados para este contexto e para os contextos onde podem vir a intervir que a educação para a cidadania explorou conceitos como a importância da amizade, das relações interpessoais, da solidariedade, da partilha, da resolução de conflitos, do respeito pelos

sentimentos e emoções do outro, do respeito pelo outro, enquanto sujeito, entre muitas outras noções, que foram sendo referenciadas e justificadas no capítulo III deste documento.

5.2. Reflexões sobre aspectos metodológicos ao nível de intervenção

5.2.1. A mediação sócio-pedagógica com os jovens

Neste subtema reflectir-se-á sobre a forma de actuação no processo de mediação sócio-pedagógica e sobre o que se pretendia inculcar nos jovens. Como se pode verificar no terceiro capítulo deste relatório a mediação sócio-pedagógica que se desenvolveu não implicou apenas os jovens a quem se destinava, envolvendo também a própria escola, mais directamente o/a director/a de turma, e os/as Encarregados/as de Educação, foi portanto, um processo contínuo entre os diferentes intervenientes, com a finalidade de estabelecer uma ligação positiva entre a escola e o futebol, uma vez que, o que se pretendia era que os quatro “eixos” interessados pudessem dar resposta à melhoria do desempenho escolar.

De acordo com a perspectiva de Menezes

«[...] há que intervir de forma deliberada e intencional em dimensões que se situam para além da pessoa (Campos, Costa & Menezes, 1993). A consequência é o alargamento dos alvos de intervenção tradicionais (as pessoas e os grupos primários, como a família ou os grupos de pares), envolvendo também os grupos sociais, as instituições e as comunidades (Blocher, 1991 *et. al*)» (Menezes, 2007:38).

De facto o que gostaria de salientar é que por este acompanhamento na mediação sócio-pedagógica assentar na partilha de opiniões e na comunicação entre os diversos envolvidos, acabou por se revelar um processo mais completo e eficaz, para dar resposta às necessidades dos jovens.

Para além disso, é importante reflectir-se sobre a postura que se pretendia que os jovens adoptassem, quer-se com isto dizer que sempre constituiu objectivo deste projecto, assim como do projecto *Espaço Aberto* inculcar nos jovens autonomia, para que agissem por si próprios e para que desejassem atingir os seus próprios objectivos, ou seja, o sucesso escolar teria que ser obtido pelo seu próprio esforço e pelo empenho que tiveram que dedicar à escola, pois acredita-se que

«ao valorizar as competências, capacidades e potencialidades das pessoas, dos grupos e das comunidades, [esta valorização suscitará] “a participação activa, a escolha e a autodeterminação dos

participantes em qualquer intervenção... rejeitando o papel tradicional... do “especialista”... que avalia, diagnostica e trata” (Coimbra, 1991b, p.6), e que pode gerar desempoderamento» (Menezes, 2007:42-43).

Portanto, deve então concluir-se que ao serem valorizadas as potencialidades dos sujeitos e ao trabalhar-se para que fossem autónomos ambicionava-se atingir aquilo que Menezes apelida de empoderamento, que consiste no «processo pelo qual os indivíduos, as associações e as comunidades ganham mestria ou controle sobre as suas vidas e participação democrática na vida das outras comunidades (Rappaport, 1981,1984)» (Menezes, 2007:57). Foi com a perspectiva do empoderamento que se apostou neste projecto, para que estes jovens pudessem compreender qual o caminho que deviam seguir, mas compreendendo que esse caminho só faria sentido se fossem eles a lutar para o conquistar, pois a dedicação e o gostar da escola tem que ser conquistado por cada um deles, sem esquecer o papel imprescindível que a própria escola e a família têm para a obtenção desse “gostar”. Por seu lado, a mediação teve aqui o seu papel de articular, sugerir e em conjunto encontrar as soluções mais adequadas para cada um destes sujeitos.

Reflexão final

Neste capítulo onde consta a reflexão final será explorada a avaliação do projecto de estágio, a problemática voltará a ser analisada, em função do que se desenvolveu ao longo destes projectos, e também se abordará a pertinência dos profissionais em Ciências da Educação num contexto desportivo, assim como, os contributos deste mesmo contexto para a construção da profissionalidade em Ciências da Educação.

Avaliação do projecto de estágio

Sendo a avaliação «uma prática social [implica...] determinada(s) visão(ões) do mundo e [constitui], potencialmente, um instrumento de intervenção democrática» (Terrasêca, 2002:195). Nesta perspectiva, pensou-se em efectuar uma reflexão que produza uma avaliação deste projecto de estágio, onde conste um balanço das dificuldades sentidas, mas por outro lado, quais os caminhos encontrados para amenizar essas dificuldades e de que modo essa avaliação se traduziu positiva ou negativamente.

Deste modo, importa espelhar que uma das dificuldades sentidas ao longo do estágio consistiu na articulação entre o que são os ideais do Departamento Pedagógico e a prática efectiva na E.F. *Dragon Force*. Se por um lado, a vinculação ao Departamento Pedagógico foi afectiva e efectiva, para a orientação e desempenho das diferentes funções executadas, por outro, nem sempre as orientações se conjugavam com os diferentes interesses e pensamentos existentes na E.F. *Dragon Force*. Esta situação verificou-se concretamente na resolução dos casos mais problemáticos de mediação sócio-pedagógica, onde as orientações pedagógicas prestadas pela equipa de mediadoras não se articularam por completo com o que a equipa técnica da área do desporto pretendia decidir acerca de cada uma das situações.

Mas o princípio defendido ao longo deste estágio é que «ninguém ensina ninguém, ninguém aprende sozinho, os homens aprendem em comum mediatizados pelo mundo»²². Tendo em consideração esta afirmação de Paulo Freire percebe-se que o modo de minorar as diferenças existentes foi através do respeito pela opinião do/a outro/a, pois a aprendizagem e a partilha de saberes é o que enriquece os sujeitos e as suas práticas. A existência do respeito é fundamental em qualquer relacionamento, uma vez que, *respectus* significa «segundo o Dicionário de Filosofia de Abbagnano (1999): reconhecimento da dignidade própria ou atribuída e comportamento inspirado nesse reconhecimento» (Tardeli, 2003:45).

²² Paulo Freire cit. por Cosme, 26/05/08: conferência sobre enriquecimento curricular no 1ºCEB.

Assim sendo, foi com a conquista do respeito pelos ideais defendidos pelas Ciências da Educação, e com a existência de respeito entre os sujeitos implicados que se conseguiram vincular as perspectivas e a utilidade desta área num contexto dedicado ao desporto.

Quando se consegue que a área das Ciências da Educação se afirme como uma área do saber, tendo sido um lugar conquistado através do estabelecimento de confiança com os sujeitos, «partindo de uma impregnação do lugar, das culturas, das linguagens, de tal modo que o corpo Estranho (o meu) se incorporasse, se tornasse mais familiar, ainda que estranhamente familiar; que se tornasse autorizado» (Silva, 2004:54). Ao dar-se esta conquista, de estabelecer uma relação com o lugar e com as pessoas que fazem parte dos lugares, permitiu que o trabalho realizado ao longo do projecto de estágio, adquirisse pertinência e influenciasse os quotidianos das crianças, jovens e famílias. Isto permite-nos compreender que a avaliação do *Projecto Espaço Aberto* e do *Projecto de Mediação Sócio-Pedagógica* são avaliações positivas, sobretudo pela relação que se criou com as crianças e jovens, que foram alvo destes projectos. Apostou-se numa intervenção que se caracterizou pela «capacidade de estabelecer relações de confiança com outros [/as], profissionais e cidadãos – a intervenção não [decorreu] contra os [/as] outros [/as] ou apesar dos [/as] outros [/as] ou em vez dos [/as] outros [/as], mas só fez sentido [...] com os [/as] outros [/as]» (Menezes, 2007:138), tendo-se revelado uma intervenção que teve em consideração os sujeitos activos no projecto.

A saída do terreno dá-nos também indicações do modo como este projecto de estágio pode ser avaliado como construtivo e influente para o contexto, uma vez que, a saída foi sendo progressiva, de modo a que as crianças e jovens não sentissem que “os tínhamos abandonado”, mas que a saída era inevitável. Para além disso, foi também dito às famílias o término do estágio. É ainda de salientar que o *Projecto Espaço Aberto* terá continuidade no próximo ano lectivo, para além disso, será expandido, de acordo com a própria ampliação em que a *Dragon Force* se encontra envolvida. No que se refere ao *Projecto de Mediação Sócio-Pedagógica* pode afirmar-se que mesmo após a saída do terreno, a nossa intervenção continuou, na medida em que se manteve o contacto com as directoras de turma, para se compreender a evolução dos alunos, com situações escolares em risco de reprovação.

Se a avaliação do projecto de estágio constituiu um ponto fundamental da intervenção, esta mesma intervenção não foi regida pela obtenção de resultados, portanto, a «avaliação da intervenção» foi importante para «determinar se os resultados [foram] ou não atingidos (e se [se ficaram a dever] à intervenção). Mas não [se trabalhou] para “mostrar” resultados e daí a analogia com a récita» (Menezes, 2007:138). Portanto, pode compreender-se que a avaliação

do projecto teve relevância para a execução do mesmo, contudo, esta avaliação não fez com que o projecto trabalhasse para números quantitativos, mas sim, para a obtenção de qualidade nos objectivos a atingir.

Reanálise da problemática à luz do processo de estágio desenvolvido

Uma vez que, um dos domínios presentes no estágio era o domínio de *Currículo, Escola e Gestão Educacional*, este delineou o projecto de estágio, sendo que, a problemática reflecte a pertinência do domínio, assim como, a ligação à escola. Apesar do contexto de estágio ser um contexto de educação não-formal, a ligação à escola, reflectiu-se através da educação para os valores, para a cidadania e para o desenvolvimento pessoal e social dos jovens, investindo-se numa «educação intercultural que [formasse] para o “viver juntos” e o “conviver com os [/as] outros [/as]”. [Era] o que [se pretendia] afirmar ao apontar no sentido de um (re)investimento neste processo educativo que não se [confinou] ao domínio das intenções mas que se [concretizou] por acções» (Leite, 2002:568). Deste modo, compreende-se que o investimento nestas ideologias se efectuou de forma prática, com a realização de acções educativas. É nesta medida que a ligação à escola se tornou imprescindível, pois apostou-se em que os jovens compreendessem que há um mundo, para além do mundo do futebol, e que o mundo da escola reflecte o mundo que preenche as suas vidas, de modo a contribuir-se para a confiança dos jovens na escola. «Neste sentido, os jovens [... aderiam ...] à ideologia meritocrática e [acreditavam] na igualdade de oportunidades de acesso e de sucesso» (Alves, 2006:26).

Isto remete para uma outra questão que orientou a problemática deste estágio, que são as expectativas que as crianças e jovens criam acerca da escola, esta foi uma questão abordada e explorada ao longo do estágio no Projecto *Espaço Aberto*, pois, como já foi referido em cima, a ligação à escola deu-se através de acções que exploraram a educação para a cidadania e para os valores. No entanto, as expectativas que as crianças e jovens alimentam sobre a escola foram igualmente tratadas no Projecto *Bolsa de Mérito*, de modo a que, se compreendeu que em ambos os projectos as crianças e jovens desejam sentir-se incluídos na escola, obtendo sucesso nas diferentes áreas escolares, mesmo nos casos em que há uma desmotivação para com a escola e os jovens não se identificam com a mesma, anseiam conquistar essa identificação, pois como transmite Silva,

«a construção de um percurso escolar com sucesso implica que os sujeitos sejam portadores de referentes orientadores que promovam uma relação positiva e significativa com o saber. (...) Isto significa que o saber se baseia fundamentalmente numa relação do sujeito com o mundo. Esta relação com o saber,

que também depende da relação com os/as outros, nomeadamente, professores/as ainda se encontra em muitos discursos juvenis» (Silva, 2008b:269).

Assim, a escola representa para os jovens uma porta para o futuro, sendo que essa porta pode encontrar-se mais aberta ou fechada, de acordo com a relação que estabelecem com o saber e com os sujeitos que fazem parte dos quotidianos escolares.

Ainda questionando as expectativas foi também objecto da nossa problemática de intervenção, as expectativas que as famílias das crianças e jovens fomentavam relativamente ao *Espaço Aberto*, assim como, à própria escola e ao possível sucesso futebolístico que os/as seus/suas filhos/as podem obter. Se inicialmente se tinha criado a concepção que o *Espaço Aberto* se assemelharia a uma “sala de estudo”, posteriormente, com a demonstração dos objectivos e das intencionalidades educativas daquele espaço, tal como, da prática de acções de carácter educativo, as famílias foram percepcionando que a ligação com a escola foi muito para além do acompanhamento escolar, no auxílio ao realizarem-se os TPC, porque a educação não se transmite apenas através de conteúdos escolares, mas também de princípios, ideologias, ajudando as crianças e jovens na construção da sua própria personalidade. No que compete às expectativas que as famílias têm relativamente à relação dos/as seus/suas filhos/as com a escola e com o mundo do futebol, percebeu-se que as esperanças que colocam nas crianças e jovens são elevadas, pois as famílias representam actualmente o

«lugar em que as pessoas se encontram e convivem, a família é também o espaço histórico e simbólico no qual e a partir do qual se desenvolve a divisão do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores, dos destinos pessoais de homens e mulheres. A família que, através das relações entre os seus membros, os factos do quotidiano individual recebem o seu significado» (Diogo, 1998:37).

É com esta perspectiva da família que se pode perceber as esperanças que estas depositam nos/as seus/suas filhos/as e na consequente obtenção de sucesso, nas diferentes áreas/actividades em que estes/as se encontram envolvidos/as, pois, se as famílias partilham competências, valores e até mesmo os “destinos”, como revela Diogo, faz parte da realidade familiar a existência de alguma influência nas metas que as crianças e jovens conseguem atingir. Contudo, é também de realçar o acompanhamento que as próprias famílias prestam aos/às seus/suas filhos/as, adaptando e modificando os seus quotidianos, em função da prática da actividade física, como o futebol.

No que compete ao espaço físico, onde o *Espaço Aberto* se implementou, assim como à própria construção desse mesmo espaço, estes foram pontos que obedeceram a uma inserção no terreno, ou seja, se por um lado, o local onde o *Espaço Aberto* funcionava foi objecto de

uma crescente conquista de respeito face ao projecto em si, e portanto, a sala “multiusos” foi-se tornando progressivamente num espaço o mais dedicado possível a este projecto. Por outro lado, a construção do *Espaço Aberto*, enquanto projecto educativo e construtivo foi um ponto que se revelou crucial na implementação do mesmo, uma vez que, essa mesma construção só foi possível por se ter em consideração a influência das crianças e jovens, ou seja, as suas opiniões e experiências foram tidas em conta ao construir-se o *Espaço Aberto*.

Reflexão final acerca da pertinência dos/as profissionais em Ciências da Educação neste contexto

A pertinência dos/as profissionais em Ciências da Educação neste contexto adquire aqui toda a importância para ser reflectida, assim interessa compreender as necessidades das Ciências da Educação neste contexto, qual o lugar conquistado por uma área das Ciências Sociais e Humanas, num contexto inteiramente ligado ao Desporto.

Este foi sem dúvida um contexto no qual as Ciências da Educação tiveram que demonstrar o que “poderiam fazer”, onde se poderiam envolver e de facto, tanto na construção de um projecto, de um espaço... que se traduziu na mediação sócio-educativa, como na implementação de uma mediação sócio-pedagógica, que foi de encontro às necessidades específicas do Projecto *Bolsa de Mérito*, a visão das Ciências da Educação esteve presente, na envolvimento, na dedicação, no reconhecimento de outros saberes e de outras formas de ver o mundo, porque os profissionais das Ciências da Educação «nunca são indiferentes àquilo que fazem. Eles estão em relação e, como tal, daí saem afectados [...]. Não obstante as intencionalidades ligadas às atitudes, [...] nunca existe nas práticas [...] total] neutralidade, [...] objectividade pura» (Ardoino, 1982: s/pag.).

Pretende-se com isto afirmar que a profissionalidade dos/as Mestres/as em Ciências da Educação atravessa obrigatoriamente a subjectividade dos sujeitos e dos conhecimentos que trazem consigo, pois, segundo Torremorell «a missão da mediação é exactamente a de servir de ponto de encontro daqueles que são diferentes sem cair na tentação de os homogeneizar, [uma vez que], a mundialização contribui para que todos os dias se inaugurem novas relações e mostra-nos que os diferentes também somos nós próprios» (Torremorell, 2008:81). Portanto, é no reconhecimento da diferença e na envolvimento com os contextos que as Ciências da Educação demonstram o seu valor, a sua sabedoria, pois «homogeneizar [significaria] destruir a enorme riqueza cultural» (Souza, 2001:64). Foi este o pensamento que orientou o projecto de estágio, daí ter-se investido numa «educação intercultural», que «pressupõe um método de pensamento, uma postura ideológica e não apenas o conhecimento

de algo que se faz. Neste entendimento, concebemos a educação intercultural como todo um meio de desenvolvimento da capacidade de construção de uma cidadania activa, em que ocorrem processos de comunicação e de relação interpessoal que levam à descoberta da alteridade e onde a multiculturalidade é percebida como um ganho, e não como uma barreira» (Leite, 2002:568-569). E é na existência e na valorização da multiculturalidade que as Ciências da Educação investem, já que acreditam e defendem que a educação, no sentido mais nobre da palavra fará um verdadeiro sentido quando for de encontro às diferenças de cada ser humano e não ao que os torna iguais, será através da valorização da diferença que se consegue investir na educação para a cidadania.

Contributos da experiência de estágio em contexto desportivo para a construção da profissionalidade em Ciências da Educação

«Os [/As] mediadores [/as] (...) mobilizam competências que são ao mesmo tempo individuais e colectivas, na medida em que assentam em saberes e saberes-fazer que são partilhados e/ou distribuídos (...)» (Collard, 2010:146).

Este último ponto permite reflectir sobre a profissionalidade que se traçou, através de uma prática reflexiva, isto é, o projecto de estágio levou a que se agisse, em função do que o contexto desejava, a prática foi acompanhada da reflexão, portanto, percebe-se assim que este contexto de estágio se caracterizou pela reflexão na acção, para posteriormente, se avançar para este relatório que contempla a vertente teórica, tendo em consideração os dados empíricos obtidos, através dos projectos. Desta forma, pretendia-se produzir conhecimento, através da mudança (Perrenoud, 1981), pois, em primeiro lugar, esteve presente a acção, e durante a acção, a reflexão e teorização, assim a experiência de estágio contribuiu para a implicação na mudança (Perrenoud, 1981), mas igualmente para a produção de significados, através da investigação.

Assim, não poderia deixar de referir que a aceitação que este contexto teve perante as Ciências da Educação determinaram a possibilidade de se efectuar este trabalho. A abertura e a envolvimento dos/as diferentes profissionais deste contexto à criação, implementação e execução destes projectos permitiu a criação de um lugar para as Ciências da Educação.

A realização destes projectos contribuiu para a aquisição e desenvolvimento de competências, nomeadamente, através do trabalho em contextos desportivos, trazendo para a profissionalidade em Ciências da Educação novas abordagens. A capacidade de investigar,

conceber, gerir, executar e avaliar o projecto sócio-educativo que se desenvolveu foram também competências que se conseguiram ampliar.

Através do que nos foi solicitado pelo local de estágio, a intervenção e consultoria na vida escolar dos jovens, incluindo em situações de carácter mais problemático, representaram competências que se adquiriram ao longo do estágio e que em muito contribuíram para se pensar a profissionalidade em Ciências da Educação.

Referências Bibliográficas

- ABRANTES, Pedro (2003a) «Identities Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade». *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 41, 93-115. [On-line], <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n41/n41a04.pdf>, 13-07-2010.
- ABRANTES, Pedro (2003b) *Os Sentidos da Escola: Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade*. Oeiras: Celta.
- ALMEIDA, José Luís Vieira de; OLIVEIRA, Edilson Moreira de; ARNONI, Maria Eliza Brefere (2007) *Mediação dialéctica na educação escolar: teoria e prática*. São Paulo: Edições Loyola.
- ALMEIDA, M. E. (1989) *Família e Tempos Livres*. Lisboa: Ministério do Emprego e da Segurança Social – Direcção-Geral da Família.
- ALONSO, Luísa; FERREIRA, Fernando; SANTOS, Manuel dos; RODRIGUES, Margarida; MENDES, Teresa (1994) *A construção do currículo na escola: uma proposta de desenvolvimento curricular para o 1ºCEB*. Coleção Educação Básica 5. Porto Editora.
- ALVES, Natália (2006) *Socialização Escolar e Profissional dos Jovens: Projectos, estratégias e representações*. Lisboa: Cadernos Sísifo 1, EDUCA.
- APPLE, Michael W. (1997) *Os Professores e o Currículo: Abordagens Sociológicas*. Lisboa: EDUCA.
- ARAÚJO, Maria José (2009) *Crianças Ocupadas: Como algumas opções erradas estão a prejudicar os nossos filhos*. PrimeBooks.
- ARDOINO, Jacques (1982) *L'implication*. Lyon: Vois Livres.
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA MULHERES E DESPORTO (2009) *Desporto na Escola: Educando para a Igualdade*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- BARBIER, Jean-Marie (1996) *Elaboração de Projectos de Acção e Planificação*. Porto: Porto Editora.
- BARROSO, João (1995) *Os Liceus: Organização Pedagógica e Administração (1836-1960)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BENZAQUEN, Júlia Figueredo (2007) *A Socialização para Cooperação: uma Análise de Práticas em Educação Não-Formal*. Recife: Edições Bagaço.
- BENTO, Jorge Olímpio e BENTO, Helena Cristina Baguinho (2010) «Desporto e Educação Física: acerca do ideal pedagógico» in Jorge Olímpio Bento, Go Tani e António Prista (Orgs.) *Desporto e Educação Física em Português*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 13-33.

- CABANAS, José Maria Quintana, *et al.* (1991) *Iniciativas Sociales en Educacion Informal: Tratado de Educación Personalizada*. Madrid: Ediciones Rialp, S.A.
- CANÁRIO, Rui (1999) *Educação de adultos: Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa – Formação.
- CANÁRIO, Rui; ALVES, Natália e ROLO, Clara (2001) *Escola e Exclusão Social: Para uma Análise Crítica da Política TEIP*. Lisboa: EDUCA.
- CAPUCHA, Luís Manuel Antunes (2008) *Planeamento e Avaliação de Projectos – Guião Prático*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- CERISARA, Ana Beatriz (2004) «Em Busca do Ponto de Vista das Crianças nas Pesquisas Educacionais: Primeiras Aproximações» in Manuel Jacinto Sarmiento e Ana Beatriz Cerisara (Orgs.) *Crianças e Miúdos - Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Culturas de infância, as crianças e os (des)caminhos das políticas educativas, as crianças e a educação*, Porto: Edições ASA, 35-54.
- COLLARD, Damien (2010) «O trabalho de mediação: um trabalho invisível? O caso dos agentes de mediação da SNCF» in José Alberto Correia e Ana Maria Costa e Silva (Orgs.) *Mediação: (D)Os Contextos e (D)Os Actores*. Porto: Edições Afrontamento, 143-155.
- CORREIA, José Alberto e CAMELO, João (2010) «A construção social e legislativa da mediação: figuras e políticas» in José Alberto Correia e Ana Maria Costa e Silva (Orgs.) *Mediação: (D)Os Contextos e (D)Os Actores*. Porto: Edições Afrontamento, 13-32.
- CORREIA, José Alberto e MATOS, Manuel dos Santos e (1996) «Contributos para a produção de uma epistemologia das práticas formativas: análise de uma intervenção no domínio da saúde comunitária», *Actas - Educação de Adultos em Portugal: Situação e Perspectivas*. Coimbra, 333-346.
- CORREIA, José Alberto e SILVA, Ana Maria Costa e (2010) «Introdução e apresentação da obra» in José Alberto Correia e Ana Maria Costa e Silva (Orgs.) *Mediação: (D)Os Contextos e (D)Os Actores*. Porto: Edições Afrontamento, 9-10.
- CORSARO, William (2007) «Entrevista com William Corsaro», *Fernanda Muller, Educação e Sociedade*, 98. [On-line] http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000100014&script=sci_arttext, 18/07/10.
- CORTESÃO, Luiza (2002) «Formas de Ensinar, Formas de Avaliar: Breve Análise de Práticas Correntes de Avaliação» in Paulo Abrantes e Filomena Araújo (Coords.) *Avaliação das Aprendizagens, das concepções às práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, 37-42.
- CORTESÃO, Luiza (1988) *Escola, Sociedade Que Relação?* Porto: Edições Afrontamento.
- CORTESÃO, Luiza (1979) «Projecto é Projéctil» in *Raiz e Utopia*, n.º 9/10, 196-199.

CORTESÃO, Luiza; LEITE, Carlinda e PACHECO, José Augusto (2002) «Antes de falarmos em projecto é preciso sabermos do que estamos a falar» in *Trabalhar por projectos em educação*. Porto: Porto Editora, 22-32.

COSME, Ariana e TRINDADE, Rui (2007) “Escola a Tempo Inteiro: O que fazer?”. [On-line], <http://www.apagina.pt>, 03/06/2008.

DIOGO, José M. L. (1998) *Parceria Escola - Família: A Caminho de Uma Educação Participada*. Porto: Porto Editora.

DIVAY, Sophie (2010) «A noção de profissionalização no campo da mediação social» in José Alberto Correia e Ana Maria Costa e Silva (Orgs.) *Mediação: (D)Os Contextos e (D)Os Actores*. Porto: Edições Afrontamento, 119-142.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de (1998) «Inserção na Comunidade e Análise de Necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo». *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol.11, n.º1, 175-189. [On-line], http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000100011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt, 23/01/2009.

GOMES, Cândido Alberto (2005) *A Educação em Novas Perspectivas Sociológicas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

HARDIN, Marie e WHITESIDE, Erin Elizabeth (2009) «The Power of “Small Stories”: Narratives and Notions of Gender Equality in Conversations About Sport», *Sociology of Sport Journal*, 26, 255-276.

HARVEY, Jean, HORNE, John e SAFAI, Parissa (2009) «Alterglobalization, Global Social Movements and the Possibility of Political», *Sociology of Sport Journal*, 26, 383-403.

LEITE, Carlinda (2003) *Para uma escola curricularmente inteligente: O desenvolvimento do currículo e das práticas curriculares, projecto educativo e projecto curricular, reorganização curricular do Ensino Básico – do Decreto às práticas*. Porto: Edições ASA.

LEITE, Carlinda (2002) *O Currículo e o Multiculturalismo no Sistema Educativo Português*. Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e Tecnologia.

LEITE, Carlinda, GOMES, Lúcia e FERNANDES, Preciosa (2001) «Princípios inerentes à metodologia de Projecto», in Carlinda Leite, Lúcia Gomes e Preciosa Fernandes (Orgs.) *Projectos Curriculares de Escola e de Turma: conceber, gerir e avaliar*. Porto: Edições ASA, 35-37.

LEITE, Carlinda; RODRIGUES, Lurdes e FERNANDES, Preciosa (2006) «A Auto-Avaliação das Escolas e a Melhoria da Qualidade da Educação – um Olhar Reflexivo a partir de uma Situação». *Revista de Estudos Curriculares*, 4 (1), 21-45.

- MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli e PASSOS, Norimar Christe (2005) *Os Jogos e o Lúdico na Aprendizagem Escolar*. Porto Alegre: Artmed.
- MARQUES, António Manuel; VILAR, Duarte e FORRETA, Fátima (2002) *Educação Sexual no 1º Ciclo – Um Guia para Professores e Formadores*. Lisboa: Texto Editores.
- MARQUES, Ramiro (2003) *Valores Éticos e Cidadania na Escola*. Lisboa: Editorial Presença.
- MARQUES, Ramiro (1997) *Escola, Currículo e Valores*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MEDEIROS, Emanuel Oliveira (2006) *Educar, Comunicar e Ser*. Mirandela: João Azevedo Editor.
- MENEZES, Isabel (2007) *Intervenção Comunitária: Uma perspectiva psicológica*. Porto: Livpsic.
- NEVES, Tiago (2010) «Modelos de mediação social» in José Alberto Correia e Ana Maria Costa e Silva (Orgs.) *Mediação: (D)Os Contextos e (D)Os Actores*. Porto: Edições Afrontamento, 33-43.
- OLIVEIRA, Ana, GALEGO, Carla e colaboração de GOUDINHO, Laura (2005) *A Mediação Sócio-Cultural: Um Puzzle em Construção*. Lisboa: Acime.
- PAIS, José Machado (1996) *Culturas Juvenis*. Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PERRENOUD, Philippe (1981) «Monsieur Jourdain et la Recherche-Action». *Genève, Service de la Recherche Sociologique*, 1-7, policopiado.
- PILETTI, Nelson (2003) *Sociologia da Educação*. São Paulo: Editora Ática.
- PINTO, Joana (2008) *Relatório de Estágio: As Ciências da Educação num Contexto Desportivo – Intervenção com Jovens Jogadores dos Escalões de Competição do futebol de Formação*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- RAMOS, Elisabete Gomes (2009) «Mediação sociocultural em contexto escolar» in Ana Maria Costa e Silva e Maria Alfredo Moreira (Orgs.) *Formação e Mediação Sócio-Educativa – Perspectivas Teóricas e Práticas*. Porto: Areal Editores, 109-114.
- RIBEIRO, Agostinho (2003) *O corpo que somos: aparência, sensualidade, comunicação*. Lisboa: Notícias Editorial.
- RIBEIRO, José Carlos (2004) *Actividade Física, Obesidade e Agregação de Factores de Risco de Doenças Cardiovasculares em Crianças e Adolescentes da área do Grande-Porto*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.
- ROLDÃO, Victor Sequeira (2000) *Gestão de Projectos: uma perspectiva integrada*. Lisboa: Monitor.

- ROSADO, António (2009) «Pedagogia do Desporto e Desenvolvimento Pessoal e Social» in António Rosado e Isabel Mesquita (Orgs.) *Pedagogia do Desporto*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.
- SÁ, Eduardo (2002) *A vida não se aprende nos livros*. Lisboa: Oficina do Livro.
- SANTOS GUERRA, Miguel Ángel (2002) «Como num espelho – Avaliação qualitativa das escolas» in Joaquim Azevedo (Org.) *Avaliação das Escolas – Consensos e Divergências*. Porto: Asa, 11-31.
- SARACENO, Chiara (1997) *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa.
- SARMENTO, Manuel Jacinto (2004) «As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade» in Manuel Jacinto Sarmiento e Ana Beatriz Cerisara (Orgs.) *Crianças e Miúdos – Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Culturas de infância, as crianças e os (des)caminhos das políticas educativas, as crianças e a educação*. Porto: Edições ASA, 9-34.
- SARMENTO, Manuel Jacinto e CERISARA, Ana Beatriz (2004) «Criança e Educação: Caminhos da Pesquisa» in Manuel Jacinto Sarmiento e Ana Beatriz Cerisara (Orgs.) *Crianças e Miúdos – Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Culturas de infância, as crianças e os (des)caminhos das políticas educativas, as crianças e a educação*. Porto: Edições ASA, 239-253.
- SCHNITMAN, Dora Fried & LITTLEJOHN, Stephen (1999) *Novos paradigmas em Mediação*. Porto Alegre: Artmed.
- SEGALEN, Martine (1999) *Sociologia da família*. Lisboa: Terramar.
- SILVA, Ana Maria Costa e MOREIRA, Maria Alfredo (2009) «Falar e Escrever de formação e mediação no contexto actual» in Ana Maria Costa e Silva e Maria Alfredo Moreira (Orgs.) *Formação e Mediação Sócio-Educativa – Perspectivas Teóricas e Práticas*. Porto: Areal Editores, 6-13.
- SILVA, Paula, GOMES, Paula, GRAÇA, Amândio e QUEIRÓS, Paula (2005) «Acerca do debate metodológico na investigação feminista». *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 3, 358-370. [On-line], http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232005000300012&lng=pt&nrm=iso, 16/07/2010.
- SILVA, Sofia Marques (2008a) «Figuras e configurações da estranheza: o mundo da vida e o mundo da escola». *E-cadernos ces*, 1, 141-159. [On-line], <http://www.ces.uc.pt/e-cadernos>, 24/06/2010.

SILVA, Sofia Marques (2008b) *Exuberâncias e (Trans)figurações de Si Numa Casa da Juventude: Etnografia de Fragilidades e de Estratégias Juvenis para o Reconhecimento e para a Dignidade*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, dissertação de doutoramento.

SILVA, Sofia Marques (2004) *Figuras e Configurações da Estranheza na Escola: Uma etnografia sobre as estratégias e os compromissos de jovens entre grandezas em conflito*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, dissertação de mestrado.

SOUZA, João Francisco (2001) *Atualidade de Paulo Freire: Contribuição ao Debate sobre a Educação na Diversidade Cultural*. Recife Edições: Bagaço.

TARDELI, Denise D'Aurea (2003) *O Respeito na Sala da Aula*. Petrópolis: Editora Vozes.

TERRASÊCA, Manuela (2002) «Tensão controlo/avaliação» in *Avaliação de Sistemas de Formação: Contributos para a compreensão de avaliação enquanto processo de construção de sentido*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, dissertação de doutoramento, 195-210.

TORREMORELL, Maria Carme Boqué (2008) *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.

TRINDADE, Rui (2003a) *Escola e Influência Educativa: O estatuto dos discursos didácticos inovadores no 1º CEB em Portugal*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, dissertação de doutoramento.

TRINDADE, Rui (2003b) «A escola como um espaço de afirmação da cidadania: contributo para um debate sobre a violência das e nas escolas» in José Alberto Correia e Manuel Matos (Orgs.) *Violência e Violências da e na Escola*. Porto: Edições Afrontamento/CIEE.

VASCONCELOS-SOUSA, José (2002) *Mediação*. Lisboa: Quimera.

Conferências:

Seminário Internacional Mediação de Conflitos: Diversidade de Práticas Unidade da Mediação (19 e 20/05/08) Participação: Dr. Bruno Caldeira (Associação de Conflitos); Dr. Juan Vezzula (Instituto de Mediação e Arbitragem de Portugal); Eng. Fernando Rosinha.

Conferência sobre Enriquecimento Curricular no 1º CEB: reflectindo princípios e práticas (26/05/08) Participação: Prof. Dra. Ariana Cosme.

Apêndice 1

TEMAS A ABORDAR NOS PRÓXIMOS MESES:

- **Setembro/Outubro:** Criação de uma identidade com o *Espaço Aberto*, em que o principal objectivo é aproximar e identificá-los com o contexto.
- **Outubro/Novembro:** “Espreitar” a Escola através do *Dragon Force*, onde se pretende estreitar a relação entre a escola e o *Dragon Force*, e as actividades planeadas visam perceber como as crianças/jovens imaginam o futuro e como estão integrados na escola.
- **Novembro:** “O Mundo do Futebol”, nesta temática pretende-se que as crianças/jovens abordem a sua perspectiva e planos quanto ao futebol e identificar quais os espaços mais significativos dentro do *Dragon Force*.
- **Novembro/Dezembro:** A família no Natal, onde o principal objectivo é envolver as famílias e as crianças em actividades alusivas ao Natal; desenvolver a importância da família.



Mestrandas em Ciências da Educação (FPCEUP):

Daniela Freitas

Sara Pinheiro

Orientação Científico-Pedagógica:

Prof. Dr.ª Sofia Marques da Silva (FPCEUP)

Dr. Ângelo Santos (Departamento Pedagógico, FC Porto)

Dr.ª Joana Pinto (Departamento Pedagógico, FC Porto)

Contactos para o esclarecimento de dúvidas
ou sugestões:

daniela_10@hotmail.com

sara_pinheiro1987@hotmail.com

SALA DE ESTUDO ESPAÇO ABERTO



O QUE É O ESPAÇO ABERTO?

A *sala de estudo – espaço aberto* - tem como principal objectivo desenvolver um projecto educativo em consonância com as restantes actividades educativas desenvolvidas na Escola de Futebol *Dragon Force*. Para além de ser um espaço aberto para o acolhimento de crianças e jovens que frequentam a escola de futebol, é um lugar de interface com outros espaços educativos, como a escola e as suas vivências e relações interpessoais. Sobretudo, compreende-se este lugar como um espaço de estímulo à criatividade, à solidariedade e ao bem-estar.

Sendo a sua natureza aberta, ou seja, sujeita a mudanças e a novas ideias, este espaço tem duas vertentes equacionadas:

- Desenvolvimento de actividades lúdico-pedagógicas integradas num projecto educativo articulado;
- Desenvolvimento de um suporte educativo de interface com a escola, e que se pode tornar visível através do apoio à realização de trabalhos de casa e do apoio

pedagógico à construção de uma relação positiva com a escola.



O QUE SE ESPERA DAS CRIANÇAS E DOS JOVENS?

Espera-se que as crianças e os jovens participem activamente, transmitam ideias e actividades que gostariam de ver desenvolvidas.



EM QUE DIAS PODEM OS/AS VOSSOS/AS FILHOS/AS PARTICIPAR NESTE ESPAÇO?

Todos os dias! Contudo, se forem ao Espaço Aberto num dos dias em que não têm treino e se a sala estiver lotada, dar-se-á prioridade a quem treina nesse dia.

QUE ACTIVIDADES PODEM ENCONTRAR NO ESPAÇO ABERTO?

- Pintura, com o objectivo de desenvolver a criatividade e identidade;
- Visionamento de filmes, em que a intenção é abordar a família, o desporto e a importância da escola;
- Jogos (Peddy Papper, etc.), de forma a estabelecer uma interligação com a escola, explorar as relações interpessoais, ...



HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

De 2ª a 6ª feira
das 17:00h às 20:00h

Apêndice 2



Imagem 1-Disposição original da sala



Imagem 2- Disposição adoptada pelo projecto



Imagem 3-Exemplo de roda dos alimentos realizada pelas crianças e jovens



Imagem 4- Espetadas de Fruta



Imagem 5 - Visita de jogadores ao *Espaço Aberto*



Imagem 6 - Tela sobre multiculturalidade



Imagem 7- Cartaz sobre os direitos das crianças



Imagem 8 - Árvore de Natal do Espaço Aberto

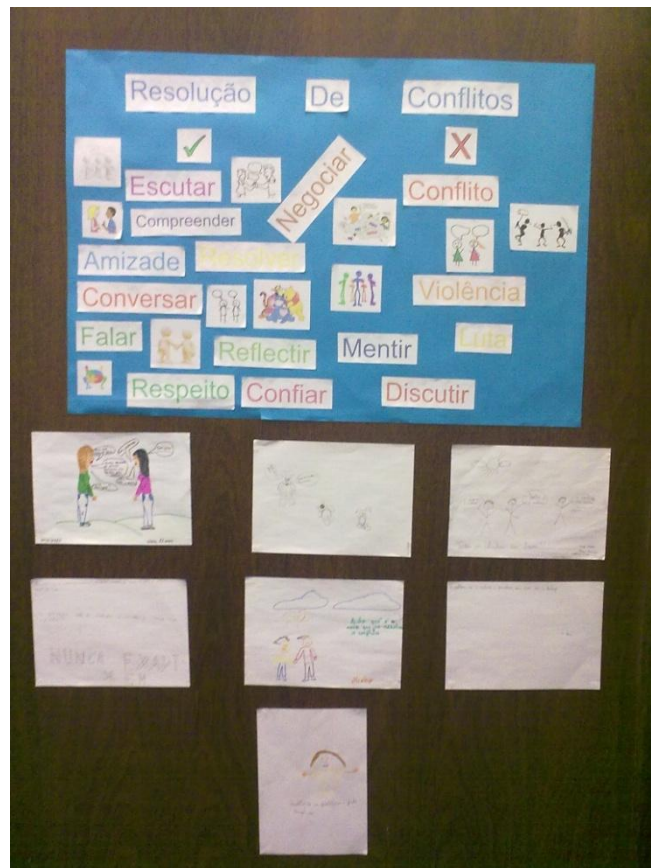


Imagem 9 - Cartaz e desenhos Resolução de Conflitos



Imagem 10 - Exemplo de actividade desenvolvida no âmbito da temática Resolução de Conflitos



Imagem 11 – Cartaz e desenhos relativos ao Dia dos Namorados

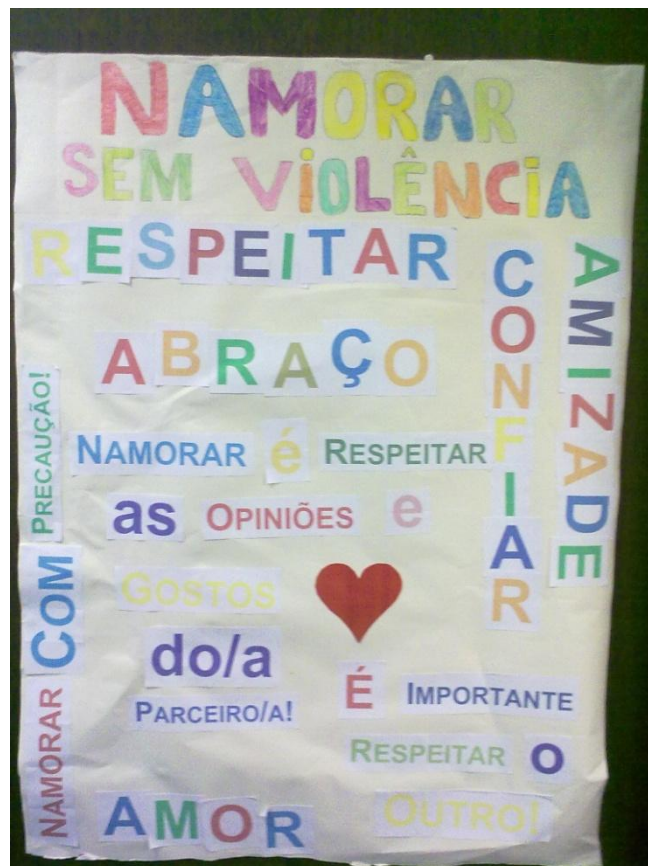


Imagem 12 - Construção de palavras e/ou frases sobre a temática Violência no Namoro



Imagem 13 - Cartazes e pinturas sobre o Ambiente

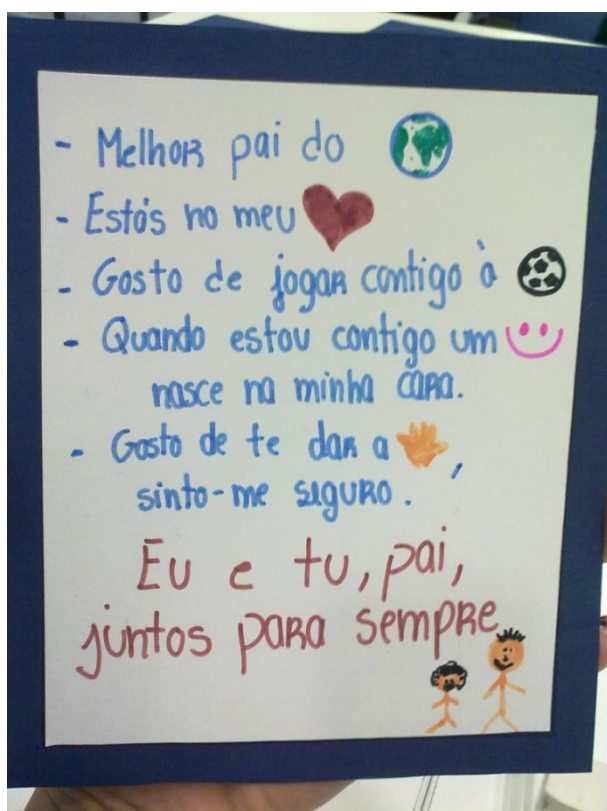


Imagem 14 - Exemplo de postal para comemorar o Dia do Pai



Imagem 15 - Cartaz Dia Mundial da Árvore



Imagem 16 - Cartaz Dia Mundial da Água

Apêndice 3



O presente inquérito destina-se às crianças e jovens que frequentam a Escola de Futebol *Dragon Force*, e tem como objectivo recolher dados acerca da forma como gostariam de ver dinamizado o Espaço Aberto - Sala de Estudo. Este inquérito por questionário é confidencial.

Idade: _____

Sexo: Masculino

☐

Feminino

☐

Em que concelho/zona vives? _____ Que ano frequentas? _____

1. Como conheceste a Escola de Futebol *Dragon Force*?

2. Que motivos te levaram a vir para a Escola de Futebol *Dragon Force*?

3. O que mais gostas/ (te) agrada na Escola de Futebol *Dragon Force*?

4. Como imaginas o *Espaço Aberto*?

5. Que materiais (por exemplo: jogos, livros, filmes, etc.) gostavas que o Espaço Aberto tivesse para usares?

6. Qual o aspecto que o Espaço Aberto podia ter?

Mestrandas: Daniela Freitas e Sara Pinheiro

Orientação científico-pedagógica: Prof. Dr.ª Sofia Marques da Silva, Dr. Ângelo Santos e Dr.ª Joana Pinto

Inquérito para as crianças/jovens

7. Das actividades que se seguem, coloca-as por ordem de preferência, do 1 ao 7.

Leitura ☐ Trabalhos Manuais ☐ Visionamento de filmes ☐
Pintura ☐ Acesso à Internet ☐ Realização de TPC ☐ Outras ☐

8. Dos dias temáticos que se seguem, diz quais são os teus preferidos, do 1 ao 10.

Dia da Árvore ☐ Dia Internacional da Família ☐
Dia Internacional dos Monumentos e Sítios ☐ Dia da Mãe ☐
Dia Internacional da Dança ☐ Dia do Pai ☐
Dia Mundial da Alimentação ☐ Dia Internacional do Vizinho ☐
Dia Nacional contra a Obesidade ☐ Outros ☐

9. Qual a tua disciplina/área preferida na Escola? Porquê?

10. O que mais gostas na Escola?

11. Até quando estás a pensar estudar?

9º ano ☐ Ensino Secundário ☐ Ensino Superior ☐

12. O que te imaginas a fazer daqui a 10 anos?

Deixa na caixinha de sugestões uma (s) ideia (s) para o *Espaço Aberto*.

Mestrandas: Daniela Freitas e Sara Pinheiro

Orientação científico-pedagógica: Prof. Dr.ª Sofia Marques da Silva, Dr. Ângelo Santos e Dr.ª Joana Pinto

Apêndice 4



O presente inquérito destina-se aos encarregados de educação dos/as educandos/as que frequentam a Escola de Futebol *Dragon Force*, e tem como objectivo recolher dados acerca da forma como gostariam de ver dinamizado o Espaço Aberto - Sala de Estudo. Este inquérito por questionário é confidencial.

Idade: _____

Sexo: Masculino

☐

Feminino

☐

Qual a sua zona de residência? _____ Estado Civil _____

Qual a sua profissão? _____

1. Como conheceu a Escola de Futebol *Dragon Force*?

2. Quais os motivos que levaram a inscrever o/a seu/sua educando/a na Escola de Futebol *Dragon Force*?

3. O que mais lhe agrada na Escola de Futebol *Dragon Force*?

4. Quais as expectativas que tem em relação a esta Escola de Futebol?

5. Quais são as mais-valias educativas que encontra na Escola de Futebol *Dragon Force*?

6. Qual o lugar da Escola e do *Dragon Force*?

7. Como conheceu o *Espaço Aberto*?

Mestrandas: Daniela Freitas e Sara Pinheiro

Orientação científico-pedagógica: Prof. Dr.ª Sofia Marques da Silva, Dr. Ângelo Santos e Dr.ª Joana Pinto

Inquérito para os Encarregados de Educação

8. Como gostaria de ver decorado este espaço?

9. Quais as expectativas em relação ao *Espaço Aberto*?

10. Que materiais (por exemplo: jogos, livros, filmes, etc.) gostava que o Espaço Aberto tivesse para o/a seu/sua educando/a usufruir?

11. Sabendo que existem diversos dias temáticos (exemplos: Dia da Criança, Dia do Pai, Dia da Mãe, Dia da Árvore, ...) quais gostaria que o *Espaço Aberto* desse mais ênfase?

12. Qual o grau de formação que idealiza para o/a seu/sua educando/a?

9º ano ☐ Ensino Secundário ☐ Ensino Superior ☐

13. Quais as expectativas que tem em relação à escola?

14. Quais as expectativas que tem em relação ao/à seu/sua filho/a na Escola e no *Dragon Force*?

15. Como imagina o futuro do/a seu/sua educando/a?

Deixe na caixa de sugestões uma (s) ideia (s) para o *Espaço Aberto*.

Diário de Bordo

Nota de Terreno nº 1

14 de Setembro de 2009

No dia em que ficou decidido abrir o *Espaço Aberto*, chegamos ao início da tarde para dispormos a sala, do modo que pensamos ser mais atractivo e interessante para o desenvolvimento de actividades. Assim, a sala que se encontrava em forma de rectângulo foi adaptada por nós, ficando com três mesas encostadas à parede, que podem ser usadas pelos meninos e jovens para a realização de tpc's ou para as actividades por nós promovidas, para além disso juntamos as restantes mesas, duas a duas, onde se conseguem sentar 6 crianças, deixamos uma mesa com dois lugares para ser utilizada por nós e para colocar os materiais, uma vez que, ainda não temos um armário disponível para esse fim.

Antes de abrimos o espaço, estivemos a organizar os materiais, a imprimir os inquéritos por questionário para as crianças responderem, e os registos de presença. Exploramos também a possibilidade de termos acesso à internet, através do computador portátil, para quando precisarmos de efectuar pesquisas, isso ficará disponível nos próximos dias.

Quando abrimos o espaço tivemos alguns pais, mães ou avós que olhavam para dentro do espaço, assim como crianças, notando-se alguma curiosidade, neste primeiro dia tivemos um total de 7 crianças, entre as 17h e as 20h, sendo que é entre as 17h30 e as 18h e depois entre as 18h30 e as 19h que se sente uma maior afluência, uma vez que são as meias horas que antecedem aos treinos. As crianças mostraram-se interessadas e entusiasmadas com a sala, e os pais mostraram-se bastante curiosos, nomeadamente, foi muito frequente a pergunta se aquilo seria um local para eles/as fazerem os trabalhos de casa e terem apoio ao estudo, ao que nós explicamos que esse apoio na execução dos trabalhos de casa poderia ser dado por nós, mas que aquele espaço tem muitos outros objectivos, sendo que todos os meses, existe um tema a abordar e determinadas actividades pensadas em função dessa temática. Na minha perspectiva foi também visível que muitos pais “desejam” aquele espaço como sala de estudo, porque facilita as suas funções em casa, facilitando também o dia-a-dia das crianças, porque assim depois de chegarem a casa, já não precisam de se preocupar com os trabalhos de casa. Por outro lado, tivemos outros pais que se mostraram visivelmente agradados com a ideia do espaço aberto ir para além de uma sala de estudo, contudo, esse contentamento também se pode ter ficado a dever ao facto dos seus filhos ainda não terem trabalhos de

casa para fazer, uma vez que, a maioria das crianças que tivemos no espaço aberto tinham 6 anos, e ainda agora estão na primeira semana de aulas. No entanto, e tendo em consideração que nos apercebemos que muitos pais imaginam o espaço aberto como um espaço para a realização dos trabalhos de casa, pareceu-nos importante esclarecer isso mesmo através da elaboração de um panfleto, onde conste o que pretendemos fazer e o que é o espaço aberto.

No que respeita às crianças que frequentaram este espaço, estas mostraram-se satisfeitas por poderem desenhar ou pintar, mostrando mesmo interesse em pintar com guaches, contudo os guaches não puderam ser utilizados hoje, pois ainda não tínhamos protecção para a alcatifa. Algumas das crianças eram mais calmas, enquanto outras mais inquietas, sendo que se notava que se cansavam da actividade mais rapidamente. Apesar de não termos tido muitas crianças neste primeiro dia, durante as 3h, penso que o balanço é positivo, pois tivemos vários pais que afirmaram começar a deixar as crianças mais cedo para poderem estar no espaço aberto, as crianças que estiveram mostraram interesse em voltar no próximo dia do treino. E para além disso, também constatamos que alguns pais tinham como dúvida se seria necessário pagar para poder usufruir daquele espaço, tendo em conta que estas dúvidas estão a ser esclarecidas, pensamos que a afluência nos próximos dias e semanas será crescente.

Nota de terreno nº 2

15 de Setembro de 2009

Hoje, quando chegamos ao *Vitalis Park* começamos por organizar a sala, de acordo com a configuração que planeamos inicialmente, uma vez que, todos os dias quando saímos a sala tem que voltar à configuração de rectângulo, para o caso de surgirem reuniões ou outras actividades para aquele espaço. Contudo, tivemos o auxílio da manutenção para colocar as mesas na posição que desejávamos. Antes de abrirmos o espaço fomos imprimir uma folha, no gabinete onde se encontra o Dr. Ricardo e o Dr. Miguel, com o nome *Sala de Estudo Espaço Aberto*, para colocarmos na porta, pois consideramos que a identificação do espaço se torna fundamental, não só para as crianças que procuram o espaço, mas também para os pais que começam a identificar e a criar habitação ao nome atribuído ao espaço.

Foi-nos também fornecido os plásticos para cobrir a alcatifa da sala e jornais para cobrir as mesas, desta forma, já foi hoje possível dedicar uma mesa às pinturas com guaches, em papel de cenário, o que fascinou uma das crianças que tivemos hoje no Espaço Aberto.

Entretanto, por volta das 17h30 começaram a chegar os primeiros meninos, que vinham com trabalhos de casa para fazer, e portanto, dedicaram-se a essas tarefas, com o nosso apoio, sempre que solicitado. Num dos casos, a mãe questionou se podia acompanhar o filho na realização dos trabalhos de casa, sendo que o menino tem 6 anos. De facto, fiquei surpreendida com a questão, e disse que poderia ficar, contudo, na nossa perspectiva esta deve ser uma situação excepcional, pois as crianças devem ser acompanhadas por nós e não pelos pais. Tivemos outras situações em que as mães ou os avós sentam-se ao lado das crianças e isso não é para nós um problema, porque permite a interacção entre nós, as crianças e os pais, sendo que esse é também um dos nossos objectivos, a mediação e o estabelecer de uma articulação entre pais, crianças e *Dragon Force*. Mas, a questão de acompanhar isoladamente o filho nas tarefas, apenas usufruindo do espaço não é para nós uma opção viável, pois o espaço deve ser dinamizado por nós.

Quanto às tarefas, estas basearam-se na criação de desenhos e pinturas, sendo que também nos apercebemos da necessidade das crianças que vêm com os pais/mães, por exemplo, irmãs que não frequentam a *Dragon Force*, mas que querem usufruir do

espaço também, sendo que, o permitimos, uma vez que, não pensamos ser adequado negar o espaço, não estando o mesmo completo.

Nota de terreno nº 3

16 de Setembro de 2009

Hoje quando chegamos ao espaço aberto, a sala ainda não tinha sido adaptada à configuração que nós pretendemos que tenha. Assim, e como já não faltava muito tempo para abrirmos o espaço decidimos ser nós a começar a colocar as mesas na disposição inicialmente planeada por nós. Logo de seguida, vieram os técnicos da manutenção ajudar-nos nessa tarefa. Propuseram-nos colocar as mesas todas duas a duas, para que depois eles pudessem apenas separá-las e dessa forma, ficava numa configuração aceitável para quem usa o espaço antes de nós, mas infelizmente a configuração por eles proposta não nos agrada, e portanto, diariamente alguém tem que ajustar a sala às necessidades do espaço aberto e às restantes actividades programadas para aquela sala, admito que não é uma tarefa fácil para quem tem que ajustar a sala às necessidades, mesmo para nós seria mais cómodo se a sala pudesse ficar sempre ou quase sempre com a configuração que planeamos, isto porque não teríamos que ir todos os dias 30 minutos mais cedo, para termos tempo de arranjar a sala. Mas de facto, não podemos dispensar de colocar a sala como pensamos que esta funciona melhor para as crianças e jovens, e pensamos também que quando se assumem compromissos, como abrir um espaço para as crianças e jovens temos que ser capazes de lhes proporcionar bem-estar, e um ambiente que os agrada e fascine para frequentar o espaço aberto.

Ainda antes das 17h00 tratamos de imprimir as letras para o *PeddyPaper* que estamos a organizar para realizar durante a próxima semana, para que posteriormente, as possamos recortar. Entretanto abrimos o espaço aberto e pelas 17h30 tivemos os primeiros meninos, e reparamos que três dos seis meninos/as que tivemos durante este dia, já tinham estado lá na segunda-feira, e revelaram ter gostado, daí terem voltado hoje, este facto deixou-nos bastante contentes, porque significa que os meninos que estão a frequentar o espaço estão a gostar e querem lá voltar nos dias em que têm treino. Aliás, tivemos o caso de um menino que pediu à avó para se “despachar” na fisioterapia, porque disse ele que «queria ir pintar com as meninas». Isto foi-nos contado pela avó que o foi lá deixar. Hoje nenhuma das crianças tinha trabalhos de casa para fazer, e portanto, as actividades centraram-se em pinturas com guaches, que no geral gostam muito, e pinturas com marcadores e lápis de cor. Mais uma vez, tivemos uma situação de uma menina que foi para o espaço aberto, mas que não treina no

Dragon Force, só que enquanto espera pelo irmão foi até lá, e esteve a fazer pinturas com marcadores e com guaches, sendo que a mãe a certa altura foi também para lá. Como não temos tido o espaço completamente lotado não vimos até ao momento necessidade de negar o acesso a crianças que estejam à espera. Contudo, se posteriormente, começarmos a ter mais afluência teremos que restringir o espaço a quem pratica actividade física na *Dragon Force*. Por enquanto não nos parece propriamente desadequado nem incomodativo, uma vez que, ainda estamos a criar uma relação com aquele espaço e queremos cativar as crianças a frequentá-lo. Nessa perspectiva, parece-nos interessante que as crianças se queiram identificar com o espaço aberto, fazendo deste espaço um espaço delas e para elas.

Já mais para o final do dia apareceu um encarregado de educação que nos explicou que o seu filho frequenta os sub-8 e tem treino no *Vitalis Park* às terças, quartas e sextas. E este encarregado de educação gostaria de saber se o menino também poderia frequentar o espaço aberto ou se era apenas para os meninos da *Dragon Force*, sendo esta uma questão que nos ultrapassa, expliquei ao senhor que inicialmente este espaço foi pensado apenas para as crianças e jovens que frequentam a *Dragon Force*, mas que iria esclarecer essa dúvida. Assim sendo, coloquei a questão ao Dr. Ricardo, que me disse que da parte deles não teria qualquer inconveniente, contudo, esta questão devia ser esclarecida com o departamento pedagógico, porque se assim fosse isto alteraria o que inicialmente ficou previsto, ou seja, que era apenas abranger as crianças que frequentam a escola de futebol *Dragon Force*. Desta forma, expliquei ao senhor que iria expor esta situação à direcção, pois era uma questão que me ultrapassava e não poderíamos ser nós a tomar uma decisão. Mas que iria esclarecer a situação o mais rapidamente possível e que posteriormente, o informaria da decisão. Assim sendo, percebe-se que existe interesse por parte dos pais em que as crianças e jovens frequentam aquele espaço, até porque muitas das vezes lhes facilita os horários e os liberta para por exemplo levar um/a outro/a filho/a a uma outra actividade.

Nota de terreno nº 4

17 de Setembro de 2009

Hoje quando chegamos ao *Vitalis Park*, pelas 16h30, o espaço aberto ainda se encontrava com a configuração em O, e portanto, tivemos que começar a colocar as mesas na configuração que pretendíamos, quando o Miguel e o Rui da manutenção se aperceberam que já estávamos a colocar as mesas como queríamos, vieram ter connosco para nos ajudar. Contudo, penso que esta é uma situação desagradável, não só para nós que temos que ter a iniciativa de colocar diariamente a sala na configuração que desejamos, como para a manutenção que todos os dias têm que alterar a sala duas vezes. Mas também penso que se se pretende um espaço em que as crianças e jovens se identifiquem, um espaço que será para elas em particular, então esta sala deve ser assumida para isso mesmo, porque com as constantes mudanças parece que é sempre um espaço provisoriamente das crianças e jovens, em prol de outras actividades desenvolvidas. No entanto, sendo este o espaço que temos para dinamizar as actividades planeadas e tentar criar uma relação com as crianças e jovens, então este espaço tem de ser adaptado, do modo que nós pensamos ser o mais pertinente para as actividades a desenvolver.

Neste mesmo dia, tivemos a mãe de um menino que frequenta os sub-13 e que falou com o Dr. Ricardo para ver a possibilidade do seu filho frequentar o Espaço Aberto, sendo que já tínhamos colocado esta questão de os meninos/jovens que jogam nos sub, ou seja, que fazem competição, de poderem frequentar o Espaço Aberto, e como a resposta por parte do Dr. Ângelo foi positiva, informamos a mãe do menino que seria possível frequentar o espaço aberto, salvo se o mesmo se encontrasse lotado, aí nessas circunstâncias teríamos que usar um critério de selecção e esse critério, será dar prioridade aos meninos/jovens que frequentam a *Dragon Force*. No caso deste menino ele tem treino todos os dias, excepto às quintas-feiras, assim sendo, o único dia em que não poderia frequentar a sala seria a quinta-feira, pelas regras que inicialmente foram pensadas, mas como essa informação não foi transmitida à mãe, decidimos contornar esta situação, sendo que a solução encontrada será explicitar num folheto informativo que estamos a criar, que os meninos/jovens podem frequentar o Espaço Aberto durante os dias que quiserem, mesmo nos dias em que não têm treino, mas no caso de a sala se encontrar cheia, dá-se prioridade aos meninos que têm treino no próprio dia.

Após isto, importa referir que o número de meninos foi sensivelmente o mesmo que nos dias anteriores, sendo que ajudamos o menino dos sub-13 a fazer os trabalhos de casa e depois ele optou por estar lá a conversar connosco e a desenhar. Tivemos também mais alguns meninos/jovens que tinham treino hoje. Um deles, com 9 anos estava envergonhado e ia passando à frente da sala, até que o convidei a entrar, sendo que ele questionou o que se fazia ali, então eu expliquei-lhe o que ele poderia fazer, o motivo dos desenhos e das pinturas, e que naquele espaço ele era livre de fazer o que quisesse, uma vez que tínhamos muitas actividades diferentes pensadas para dinamizar a sala, acabou por ficar algum tempo connosco a pintar com guaches. Voltaram lá dois dos meninos que tinham estado lá na terça-feira para fazer desenhos e pinturas, os dois têm 4 anos, e já revelaram gostar do espaço e de estar lá, um deles veio acompanhado pelo pai, que se manteve sempre próximo dele, e o outro veio acompanhado pela mãe e por mais duas senhoras, que pelo que percebi seriam a avó e tia do menino. Parece-nos importante esta relação de proximidade que se está a criar com os pais das crianças, porque sentimos que têm confiança para nos colocar as suas dúvidas quanto ao espaço, e uma vez que, o mesmo não tem estado lotado, é possível que estejam lá, junto dos filhos, o que ajuda na proximidade entre pais e filhos e também na construção de uma relação entre nós (*Dragon Force*), pais e crianças.

Quando estávamos a guardar os materiais para ir embora, e como todos os dias temos que retirar o nome que se coloca na porta, reparamos que alguém tinha alterado o papel com o nome que nós tínhamos colocado, pois nós escrevemos o nome *sala de estudo espaço aberto*, com várias cores, e isso tinha um significado, e tinham colocado um papel com o mesmo nome, mas tudo escrito a azul, com o símbolo da *Dragon Force* e com a descrição das actividades, em que os tpc's apareciam em primeiro lugar. Como não gostei da atitude, questionei de imediato um dos assistentes que estava no corredor se ele sabia quem tinha colocado aquele papel na porta, ao que ele me respondeu que não tinha a certeza de quem tinha alterado aquilo. Entretanto, nessa mesma altura entra na recepção o Dr. Ricardo, sendo que o questionei se ele sabia quem tinha colocado aquele papel na porta, ao que ele me respondeu que tinha sido ele, eu perguntei se havia algum motivo para aquela alteração, ao que ele disse que preferia tudo azul, mas se as diferentes cores tinham significado. Nós explicamos que sim, que o facto de estar em diferentes cores era para ser mais atractivo e para demonstrar diversidade de actividades. Então ele “permitiu” que ficassem diferentes cores, pediu-nos só para colocarmos o símbolo, sendo que também concordamos e para explicitar algumas

actividades. Desta forma, tratamos de corrigir o nome, mas na parte das actividades não colocamos os tpc's em primeiro lugar, porque, desde o início ficou explicitado que as nossas funções não seria apenas supervisionar a realização de trabalhos de casa, e esta é uma questão que temos que desmistificar junto dos encarregados de educação.

Nota de terreno nº 5

18 de Setembro de 2009

Mais um dia em que chegamos ao *Vitalis Park* e o Espaço Aberto não estava na configuração que nós pretendíamos. Como tínhamos que imprimir umas letras para a realização do *PeddyPaper* na próxima semana e também tínhamos que imprimir o novo papel para afixar na porta, pedimos ao segurança, o Sr. Paulo, para ver se podia contactar com o Miguel da manutenção para nos ir colocando a sala como temos pedido, enquanto nós iríamos imprimir o que precisávamos. Quando a impressão terminou, regressamos à sala, pensando que esta já estaria pronta para ser usada por nós, porque já eram 17h00 e também porque já tínhamos o A, dos sub-13 à nossa espera para ir para o Espaço Aberto, inclusive a mãe estava com ele e comentou que até tinha ficado surpreendida com o tempo que ele tinha estado connosco no dia anterior e que ele tinha revelado ter gostado muito, transmitimos que estávamos muito contentes, que era mesmo isso que queríamos, que eles gostassem de estar naquele espaço. Assim, despedimo-nos da mãe e dirigimo-nos para a sala, estavam lá o Miguel e o Rui Jorge da manutenção, que ainda não tinham colocado a sala como nós queríamos, porque queriam sugerir colocar a sala de outra forma, para que depois não desse tanto trabalho modificá-la todos os dias.

No entanto, as sugestões deles não encaixavam com a disposição que nós desejamos para a sala, e apesar de lamentarmos o trabalho, também pensamos que não devemos descuidar esse aspecto, porque torna-se fundamental para atrair as crianças e jovens. Sendo que transmiti ao Rui Jorge que quando se assumem compromissos, como foi o caso da *Dragon Force* ter assumido que teria uma sala de estudo, espaço aberto, tem que saber que isso implica algumas mudanças e alterações aquele espaço, considerado multiusos, e ele concordou comigo.

De seguida, colocou-se então a sala como pretendíamos, enquanto o A aguardava um bocadinho para que pudesse começar a realizar os trabalhos de casa, esta situação de ele ficar à espera para se dispor a sala também não me agradou, porque penso que este trabalho tem que ser feito antes das 17h00, e tem que existir um assumir de responsabilidades para a manutenção da sala.

Quanto aos meninos/jovens que frequentaram a sala hoje, como à sexta-feira são só três turmas na *Dragon Force* tivemos apenas 3 rapazes, e dois deles foi mesmo só de

passagem pelo Espaço Aberto, um deles é do sub-8 e foi lá assinar o contrato e nós incentivamo-lo a fazer um desenho, sendo que ele já estava entusiasmado com o desenho, quando lhe disseram que tinha que ir para o treino. Um outro estava com vergonha e segundo ele não lhe apetecia fazer nada, sendo que, apenas conseguimos estabelecer uma conversa com ele, durante alguns minutos, depois ele quis ir embora. Quanto ao A estive a realizar os trabalhos de casa com o nosso apoio, e entretanto quis recortar letras connosco, uma vez que fomos aproveitando para preparar o jogo da próxima semana, recortando algumas letras. Estive também a fazer um desenho, mas disse que preferia recortar e então estivemos a recortar e a conversar com ele, sobre a escola, os treinos e jogos, o Espaço Aberto, entre outras coisas.

Mas parece que à sexta-feira vai ser sempre menor a afluência, uma vez que, a quantidade de meninos/jovens também é bastante inferior.

Nota de terreno nº 6

21 de Setembro de 2009

Hoje chegamos ao *Vitalis Park* um pouco mais cedo que o habitual, eram mais ou menos 16h00, pois precisávamos de distribuir as palavras para que o *PeddyPaper* pudesse realizar-se. Assim, dirigimo-nos à *sala de estudo espaço aberto* que já se encontrava com a configuração por nós planeada, isso facilitou-nos a organização das palavras e posterior colocação das mesmas em locais estratégicos. Contudo, abordamos o Dr. Ricardo para que ele nos indicasse em que locais poderíamos esconder as palavras. Assim, decidimos colocar três palavras no espaço aberto, e as restantes na zona do campo, sendo que escolhemos palavras que estavam associadas aos locais onde colocamos os envelopes, para depois darmos às crianças pistas para procurar.

Passava pouco das 17h00 quando chegaram os primeiros meninos, o D, o R e o N, tanto o D como o R tinham trabalhos de casa para fazer, portanto, começamos por realizar os trabalhos de casa, enquanto o N fazia um desenho para colocar na parede do Espaço Aberto. Entretanto como forma de os entusiasmar para resolverem os trabalhos de casa rapidamente, sempre com a nossa ajuda, claro, revelei que de seguida se faria um jogo, o R ficou logo muito entusiasmado, que por vezes, já se desconcentrava nos trabalhos de casa para fazer o jogo. Eu chamei-o a atenção da situação, explicando-lhe que tinha de se concentrar, para conseguir resolver melhor os trabalhos de casa, mas a verdade é que também compreendo que após um dia de aulas seja cansativo e por vezes, desmotivante ainda ter que realizar os trabalhos de casa. Assim que terminaram os trabalhos de casa avançamos com os 3 para fazer o jogo, a Daniela acompanhou-os à zona do campo, para lhes dar as pistas e para estarem sob a nossa vigilância, e eu fiquei na sala para o caso de aparecer mais meninos a sala não estar sem ninguém, e assim foi pouco depois apareceu mais um menino, mas logo de seguida já vinham os 3 a correr com as palavras e para procurar as restantes dentro do espaço aberto, e já participaram os 4. Entretanto como estavam muito entusiasmados com o jogo, isso acabou por suscitar a curiosidade de outros meninos/as que acabaram por entrar no espaço e participar no jogo. Penso que foi uma actividade de que gostaram muito, e todos/as se mostraram entusiasmados para voltar no próximo dia de treino.

Hoje foi um dia sempre movimentado pelas crianças, pois quando saíram uns para o treino das 18h, começaram logo a chegar os que têm treino às 19h15, mas esses

como eram mais novinhos optamos por esconder as palavras dentro da sala, até para não gerar muita confusão com o treino das outras crianças/jovens e também porque decidimos simplificar o grau de dificuldade para as crianças que tinham sensivelmente 6 anos, sendo que o jogo resultou igualmente bem. Uma menina esteve no espaço aberto, mas primeiro quis desenhar e só depois participar no jogo, portanto, repetimos o jogo várias vezes, contudo, rapidamente percebemos que desta vez a parte da construção das palavras não estava a resultar, porque eram crianças com mais ou menos 6 anos. Assim sendo, optei por repetir várias vezes a distribuição das palavras em locais escondidos dentro da sala, e depois as crianças iam procurar, e eliminei a parte da construção das palavras, uma vez que, todos eles só sabem escrever o nome e conhecem as letras, mas não as conseguem ler. Esta dinâmica repetiu-se algumas vezes, até que chegou a hora de se irem equipar, pois já se aproximava a hora do treino, mas dois dos meninos depois de se equiparem voltaram para a sala, enquanto os treinadores não chegavam, e a certa altura estava o pai de um dos meninos à porta e questionou-o acerca da construção das letras, o que tinha ele conseguido e ele respondeu da seguinte forma:

«Ela não me deixou construir as palavras».

Sendo que isto não tinha sido a verdade, tomei de imediato a atitude de o chamar a atenção, dizendo-lhe o seguinte:

«Isso não é verdade, pensa bem porque não construístes as palavras, foi porque ainda não conheces as letras, não é?»

Ele por sua vez não me respondeu e eu aproveitei para explicar ao pai que ele não tinha construído as palavras, porque a única palavra que ele conhece é a do nome próprio e que portanto, eu percebi que ele se estava a dispersar e que não estava a conseguir e que dessa forma, tinha adoptado outra estratégia, para que tanto ele como os outros meninos estivessem envolvidos no jogo, ao que o pai me transmitiu que de facto, ele ainda não sabia outras palavras, para além do nome e afirmou ter percebido a minha estratégia. Assim o espero! Tenho de admitir que fiquei surpreendida com esta reacção do menino e em certo ponto, desapontada, porque de facto não me parece bem que as crianças não sejam verdadeiras, mas talvez ele tenha percebido mal a dinâmica do jogo e pode até mesmo não ter compreendido porque não estava a construir as palavras. Estou a pensar na quarta-feira adoptar outra metodologia.

Ainda aproveitamos para colocar os desenhos na parte da parede que está em madeira, uma vez que, temos “bostic” para utilizar e portanto, já colocamos os desenhos feitos pelos meninos/as, sendo que, os que já viram ficam todos orgulhosos de ter os

seus desenhos e pinturas expostas na parede. Antes de sairmos não os retiramos da parede, contudo, ainda não sabemos se diariamente terão que ser retirados para o exercício de outras actividades naquele espaço ou se os desenhos e pinturas poderão ficar expostos, até termos uma solução mais definitiva.

Nota de terreno nº 7

22 de Setembro de 2009

Hoje quando chegamos ao *Vitalis Park* dirigimo-nos ao gabinete onde tem uma impressora, para uso da equipa do *Dragon Force*, precisávamos de imprimir os certificados para a partir de amanhã oferecermos aos/às meninos/as e jovens que participem no peddy paper. Para além disso, imprimimos também os desdobráveis para entregar aos pais, com informações acerca do funcionamento do espaço aberto, e ainda, imprimimos o plano de actividades e o projecto que concebemos, para posteriormente entregarmos ao psicólogo que colaborará connosco naquele espaço.

De seguida, fomos colocar as palavras nos locais que colocamos ontem, para que as crianças/jovens que participassem hoje no espaço aberto pudessem também usufruir do jogo. Por volta das 17h15 chegaram os primeiros meninos, sendo que veio o A, o D e pouco depois o B. Os três tinham trabalhos de casa para fazer e portanto, começamos por essa parte. Entretanto tivemos mais um menino que não tinha trabalhos de casa para fazer e também não queria fazer desenhos, enquanto aguardava que os colegas terminassem os trabalhos, então acabou por se dispersar e ir brincar com outros colegas que estavam fora da sala. Mas a verdade é que também precisávamos de tranquilidade para a realização dos trabalhos de casa. Quando terminaram avançamos com o jogo, que eles descobriram com facilidade, a maior dificuldade foi mesmo a construção das palavras, mas com a nossa ajuda conseguiram, e penso que o jogo está a fazer sentido para eles/as.

Passado pouco tempo foram equipar-se para ir para o treino e pouco depois começaram a chegar os meninos que têm treino às 19h15, mas como eram mais novinhos, mais ou menos dos 4 aos 6 anos, pensamos que repetir o jogo não faria sentido, e eles também revelaram maior interesse em continuar ou fazer novos desenhos. Tivemos inclusive, um menino com quatro anos que quis assinar o desenho que fez na semana passada, e pela primeira vez, segundo nos revelou a mãe, mostrou interesse em escrever o nome todo, porque geralmente só escreve os dois primeiros com a ajuda da mãe, que lhe diz que letras tem que fazer e ele copia essas mesmas letras.

Quando este menino foi para o treino não tivemos mais nenhum até às 20h00, pois a partir das 19h15, hora a que começa o último treino, as crianças ou jovens que

estão a sair do treino anterior vão para casa, até porque na grande maioria já têm lá os familiares à espera.

Nota de terreno nº 10

25 de Setembro de 2009

Nesta sexta-feira realizamos o jogo do *peddypaper* quando os meninos terminaram os trabalhos de casa. Comparando com a outra sexta-feira tivemos bastantes meninos, tivemos 8 e na primeira tínhamos tido 3. Portanto, podemos ter como balanço que os jogos os atraem para o espaço aberto, assim como entre eles se incentivam a frequentar o espaço.

O que me parece de salientar neste dia foi mais a questão da linguagem que os jovens usam entre eles para se cumprimentar ou mesmo para se caracterizarem entre si. Hoje tivemos jovens novos, e um deles quando chegou ao espaço aberto cumprimentou o B, com um «Olá preta», ao que o B respondeu: «Olá cigana», de imediato intervim e questioneei que tipo de linguagem era aquela, ao que o V me respondeu que o B era preto, daí estar a cumprimentá-lo assim, eu disse-lhe que não era necessário ele o cumprimentar dessa forma e decidimos que o melhor seria avançarmos para o jogo, até porque não teria muito interesse continuar com este tipo de observações.

Todos eles ficaram bastante entusiasmados com o jogo e decidimos fazê-lo junto do campo, mas como o jogo já se tinha realizado antes era necessário voltar a esconder as letras. Assim, enquanto a Daniela foi esconder as letras, com o A, um jovem que preferiu esconder as letras connosco do que procurá-las, uma vez que, já tinha participado no jogo várias vezes durante a semana, eu fiquei com os restantes jovens para eles não espreitarem para onde a Daniela e o A iam. Nessa altura, estava um outro jovem novo, no espaço aberto, que se chama JP, e que é mais tímido e calado, sendo que fui eu que o incentivei a participar no jogo, e nessa mesma altura, o V lembrou-se de chamar «paneiro» ao JP, sendo que lhe disse que ele não tinha que dizer aquilo, de quem quer que fosse, e o JP não se defendeu. Disse também ao V que as pessoas podiam fazer o que quisessem e nós não teríamos direito a criticar ninguém e que isso não nos poderia incomodar. Ao que ele disse, «mas ele é», e eu respondi-lhe, «não temos nada a ver com isso», acrescentando que a conversa terminava ali. Entretanto a Daniela e o A já tinham escondido as letras e eles começaram o jogo, mas reparei que o JP quase não participava, mantinha-se mais afastado dos restantes jovens, e frequentemente incentivei-o a participar, a procurar as letras. Estes meninos têm mais ou menos 11, 12 anos, e portanto, nota-se que o tipo de linguagem em alguns deles já

não é muito adequado e o tipo de acusações que fazem também não. Apesar de ter percebido que é o V, que usa uma linguagem mais ofensiva e desadequada e que destabiliza um pouco o grupo.

Por outro lado, tivemos o caso de outro menino, também com 11 ou 12 anos, o C, que é extremamente bem-educado e neste dia, a mãe do C pediu para conversar connosco, revelando que o C tinha algo para nos dizer. Viemos então para a parte de fora da sala, onde o C também veio e mãe revelou que não o queria envergonhar juntos dos outros colegas, mas que ele nos queria pedir desculpa pelo barulho que tinha feito num dia desta semana, quando participou no *peddy paper*. Nós explicamos à mãe do C que era normal fazerem mais barulho enquanto jogavam e que o C nem tinha feito muito barulho, mas a mãe transmitiu-nos que o pai do C lhe tinha dito que o C estava a fazer muito barulho durante o jogo e que ele sempre tinha sido muito bem comportado na escola e também queria que ele tivesse o mesmo tipo de comportamento naquele espaço. Nós aproveitamos para dar os parabéns à mãe do C, porque de facto é um menino muito educado na forma de falar, de reagir e de estar, e que se tínhamos pedido para fazer menos barulho era pelo facto de termos um menino que necessitava de fazer os trabalhos de casa, mas que o C nem tinha sido dos meninos mais barulhentos. Considero que esta atitude tanto por parte da mãe, como do C demonstra realmente que o C é um menino bem acompanhado pelos pais.

Nota de terreno nº 17

12 de Outubro de 2009

Esta semana será a semana da alimentação, sendo que o nutricionista pediu a nossa colaboração, tendo pensado em construirmos com as crianças e jovens a roda dos alimentos. A ideia pareceu-nos interessante e portanto tratamos de construir três rodas dos alimentos, para preenchermos em diferentes dias, fomos aos supermercados buscar panfletos, para que as crianças pudessem recortar os produtos e depois colocar devidamente na roda. Penso que a actividade está a funcionar bem e a agradar na generalidade, mas constatei também que esta actividade é mais apelativa para os/as meninos/as até aos 8, 9 anos. Os que têm 10, 11 ou 12, já não revelam muita satisfação ao completar a roda, preferem os jogos, aliás estão constantemente a perguntar quando se vão fazer jogos, mesmo que seja sobre alimentação.

Nota de terreno nº 19

16 de Outubro de 2009

Como hoje era o dia da alimentação tinha ficado combinado com o nutricionista fazermos uma actividade diferente para as crianças e jovens, no início da semana tínhamos sugerido oferecer o lanche às crianças, em que o lanche seria constituído por um pão com queijo ou fiambre, um iogurte e uma peça de fruta, mas como esse pedido foi recusado, pelo facto de ser muito dispendioso, utilizou-se uma actividade feita no ano anterior, no campo de férias, que seria as crianças e jovens fazerem espetadas de fruta, que seria para consumirem e também para oferecerem aos pais ou a quem quisessem.

Quando começaram a chegar e viram que estava uma mesa com fruta e com uma taça com água para se lavarem os frutos, os jovens ficaram curiosos, explicamos-lhe que tínhamos uma surpresa para eles/as por ser o dia da alimentação, ainda os questionamos se tinham trabalhos de casa para realizar, eles disseram que sim, mas não os queriam fazer, nós também não insistimos, porque queríamos que desfrutassem da actividade, sabíamos que não iam estar concentrados na realização dos TPC, e essencialmente, porque não queremos que o espaço aberto seja apenas para realizar TPC.

A actividade decorreu muito bem, eles adoraram, e fizeram várias espetadas de fruta cada, para eles, alguns fizeram para os treinadores, fizeram para nós e para os pais, percebeu-se perfeitamente que se estavam a divertir com a actividade, nós ajudávamos os a cortar e descascar as frutas mais difíceis, como o kiwi, uma vez que, as facas eram de plástico para eles não se magoarem, mas para cortar e descascar o kiwi tornava-se mais difícil. Todos eles participaram na actividade até à hora do treino, tal era a diversão.

Contudo, quando veio o pai do C entregar-lhe o saco, como faz sempre, perguntou-lhe se os TPC já estavam feitos, ao que o C respondeu que não, explicando a actividade que lhes tínhamos proporcionado, e oferecendo mesmo uma espetada ao pai, que ele recusou, e o pai logo de seguida disse-lhe que se ele não fez os TPC, então no dia seguinte não iria ao *karting*, que poderia esquecer essa actividade. O C mostrou-se indignado, mas o pai voltou a afirmar que não iria, quase como se o estivesse a castigar por ele não ter feito os trabalhos de casa no espaço aberto. Como estava perto justifiquei que como era o dia da alimentação decidimos fazer outra actividade, explicando o que

tínhamos feito e transmiti também que por ser sexta-feira pensamos em não realizar os trabalhos de casa, uma vez que, tinham o restante fim-de-semana para os fazer, o pai do C não comentou, reforçando ao C que ele não iria fazer a actividade planeada para sábado. De facto, o pai pode gerir a questão dos trabalhos de casa como quiser, mas ao estar a penalizar o filho por não ter realizado os trabalhos de casa no espaço aberto está de certa forma, a impor-lhe escolhas e a atribuir toda a responsabilidade de realizar trabalhos de casa ao espaço aberto, tirando essa responsabilidade de si próprios. Sinceramente não gostei mesmo da atitude dele, apesar de não me ter manifestado mais, mas penso que temos realmente um problema a resolver, no sentido de que é urgente esclarecer-se que naquele espaço não se realizam apenas trabalhos de casa, nem isso nos pode ser cobrado, e de facto, este problema surgiu desde o início, quando se apresentou o espaço como sala de estudo, que era o que os pais queriam ouvir e o que se pretendia transmitir à comunicação social...

No caso de outro jovem, o A, também me apercebi que a mãe lhe telefonou e lhe deve ter perguntado se ele tinha feito os trabalhos de casa, porque ele respondeu que não, que como era o dia da alimentação tinham feito espetadas de fruta, contudo, não percebi se a mãe terá concordado ou não.

No fim, sobraram algumas espetadas que foram colocadas na recepção para quem quisesse servir-se. Penso que a actividade foi produtiva, tanto para as crianças e jovens, assim como para nós, e de facto, começo a pensar que a reunião com os pais está a tornar-se urgente para podermos esclarecer algumas questões, que apesar do panfleto que elaboramos, eles (pais) parecem querer esquecer o que é pretendido no espaço aberto.

Hoje, à semelhança dos restantes dias começamos por acompanhar e apoiar a realização dos trabalhos de casa, sendo que quando terminavam perguntávamos qual o espaço que gostavam mais na escola, como já esperávamos quase todos disseram que gostavam mais do recreio ou da porta de saída, mas quanto à porta de saída não permitimos que eles a desenhassem, queríamos algo mais significativo, e portanto, todos os meninos que tiveram tempo desenharam o recreio, porque foi a escolha deles.

Importa também referir que nos temos apercebido que de um modo geral como têm mais confiança connosco fazem mais barulho e distraem-se muito ao realizar os TPC, e em consequência disso, neste momento estamos mais sérias e a exigir-lhes silêncio, porque de facto, têm que se impor regras, porque alguns deles abusam com facilidade da confiança que lhes é dada. Contudo, temos outras crianças e jovens que se comportam muito bem, e com grande sentido de responsabilidade.

O AC que ultimamente tinha faltado ao espaço aberto, hoje voltou, e vinha muito animado, porque pela primeira vez tinha trabalhos de casa para fazer. Então dissemos-lhe para se sentar que o ajudaríamos a realizar os trabalhos de casa, e o pai disse que gostaria de ver como é que ele está a acompanhar as aulas, então sugerimos que ficasse ali connosco para ver o que ele tinha para fazer, mas infelizmente o pai do AC é muito pouco paciente, tem um tom de voz muito alto e estava sempre a gritar com o menino por causa dos trabalhos de casa, dizendo-lhe que ele tem a mania que sabe tudo, que pensa que ninguém tem que o ensinar, que na escola deve ser uma desgraça, virando-se para mim e dizendo: “ele não vai dar nada na escola, já viu como ele é!”. Eu tentei apaziguar a situação, até porque queria silêncio na sala, e o senhor estava a falar muito alto e exaltadamente, aliás espero que esta situação não se repita, pois não poderei, nem quero permitir tanto barulho provocado por um pai no espaço. Eu expliquei que era normal que ele errasse e que nem sempre estivesse atento, tentando não perturbar mais o AC, nem as restantes crianças. Mas ele continuou dizendo que vai conversar com a professora e que lhe vai dar autorização para lhe “acertar”, como ele mesmo disse, quando for preciso, nesta altura os/as pais/mães começaram a trocar opiniões, relativamente a esse aspecto, sendo que, não opinei, porque queria que a conversa não avançasse mais.

Entretanto, o AC foi equipar-se ao balneário e o pai foi com ele, passado uns minutos, o AC já estava no espaço aberto, mas sem o pai, e de seguida, veio o pai novamente a discutir com ele, a dizer que ele não podia sair da beira dele, sem dizer nada, que não era assim, pelo que já consegui perceber o AC tem constantemente esta atitude, de sair de junto dos adultos com quem está, sem avisar para onde quer ir. De seguida, sugerimos ao AC que fizesse um desenho sobre a sua escola, sendo que ele quis desenhar o recreio, por influência das outras crianças que estavam a desenhar os recreios das suas escolas. Nessa altura, o pai continuou com a conversa de que o menino não é acompanhado em casa, de que a mãe não presta atenção à realização dos trabalhos de casa, que ele está sempre com pessoas diferentes, mas continuava a falar num tom alto, então para evitar que perturbasse mais o funcionamento do espaço aberto decidi aproximar-me para conversar um pouco com o senhor.

Ele pediu-me a opinião, porque estava a dizer que também achava “chato” tentar tirar o filho à mãe, que era assim uma situação “chata” para uma mãe, ao que eu transmiti que o importante é os adultos resolverem os problemas que têm, sem afectarem as crianças, porque as crianças não pediram para estar cá, e os adultos têm que ser responsáveis por lhes dar bem-estar, estabilidade e não os envolver nos problemas. E o senhor afirmava com a cabeça que concordava, mas sempre acusando a mãe do AC que a culpa era dela, porque ela era muito vaidosa, mas na “cabeça não tinha nada”, segundo o senhor, “não tem cultura nenhuma”, afirmava ele. De seguida, questionei-o quando estava com o AC, para poder também perceber como se estabelecia aquela relação, e pelo que percebi não existem dias acordados, porque ele afirmou, que antes quando o AC estava na pré-escola ia buscá-lo uma a duas vezes por semana, agora como o AC já está na escola, ele está com ele aos fins-de-semana, e quando o vai buscar para o treino. Mas o senhor também me contou que ainda no domingo telefonou à mãe para saber se podia estar com o AC, e ela disse-lhe que não, que o AC ia sair com ela, e foi aí que ele disse que “o miúdo anda sempre com gente diferente” e que ele também não gosta disso. Isto foi o mais relevante da conversa, pouco depois o senhor foi para o bar assistir ao treino.

Para hoje conseguimos que viesse um jogador dos sub-19 ao espaço aberto, inicialmente tínhamos planeado que um jogador viesse no início da semana, por exemplo segunda ou terça-feira, que seria para introduzir a temática *espreitar a escola através do Dragon Force*. Com a presença do jogador traríamos um exemplo de como se pode conciliar os estudos com o futebol, e como a escola é importante para todas as tarefas e responsabilidades que possamos ter. Contudo, como nos foi recusado um jogador da equipa principal, uma vez que só poderia vir se se pudesse aliar a fins publicitários, e neste momento isso não seria possível. Desta forma, a solução encontrada foi tentar que viesse um jogador da equipa de sub-19, mas isto levou a atrasos, só tendo sido possível agendar a visita do jogador para sexta-feira.

Assim sendo, preparamos uns papéis para colocar na porta para publicitar a vinda do jogador e anunciamos também nos LCD's, quando os meninos começaram a chegar aproveitamos para lhes transmitir que tínhamos connosco o Ricardo Dias, que lhes falaria da importância da escola e de como se consegue conciliar a escola com o futebol. Entretanto chegou o Ricardo, com outro jogador, o Kalí, o Dr. Ângelo e a Joana, no entanto, na altura só tínhamos 3 meninos, porque alguns deles tinham treino às 18h00 e já tinham ido para o treino e para o treino das 19h00 ainda não tinham chegado muitos. Para além disso, à sexta-feira são sempre menos crianças, mas como a única hipótese foi mesmo na sexta pensamos que seria mais interessante manter a actividade do que desistir da mesma. Pouco depois o Ricardo e o Kalí começaram a conversar informalmente com as crianças, que era o que nós também pretendíamos, uma conversa próxima e informal, e que essencialmente as crianças e jovens compreendam que é possível ser-se jogador e continuar com outros projectos de vida, nomeadamente, a nível profissional. Entretanto foram chegando mais crianças e jovens, sendo que o Ricardo, o Kalí, a Joana e o Dr. Ângelo estiveram no espaço aberto até às 19h00, como a essa hora já não tínhamos mais crianças nem jovens não se justificaria continuarem lá.

Penso que foi uma actividade interessante e importante para os meninos, contudo, gostaria de ter podido conversar com o Ricardo e o Kalí antes de se ter estado com os meninos, no entanto eles referiram o que tínhamos pensado e captaram bem a mensagem a transmitir. Mas pessoalmente tinha imaginado uma sessão mais

interventiva entre crianças/jovens e os jogadores, o que não aconteceu, mas penso que o balanço é positivo.

Para esta semana planeamos como actividade fazer um documentário, em que as crianças e jovens respondem a algumas questões que colocamos acerca da escola, e da *Dragon Force*. Esta actividade tem como objectivo que as crianças e jovens reflectam sobre o seu futuro e o que pretendem e para que nós também possamos compreender o que idealizam. Para além disso, esta actividade foi pensada para articularmos a importância da escola e da *Dragon Force* na vida das crianças e jovens.

No entanto, conforme foram chegando as crianças e jovens iam realizando os TPC's e só quando terminavam é que os organizávamos para fazerem o documentário. A parte de pegarem na máquina e filmarem encantava-os por completo, e preferiam filmar os colegas, do que responder às questões. Quando era possível constituir grupos de três, colocávamos um a fazer as perguntas, outro a filmar e outro a ser entrevistado e iam rodando entre eles. As respostas obtidas foram idênticas, embora seja possível compreender que algumas crianças têm objectivos que não passam pelo futebol e outras que têm a enorme expectativa de ser futebolistas, isto ainda em traços muito gerais.

Hoje tivemos também a visita da psicóloga estagiária, a Andreia, que começará o estágio em breve, na *Dragon Force*, e perguntou se poderia estar um pouco no Espaço Aberto, para conhecer o contexto e porque tinha sido encaminhada pelo Miguel Lopes para conhecer o espaço e também para conhecer o *vitalis*, assim como assistir aos treinos. Assim sendo, a psicóloga estagiária esteve durante 45 minutos sensivelmente, no espaço aberto, onde lhe explicamos o que fazíamos e o que era pretendido com aquele espaço, uma vez que, a psicóloga estagiária estava lá aproveitamos para conversar com as crianças sobre o que faz um/a psicólogo/a, para percebermos se eles sabiam as tarefas associadas a um/a psicólogo/a.

Importa ainda referir que hoje nos apercebemos de uma situação que me parece relevante salientar, como já foi referido antes, o pai do AC nem sempre tratava o filho com os melhores modos, nem lhe dava o apoio necessário, tendo mesmo dito que ele era um “burro”, que não aprendia nada na escola. Reportamos esta situação ao Miguel Lopes, na reunião que tivemos com ele, para o alertar que considerávamos que o acompanhamento familiar e emocional do AC tinha algumas lacunas, e que já nos tínhamos apercebido de que o AC é uma criança instável. O Miguel revelou-nos que

falaria com o pai dele, para modificar o comportamento que teve dentro do espaço aberto e para o alertar para a forma como trata o AC. Assim sendo, a transformação que verificamos hoje foi grande, pois o pai do AC quando o deixou no espaço aberto, disse que o deixaria lá, enquanto ia ao bar, deu-lhe inclusive um beijo quando chegou do bar, o que nunca tínhamos visto antes, pediu-lhe para não ir para o balneário sozinho, e foi bastante compreensivo, quando o AC disse que se tinha esquecido da ficha dos trabalhos de casa na escola. De facto, percebe-se nitidamente que o pai do AC mudou de comportamento, e isto deve ter-se ficado a dever à conversa que o Miguel teve com ele.

Nota de terreno nº 25

02 de Novembro de 2009

Para esta semana como se comemora a taça das nações planeamos actividades em função da comemoração. Na taça das nações distribui-se um país a cada equipa, com um jogador do país em questão e é função dos/as jogadores/as da equipa efectuarem pesquisas sobre o país, de modo a explorarem a história e geografia dos países. Para facilitarmos algum trabalho às crianças e jovens já efectuamos as pesquisas, sendo que eles/as podem consultar no espaço aberto o que necessitam para efectuar o trabalho, pensamos que seria também interessante que pintassem as bandeiras dos países respectivos. Como temos meninos/as que pertencem à competição e esta actividade da taça das nações é apenas para os/as meninos/as que pertencem à *Dragon Force*, decidimos organizar mais duas actividades para esses jovens. Assim, e para apostar nas questões da multiculturalidade, estando estas também relacionadas com os diferentes países, decidimos para os mais novos dar-lhes imagens, com pessoas de diferentes etnias para desenharem ou pintarem e para os jovens decidimos fazer um jogo, em que colocamos países e capitais e eles tiram um papel, e têm que tirar outro com a respectiva capital ou vice-versa. Contudo, hoje só realizamos actividades como pintar e desenhar ou ajudar à pesquisa dos países, e da elaboração da bandeira. As restantes actividades serão desenvolvidas durante a semana, consoante eles/as terminem os TPC.

Hoje notei também alguma desobediência, porque algumas crianças estão a distrair-se com facilidade, a conversar e até mesmo a resmungar uns com os outros, sendo que tive mesmo que os chamar a atenção por estarem a discutir uns com os outros. Mas não foi fácil obedecerem-me, só quando perceberam que estava a ficar mesmo chateada é que ficaram mais calmos.

Considero também importante que quando ajudei o A a fazer os trabalhos de casa de francês, sendo que ele tinha como tarefa fazer a sua descrição física e psicológica, sugeri-lhe que devia dizer que era responsável, uma vez que, realizava os TPC, para o motivar a continuar essa tarefa. Mas à segunda-feira como tem treino uma hora mais cedo não tem muito tempo para realizar totalmente os TPC, então 15 minutos antes de começar o treino foi ter comigo e disse-me que não tinha conseguido terminar o trabalho de casa, mas que amanhã o traria para o espaço aberto para terminar, eu perguntei-lhe para quando precisava desses TPC, sendo que me disse que era só para sexta-feira, então disse-lhe que tudo bem, que fosse para o treino e amanhã terminava,

gostei da atitude responsável dele, de me informar porque não terminaria os TPC, e da confiança que sinto que tem para não me esconder que não fez ou que não terminava, mas transmitindo que terminaria depois, transmiti-lhe com uma “festa” na cabeça que gostei da atitude.

Para terminar gostaria de realçar que tenho notado que o AS apresenta algumas dificuldades na realização dos TPC, nomeadamente, na leitura, para uma criança que frequenta o 2º ano de escolaridade o AS apresenta muita dificuldade em juntar as sílabas e ler, contudo, na área da matemática apresenta um raciocínio muito bom para a idade, quando tem dificuldades para resolver problemas percebe-se que é por não compreender o enunciado e não pela dificuldade do exercício ou do raciocínio.

Para esta semana tínhamos planeado fazer uma foto-reportagem sobre os locais mais significativos para os/as jovens na *Dragon Force*, contudo como ainda não lhes tínhamos mostrado o documentário realizado há duas semanas, pensamos que seria mais importante e interessante, mostrar esta semana o documentário e adiar uma semana a actividade da foto-reportagem, que introduz a temática “o mundo do futebol”. Para além de lhes mostrarmos o documentário e para finalizar o tema da escola parece-nos importante acrescentar como actividade desta semana eles/as pintarem uma mão com guaches e depois colocarem essa mesma mão na tela, sendo que também lhes pedimos para escreverem uma palavra ou expressão acerca do respeito pelos/as outros/as e da igualdade entre todos/as, pois temo-nos apercebido de algumas brincadeiras ou expressões, que revelam alguns sinais de racismo, apesar de pensarmos que é realmente uma brincadeira e que não existe qualquer tipo de discriminação entre as crianças e jovens, consideramos que esta actividade seria importante, até para os sensibilizar mais para estas questões. A recepção a esta actividade foi muito boa hoje.

Como é habitual demos apoio também à realização dos trabalhos de casa, e por volta das 18h00 chegou o AC, que trazia trabalhos para fazer, tinha duas páginas para fazer o “p”, “pa”, “pe”, “pi”, “po” e “pu”. De facto, parece-me excessivo uma criança de 6 anos ter duas páginas de trabalho de casa, sempre com o mesmo assunto, e ainda dificulta mais a situação, porque o AC cansa-se rapidamente do que está a fazer, ou seja, ao fim de duas linhas começou a dizer que não queria fazer mais, e eu estive sempre a insistir com ele, transmitindo-lhe mesmo que se o pai viesse e visse que ele só tinha feito aquilo lhe ia “ralhar”, passado algum tempo, veio um outro menino ter com o AC, e estava a distraí-lo, então o AC disse o seguinte: “não me posso distrair senão o meu pai bate-me”, o que foi diferente do que eu lhe disse. Contudo, o AC distrai-se muito, falando com outras crianças e simplesmente parando o que está a fazer, tinha que estar sempre a insistir com ele. Reparei também que a certa altura o pai do AC estava na recepção, mas a olhar para o espaço aberto, para ver se o AC estava a trabalhar, sendo que já se deve ter apercebido que a presença dele não é oportuna, e mantém-se mais afastado. No entanto, quando entrou no espaço aberto para ver se os trabalhos de casa já estavam feitos e se apercebeu que não começou logo a falar alto com o AC, dizendo que

ele é sempre assim, que parece que não quer fazer nada. Mas como o AC já me tinha dito que amanhã teria um passeio e que os trabalhos eram só para estarem prontos na 4ª feira, eu disse que eram muitos trabalhos, e muito da mesma coisa para realizar e que para além disso, o AC tinha um passeio, então o pai mostrou-se mais compreensivo e disse que estava tudo bem, que ele terminaria amanhã os TPC.

Quando o AC já estava a realizar os trabalhos de casa chegaram os gémeos, a RS e o MS, que têm 6 anos também, assim como o AC, e começaram a realizar os TPC, tinham como TPC fazer o “m” e palavras começadas por “m”, de imediato o AC comparou o que ele estava a aprender, com o que estava a aprender a RS e o MS, dando a entender que eles sabiam mais do que ele, e que ele não teria tanta “capacidade” para aprender. Sendo que, lhes transmiti que só estavam a aprender coisas diferentes, mas igualmente importantes.

A certa altura, o AC perguntou à RS o que ela estava a fazer, e a RS disse que estava a copiar palavras começadas por “m”, então o AC perguntou e palavras começadas por “p”? E a RS disse: “pé”, “pão” e diz o MS: “pila”, ao que eu disse logo para ele continuar a fazer o “m” e diz ele, “mas é”, e eu disse, “pois é, mas agora faz o m”. Esta genuidade das crianças dá-nos momentos únicos e até divertidos, mas de facto, tive logo que remediar a situação, para tentar que mais nenhuma criança ouvisse e até mesmo para o MS perceber que não deve dizer certas palavras.

Hoje tivemos muitas crianças e jovens no espaço aberto, e a maioria deles não tinha trabalhos de casa para realizar, então conforme foram chegando íamos propondo a realização da actividade que esta semana consiste em fazerem a legenda e justificarem porque quiseram tirar fotografias a determinados espaços na *Dragon Force*. Apesar de terem gostado bastante de tirar as fotografias não mostram tanto entusiasmo em justificar as escolhas e alguns ainda não quiseram fazer a actividade ou terminá-la. Contudo, fomos tentando convencê-los a fazerem a actividade transmitindo que posteriormente vamos tentar afixar as fotografias fora do espaço aberto, no entanto, não conseguimos convencer todas as crianças e jovens. Assim foram jogando cromos e conversando connosco também.

O K chegou mais cedo e pouco depois de ter chegado quando me aproximei dele, ele perguntou-me logo: «é você que vai falar com a minha professora, não é?» Eu disse-lhe que ele me podia tratar por Sara, e que sim seria eu a ir à escola dele falar com a directora de turma dele, mas para não se preocupar com isso, sendo que ele transmitiu que já estava preocupado, porque tinha 3 negativas e era mal comportado nas aulas. Então optei por lhe perguntar porquê que ele achava que era mal comportado? Ele disse-me que se distrai e conversa muito, então aconselhei-o a tentar não conversar tanto, nem se distrair e que quanto às notas é possível recuperar e que é isso que vamos tentar fazer juntos. Mas compreendi pelo que ele me foi dizendo que achava que eu ia à escola para “ouvir as queixas da professora” e para saber das notas. Como compreendi isso e não quero de forma alguma que associem a nossa intervenção à de um “vigilante”, esclareci logo ao K e ao M (que também estava ao nosso lado) que eu vou às escolas para os ajudar a terem sucesso na escola e em tudo o resto e que não quero que pensem que os vou prejudicar, porque de forma alguma é isso que se pretende, apenas queremos acompanhar as diferentes actividades que têm e ajudá-los ao máximo a continuarem bem no futebol e na escola e a melhorar os aspectos menos bons e que se precisarem ou quiserem conversar comigo sobre algum aspecto estão inteiramente à vontade para conversar comigo, sobre o que quiserem. Penso que depois desta conversa já ficaram mais tranquilos e confiantes com o projecto de mediação. Mas também penso que só

vão sentir-se mais à vontade quando perceberem que fomos às escolas, e que os estamos a ajudar no trajecto que estão a construir.

Como a maioria das crianças e jovens que estiveram hoje no Espaço Aberto já tinham estado no dia anterior não quiseram repetir a actividade que consistia em recortarem os direitos das crianças e colarem em cartolinas, assim como alguns desenhos de crianças. Para os que ainda não tinham feito a actividade sugerimos que a fizessem, alguns mais motivados, outros nem tanto lá foram fazendo, e com os jovens da equipa de sub-13 como já tinham estado lá na 5ª feira, fomos conversando acerca do dia que tiveram, pois a sexta-feira é um dia de maior descontração, até porque os jovens já se encontram mais cansados para fazer actividades e é sempre um dia mais calmo. Para além disso, para esta semana também tínhamos planeado a vinda de um jogador para falar do seu percurso no futebol e nas restantes actividades, mas infelizmente o jogador não nos foi concedido e a actividade não se concretizou.

Considero ainda relevante transmitir que o C e o B estiveram a conversar connosco sobre o que se tinha passado nos intervalos das aulas, sendo que era o C que queria contar o que se tinha passado entre ele e a namorada hoje, é interessante compreendermos como em tão pouco tempo os jovens com 11, 12 anos já se sentem à vontade para nos “confidenciarem” as experiências que têm com as namoradas, o que conversam, quando se “zangam”, sendo que nos mostramos sempre disponíveis para o que eles nos quiserem dizer. A verdade é que ficamos muito contentes e satisfeitos ao percebermos que não precisamos de abordar determinados temas para eles se sentirem à vontade connosco e a confiança que fomos construindo é para eles suficiente para partilharem o que sentem e o que vivenciam, sendo que sentimos que os nossos conselhos são úteis e o que os escutam com atenção.

Durante esta semana propusemos às crianças e jovens construir connosco umas letras de tamanho A0, que servirão para o *Peddy Paper* que estamos a organizar no campo de férias. Estas letras são necessárias para se formarem as palavras Feliz Natal, onde as crianças que participarem no *Peddy Paper* terão que as descobrir e colocá-las no relvado.

Infelizmente, as letras eram para ter sido feitas numa gráfica, mas como o orçamento para umas letras a cores de tamanho A0 era elevado para o que o F.C.P. pretendia gastar, acabamos por solucionar a questão, sendo nós a fazer as letras e sugerindo às crianças e jovens que frequentaram o *Espaço Aberto* esta semana para colaborarem connosco na realização das letras. Contudo, importa dizer que não gostaram muito da actividade, porque exigia bastante concentração para que as letras ficassem bem desenhadas e o facto de ser relativamente “obrigatório” também não me agradou muito, porque as crianças e jovens sentiram a obrigatoriedade da actividade, o que não é habitual no *espaço aberto* e para além disso, também não queria exigir-lhes o contributo na actividade, o que se pretende é que eles/as adiram às actividades, de livre vontade e senão quiserem podem ser feitas outras actividades relacionadas com a mesma temática. Mas esta semana isto não foi possível, tivemos que pedir-lhes diversas vezes para contribuírem para a actividade ou a desenhar as letras, ou a colar ou cortar.

Na generalidade esta semana as crianças e jovens já não trouxeram trabalhos de casa para realizar, uma vez que, era a última semana de aulas. Portanto, estiveram com mais tempo livre no *espaço aberto*. Como esta semana era também a última do *espaço aberto*, antes das férias de Natal, resolvemos oferecer-lhe uma lembrança para lhes desejar Feliz Natal. Esta lembrança consistia num postal de Natal, num chocolate e um rebuçado, era algo simbólico, mas que penso que gostaram, pelo facto de nos lembrarmos de lhes dar algo. Hoje fomos também surpreendidas com dois presentes de dois meninos. Devo transmitir que fiquei muito feliz com a atitude dos pais e dos meninos, pelo facto de reconhecerem o nosso trabalho como significativo, não se trata da prenda em si, mas do gesto e do cuidado que tiveram em reconhecer o trabalho que fazemos.

Hoje reabrimos o *Espaço Aberto* e para este mês planeamos como temática a desenvolver a resolução de conflitos, pois consideramos que é uma temática importante para abordar com as crianças e jovens, e como a maioria das vezes decidem resolver os problemas que têm entre eles com alguma violência, pensamos que esta temática lhes pode incutir princípios e valores necessários para um crescimento saudável. Assim, para esta semana e como forma de introduzir a temática temos solicitado que desenhem ou pintem o que quiserem acerca do tema, dando como exemplos que eles/as nos transmitam como resolvem os problemas que têm entre colegas ou como os devem resolver. Neste primeiro dia tivemos uma jovem, a N que fez um desenho muito interessante de como se devem resolver os conflitos entre as jovens da sua idade, pensamos inclusive em usar o desenho durante a semana para servir de exemplo para as outras crianças e jovens.

Para além desta actividade, houve algumas crianças e jovens que trouxeram TPC para realizar e nós prestamos auxílio na realização dos trabalhos de casa. Mas ainda não foram muitas as crianças que tinham trabalhos de casa, uma vez que, hoje foi a primeira aula do 2º período. No que respeita ao trabalho escolar, as crianças e jovens também nos disseram os resultados que tinham tido, pois começaram a perceber que os jovens da equipa de sub-11 e sub-13 nos dizem com frequência os seus resultados e de uma forma geral, todos nos querem transmitir as suas notas.

Hoje gostaria de salientar também que o TT esteve no *Espaço Aberto*, e quando lá chegou estava a chorar, pois tinha chegado atrasado ao treino de guarda-redes e já não quis ir ao treino, queixando-se também que se sente cansado com tantos treinos durante a semana. Já não é a primeira vez que o TT afirma estar cansado para treinar tantos dias na semana e nós já por várias vezes lhe dissemos para conversar com a mãe ou para trazer a mãe até ao *Espaço Aberto* que conversaríamos com a mãe para lhe explicar. Desta vez, ao conversar com ele, ele disse-me que queria trazer a mãe ao *Espaço Aberto*, porque assim poderíamos falar os três com ela (eu, a Daniela e o TT). Eu concordei e ficou então combinado que ele traria a mãe esta semana para conversarmos. Antes de ele transmitir que queria que falássemos os três com a mãe dele coloquei-lhe a hipótese de ser o Miguel a falar com a mãe, mas ele prefere que sejamos nós, o que por

um lado me deixa bastante satisfeita, pois apesar de não gostar de o ver assim e nem querer que esteja triste por ir treinar, significa que confia em nós e isso é importante.

Quando o treino de guarda-redes terminou o professor veio ter com ele, para conversar, pois os colegas devem ter dito ao treinador que o TT estava a chorar, apesar de o professor lhe ter dito para ir ao treino seguinte, ele não quis, afirmou estar cansado e não querer. Esta é para mim uma situação preocupante, não pelo facto do TT ser muito perfeccionista e querer chegar ao treino à hora certa, mas sim, por afirmar constantemente que se encontra cansado para treinar tantos dias e revela explicar isso à mãe, mas segundo ele a mãe diz-lhe que senão treinar esses dias não treina nenhum, algo que ele também não quer. Ainda não consegui compreender bem esta insistência da encarregada de educação, daí ter também todo o interesse que vá ao *Espaço Aberto* para tentar perceber o seu ponto de vista. Mas a verdade é que na minha opinião o TT tem demonstrado ter menos motivação para jogar futebol, o que me parece um reflexo da excessiva carga horária de treinos, deixando de ser uma actividade lúdica, passando a representar uma obrigação...

Para esta semana planeamos como actividade a realização de desenhos e conversas informais sobre a temática resolução de conflitos. Apesar de as crianças e jovens afirmarem espontaneamente que resolvem os problemas que têm entre si, através da “violência”, como baterem uns nos outros, até resolverem os seus conflitos, reconhecem facilmente que essa não é a forma mais correcta. Desta forma, os desenhos que elaboram representam geralmente duas crianças ou jovens que tiveram um conflito e que o tentam resolver, através do diálogo, e das cedências entre as partes envolvidas. Portanto, pensamos que esta actividade tem atingido os objectivos propostos, na medida em que as crianças e jovens compreendem como devem solucionar os problemas com os quais se deparam, junto dos colegas e familiares.

Quanto à realização dos TPC temos constatado que os jovens das equipas de competição, principalmente da equipa de sub-13 têm demonstrado uma maior preocupação na realização dos mesmos, essencialmente, nos casos em que os jovens demonstraram resultados escolares menos satisfatórios. Contudo, o I apesar de ter começado a trazer os TPC para realizar no *Espaço Aberto*, continua a demonstrar alguma falta de concentração e desleixo na realização das tarefas que lhe são impostas na escola e demonstra também muita falta de autonomia no que deve cumprir, estando constantemente a solicitar a nossa ajuda e senão o ajudamos afirma não querer realizar os trabalhos de casa. Temos apostado em trabalhar a questão da autonomia com o I, afirmando que não pode depender assim da nossa ajuda, pois é capaz de resolver sozinho os trabalhos de casa, e para além disso, na escola e nos testes não estamos presentes, portanto, tem que se ir tornando mais autónomo, mas esta necessidade e postura que o I apresenta parece-me reflexo da insegurança que adquiriu pelo facto de ter “falhado” na escola. Para além do que acabei de referir nota-se também uma maior preocupação por parte do irmão do I, que afirmou que se ele não realizar os TPC, transmite aos pais. Desta forma, isto pode simbolizar algum tipo de constatação e conversa no seio familiar, relativamente aos resultados escolares do I.

De um modo geral tanto a equipa de sub-11, como a de sub-13 demonstra-se responsável na transmissão dos resultados escolares, e este procedimento leva a que as

outras crianças que estão no *Espaço Aberto* sintam vontade de nos dizer os resultados que têm na escola.

Nota de terreno nº 40

Semana de 11 a 15 de Janeiro de 2010

Esta semana planeamos como actividade para a abordagem ao tema resolução de conflitos, o jogo do *PeddyPaper*, decidimos repetir esta actividade, uma vez que as crianças e jovens revelam muito entusiasmo com a mesma. Assim, este *PeddyPaper* tinha como objectivos que as crianças e jovens encontrassem as letras, que estavam escondidas e com as letras construíssem palavras, relativas à temática, nomeadamente, negociação, conflito, amizade, resolver, conversar, reflectir, luta, entre outras. Desta forma, pretendemos que as crianças e jovens compreendam quais as atitudes mais indicadas a adoptar quando têm problemas ou conflitos com os colegas ou familiares.

Gostaria também de salientar que durante esta semana temos auxiliado a realização de TPC, mas sentimos que a necessidade de dedicação aos TPC, principalmente, nas equipas de competição torna a realização das actividades previstas menos frequente, ou seja, para podermos dar o apoio que as crianças e jovens nos “exigem” na realização dos trabalhos de casa, a actividade pensada para a semana fica por vezes esquecida, não sendo possível realizá-la todos os dias. De facto, pretendemos que as actividades possam ser executadas, de modo a que o espaço não perca a identidade já criada e essencialmente, porque as actividades têm objectivos educativos a atingir, no âmbito da educação não-formal. Sendo que consideramos igualmente importante a realização das actividades e dos trabalhos de casa para a formação completa das crianças e jovens. Portanto, tentamos executar ao máximo o que está previsto para cada semana, mas infelizmente, não conseguimos que todas as crianças e jovens usufruam das actividades.

Para terminar esta nota de terreno parece-me relevante salientar que o AC esteve no *Espaço Aberto* e estava a realizar os trabalhos de casa, quando o pai me veio perguntar se ele “já percebia alguma coisa da escola?” Eu expliquei que o AC reconhece as letras, mas que na minha opinião apresenta bastante dificuldade em juntá-las, demonstrando também pouco entusiasmo por realizar os trabalhos de casa. Contudo, transmiti também que não me parecia uma situação alarmante. Como o pai do AC me fez esta questão aproveitei para lhe dizer que no dia anterior o AC não quis fazer os trabalhos de casa, afirmando que preferia fazer em casa, pois tinha “a ajuda da mãe que lhe dizia as letras que devia colocar”. Quando o AC me disse isso eu expliquei-lhe que

dessa forma iria sentir dificuldades em aprender a ler, explicando o mesmo ao pai do AC, que compreendia que a mãe o fizesse, até por falta de tempo, talvez, mas que ao ajudá-lo mais do que o que devia, tem como consequência que o AC tenha dificuldades em começar a ler.

Após isto o pai afirmou que a mãe não podia fazê-lo, mas que o que importava agora é que ele iria “jogar futebol com os craques”, dando a entender que estas questões da escola não seriam preocupantes, que o mais significativo é o facto de o AC estar a jogar alguns dias da semana nas equipas de competição. Ou seja, podemos assim compreender que a valorização do futebol, em prol da educação e da aprendizagem encontra-se bastante visível no discurso do encarregado de educação, o que na minha perspectiva é bastante inquietante...

Para esta semana estava programado recebermos na terça-feira a visita de umas mestrandas de Ciências da Educação, que realizaram na Universidade Júnior actividades e jogos relacionados com a temática “Resolução de Conflitos”. Desta forma, pensamos que seria interessante e produtivo para as crianças e jovens realizarem as actividades que estas mestrandas propusessem. Contudo, não puderam estar presentes e ficou então definido que adiaríamos esta actividade para a próxima semana. Assim, pensamos dinamizar jogos que promovam a resolução de problemas e a cooperação, mas hoje não conseguimos aplicar nenhuma actividade lúdica, devido à realização dos TPC.

De facto, sentimos que tem sido crescente a necessidade de acompanhamento aos TPC, sendo que as crianças e jovens não têm tempo para antes de irem para o treino realizarem a actividade que temos planeada. É uma situação que tentamos combater, mas nem sempre conseguimos e a dificuldade em articular os trabalhos de casa com as actividades lúdicas tem sido crescente.

Gostaria também de realçar que hoje tivemos no *Espaço Aberto* o AC, que tinha trabalhos de casa para fazer, mas quando chegou, sentou-se e contou o que se tinha passado de diferente na escola, nomeadamente, que a professora de Inglês o tinha mandado calar e que ele lhe tinha dito para “ela” também se calar. De imediato lhe perguntei o que a professora lhe tinha feito depois dessa resposta, ao que ele, com 6 anos, me diz: “não fez nada, o que ia fazer... bater-me?” Como quem diz a professora não me pode bater. Realmente, em nenhuma circunstância os/as professores/as devem “bater” nos/as seus/suas alunos/as, contudo, a falta de respeito e de educação para com a professora é evidente no comportamento e atitude do AC. Dissemos-lhe então que a professora o devia ter castigado por lhe ter respondido dessa forma, e que tem que respeitar o que lhe dizem e quando o chamam a atenção. De seguida, transmiti-lhe que devia começar a realizar os trabalhos de casa, e quando o AC abriu o caderno verificamos que estava sujo e a folha onde devia fazer a cópia estava rasgada, questioneei-o acerca da apresentação do caderno, explicando-lhe que o caderno estava muito feio e que assim não se percebia o que ele escrevia, o AC tentou justificar-se com “a professora não se importa”, mas eu disse-lhe que eu me importava e que não queria ver os cadernos dele naquele estado, e que inclusive se ele não fosse mais organizado e aplicado que não podia continuar a poder jogar futebol. E o AC disse-me

imediatamente: “é... eu vou ser jogador de futebol”, ao que lhe expliquei para o “assustar” um bocadinho que senão fosse bom aluno na escola não poderia ser jogador de futebol.

Compreendi que ficou preocupado se realmente seria verdade o que estava a dizer-lhe ou não, mas logo de seguida, tive outras crianças e jovens que me ajudaram, nomeadamente, o D deu-lhe o exemplo que já fomos à escola dele, para saber se tinha boas notas ou não e passado pouco tempo chegou a N que disse ao AC que tinha que fazer uma letra mais bonita e ter mais cuidado com o caderno para poder continuar a jogar futebol. Com este contributo dos colegas o AC ficou mais pensativo e não se distraiu tanto como é habitual ao realizar os trabalhos de casa, portanto, o exemplo das outras crianças foi positivo para o AC.

Quando chegou o MF e viu que os colegas da equipa estavam a realizar os trabalhos de casa disse-nos que o director de turma dele lhe tinha dito que nos ia telefonar para nos avisar que ele nem sempre realiza os TPC, e nós perguntamos-lhe qual o motivo para ele nem sempre realizar os TPC, até porque quando fomos à escola, o director de turma transmitiu-nos que o MF é muito aplicado. Então o MF revelou que os pais estão desempregados e que ele não tem os livros de actividades das disciplinas e quando os trabalhos de casa são dos livros de actividades ele não pode fazê-los. Nós afirmamos que iríamos tentar resolver esta situação, e para ele não se preocupar com isso, que falaríamos com o director de turma. Para além disso, perguntei-lhe se ele poderia trazer os livros de actividades emprestados de algum colega, para nós fotocopiarmos e ele já ficaria com os exercícios. Ele disse que ia pedir a um colega que lhe emprestasse os livros. Esta é uma situação delicada e constrangedora, até porque o MF revelou a situação com preocupação e angústia, mas tudo faremos para o ajudar a resolver este problema.

Nota de terreno nº 43

26 e 27 de Janeiro de 2010

No dia 26 a Daniela conversou com o Miguel Lopes para o informar da situação do MF, sendo que o Miguel concordou com a ideia de fotocopiarmos os livros de actividades no *Dragon Force*, tendo-nos aconselhado também a conversar com o encarregado de educação, para compreendermos melhor o que se passa e para saber se tinha conhecimento que o director de turma já tinha referido que entraria em contacto connosco. Para além disso, informou-se o MF e o encarregado de educação que tiraríamos as fotocópias aos livros de actividades necessários, sendo que o MF já trouxe hoje alguns dos livros de exercícios.

Tanto no dia 26, como no dia 27 não conseguimos realizar qualquer jogo, relativo ao tema que temos vindo a explorar, pois as crianças e jovens trazem muitos trabalhos de casa e ocupam o tempo no *Espaço Aberto* com a realização dos mesmos. Assim, temos prestado apoio ao B e ao M essencialmente à disciplina de Matemática, contudo como um dos jovens frequenta o 6º e o outro jovem o 7º ano nem sempre conseguimos esclarecer-lhes todas as dúvidas, pois nem sempre os livros e os cadernos têm as matérias completamente exploradas e explicadas. Inclusivamente o M estava com uma dúvida que não lhe consegui explicar, pois essa matéria quase não constava no livro nem no caderno, sendo que o M nos disse que faltou à aula de semana passada de Matemática, porque esteve doente e pediu à professora para lhe explicar uma outra matéria que estão a dar, mas a professora disse-lhe que não tinha nada que lhe explicar, por ele ter faltado, e o M também transmitiu à professora que não tinha culpa de ter faltado. Penso que de facto, a professora devia ter sido mais cuidadosa e ter tentado explicar ao M a matéria que começou a dar, enquanto este faltou, pois com este tipo de atitude torna-se mais difícil os/as alunos/as terem sucesso escolar, levando no meu ponto de vista à desmotivação dos/as jovens pela escola. Não deveria ser o papel dos/as professores/as motivar os/as seus/suas alunos/as para o sucesso escolar?! Com estes procedimentos parece um objectivo cada vez mais longínquo...

No que respeita ao DS ontem demos-lhe apoio ao estudo, pois vai ter teste de Português esta semana, e está bastante empenhado em ter um resultado positivo, sendo que nos informou que já recebeu o teste de História e subiu a nota, teve negativa no 1º período, mas neste primeiro teste do 2º período já teve 60%, dei-lhe os parabéns e incentivei-o a continuar empenhado para obter bons resultados.

Nota de terreno nº 44

Semana de 1 a 5 de Fevereiro de 2010

Nesta semana para terça-feira convidamos três jovens que estão a frequentar o mestrado em Ciências da Educação e que participam na Universidade Júnior, dinamizando actividades respeitantes à resolução de conflitos e ao relacionamento entre os/as jovens. Assim, como actividades as mestrandas proporcionaram aos jovens realizar o jogo da cadeira, em que há sempre menos uma cadeira, comparativamente com o número de jogadores, o objectivo é que quando a música pare todos/as eles/as se entendam e relacionem de forma a sentarem-se todos, não excluindo nenhum jovem. Houve também uma actividade chamada “cócegas” que serviu para que os jovens ficassem mais à vontade e mais descontraídos. Nesta actividade os jovens formam duplas, colocando-se um à frente e outro atrás a segurá-lo pela cintura; alguns ficam sem par e têm que fazer cócegas ao detrás para que este o solte e fique no seu lugar. Para além deste jogo, apresentaram um outro em que colavam “post-its” na testa dos jovens, sendo que estes não podiam dizer o que o outro tinha escrito na testa, mas sim dar pistas para que adivinhassem, neste jogo os jovens também se divertiram muito. As mestrandas realizaram também um jogo de confiança, em que os jovens se tinham que deixar cair nos braços uns dos outros, neste, o objectivo era despoletar a confiança entre eles. Os jovens foram incentivados a construir uma cartolina, com a nossa colaboração, na cartolina desenhavam-se mãos e em cada mão colocava-se uma palavra ou uma frase, com valores que consideram importantes. As mestrandas convidaram os jovens a participarem num outro jogo, neste jogo existiam vários cartões, em cada cartão estava uma tarefa que os jovens tinham cumprir, como por exemplo, estar em silêncio, gritar, cantar, sussurrar.

De uma forma geral, os jovens demonstraram muito interesse e entusiasmo por todas as actividades propostas, apesar de no início estarem um pouco envergonhados e não se estarem a envolver muito, conforme foram chegando mais colegas foram participando com mais entusiasmo e intensidade nos jogos sugeridos pelas mestrandas. E considero que a actividade das cócegas os ajudou a sentirem-se mais à vontade para colaborarem nas restantes actividades. Este foi um dia muito divertido para as crianças e jovens, construtivo e pedagógico, no que respeita à temática resolução de conflitos e mesmo para a partilha de actividades e ideias entre as crianças e jovens.

Em consequência desta actividade não se realizaram muitos trabalhos de casa, pois as crianças e jovens preferiam participar nas actividades e como era um dia “diferente” também nos pareceu essencial que essa participação existisse. Contudo, havia jovens que tinham testes no dia seguinte, nomeadamente, o MT tinha teste de história e estava muito preocupado, pois ainda não tinha estudado toda a matéria. Mesmo com música e com mais barulho do que o normal dentro do espaço, o MT conseguiu concentrar-se e efectuar os resumos para o teste. De facto, ele demonstra ser muito responsável e dedicado, pois quando se aproximou a hora do treino e ele ainda não tinha conseguido terminar os resumos, pediu-me para o ajudar, elaborando as perguntas e se possível as respostas, para que quando chegasse a casa ainda pudesse estudar. Eu afirmei que lhe faria isso, porque realmente o MT demonstra um esforço extraordinário em conciliar o bom desempenho escolar com a actividade de futebol, sendo que ele chega tarde a casa, quando tem treinos.

No dia 5 (sexta-feira) a certa altura tínhamos no *espaço aberto* só os jovens da equipa de sub-13 e um jovem da equipa de sub-11, desta forma, pareceu-nos pertinente conversar informalmente com eles acerca da escola, dos testes que têm tido, assim como dos resultados e do comportamento escolar, ou seja, de como têm sido os seus relacionamentos com os colegas e com os/as professores/as, sendo que a maioria deles demonstra não gostar dos/as professores/as ou pelo menos, de alguns, contudo, é uma situação normal e habitual nestas faixas etárias. Para além disso, não havia nada de problemático a anotar, os resultados escolares têm melhorado nalguns casos, pode haver um ou outro que desceu alguns pontos, comparativamente com o 1º período, também há situações em que os resultados escolares não têm apresentado melhorias significativas e seria importante que isso acontecesse, pois são resultados insuficientes.

Para finalizar gostaria de transmitir que esta semana houve novamente pouca possibilidade de desenvolver as actividades previstas com as crianças e jovens, devido aos trabalhos de casa e ao estudo para os testes. A terça-feira foi de facto o dia em que se desenvolveram realmente as actividades e praticamente todos participaram, nos restantes dias optamos por conversas e trocas de ideias com as crianças e jovens, uma vez que, não demonstraram muita disponibilidade para a realização das actividades, o que me parece uma perda importante para os valores que defendemos.

Nota de terreno nº 45

Semana de 8 a 12 de Fevereiro de 2010

Esta semana começamos a abordar o tema da sexualidade, e como esta é a semana que antecede o dia dos namorados pensamos que seria interessante para as crianças e jovens realizarem desenhos, pinturas ou recortes para o caso de quererem oferecer aos/às seus/suas “namorados/as”, eles/as têm gostado bastante das actividades, até porque através destas conversarmos sobre os relacionamentos. Este tipo de conversa agrada sobretudo aos jovens da equipa de sub-13 que já demonstram alguns conhecimentos sobre sexualidade, por vezes conhecimentos “embaraçosos”, pois não queremos uma abordagem simplista das questões biológicas, nem queremos explicá-lhes “demasiado” para acautelarmos que não fazem experiências, por já estarem muito esclarecidos. De facto, este não é um tema de fácil abordagem, no entanto, é um tema que nos parece fundamental, uma vez que, queremos formar estes jovens para a cidadania e para os relacionamentos com os outros.

Assim, durante esta semana temos conversado sobre as experiências que eles já tiveram, nomeadamente, o M disse-nos que no outro dia teve um trabalho de grupo em casa da namorada e que enquanto os colegas faziam o trabalho, eles foram para o quarto, ao que nós questionamos o que tinham feito eles no quarto, sendo que nos afirmou assertivamente que estiveram a conversar. Pouco depois, revelou também que pensa ser muito novo para o “truca-truca”, e devo revelar que acredito que pense realmente assim, o que me questiono é que já tendo este tipo de conhecimentos até quando pensará desta forma?! Logo de seguida, o B revelou que é nojento “fazer”, mas que gosta de ver... Optamos por não comentar, mantendo o tema, mas não abordando tão directamente a questão, pois pensamos que ao abordar pode estar a desencadear-se uma maior curiosidade, para além disso, temos também crianças mais novas e não queremos que se apercebam deste tipo de conversa. Tivemos também o MB que tem 9 anos e perguntou: “como se beija?”, nós pedimos aos colegas mais velhos para lhe explicar, sendo que estes brincaram com a situação, como é normal, mas foram explicando o que sabem sobre “o beijo”.

Para além destas actividades temos prestado apoio na realização dos trabalhos de casa, assim como os jovens das equipas de competição têm a preocupação de nos dizer os resultados que têm obtido nos testes.

Importa salientar que na quarta-feira os jovens da equipa de sub-13 estavam bastante “excitados” com o tema deste mês e ficaram desobedientes, enquanto tentávamos que realizassem os trabalhos de casa ou a actividade.

O B ficou triste comigo, porque eu acabei por ser injusta com ele, pois chamei-o a atenção por uma brincadeira que ele já tinha feito e quando o voltei a chamar a atenção pela segunda vez já não tinha sido ele a fazer, mas sim o M. Então o B ficou revoltado, mudou de mesa, e eu pensei que tinha ficado amuado e que passaria rapidamente, contudo, passado pouco tempo o C disse-me que o B estava a chorar.

Inicialmente, pensei que estariam a brincar, mas fui confirmar e de facto, vi que ele estava a chorar, fiquei com “peso de consciência” e expliquei-lhe que se o tinha chamado a atenção novamente foi pelo facto dele já ter feito aquela brincadeira uma primeira vez, mas ele revelou que eu estava a ser injusta, porque daquela vez não tinha sido ele, eu pedi-lhe desculpa e disse-lhe que não o queria ver assim triste e que tinha errado, mas mesmo assim, ele disse que não importava e que “as coisas” não passavam assim. Já tínhamos constatado antes que o B é muito orgulhoso e nesta situação foi também possível compreender esta característica da sua personalidade. Percebi que seria importante conversar um pouco mais com ele e explicar-lhe que não foi por mal que o chamei a atenção ou por pensar que é sempre ele o culpado, mas somente pelo facto dele ter feito aquela brincadeira uma vez e aproveitei para lhe explicar também que os mais crescidos também erram e que o importante é desculparmos esses erros. Dei-lhe um beijinho na cara, e fiz-lhe “carinhos” no cabelo, mas ele continuou irredutível, e portanto, pensei que o mais adequado seria deixá-lo um pouco sozinho, mais para o final da tarde já estava melhor e foi embora a conversar comigo, o que me deixou mais tranquila, pois não gostei mesmo nada da sensação de ter sido injusta com alguém...

Ainda neste dia é de referir que pela primeira vez coloquei um jovem fora do *espaço aberto*, o DS, pois estava completamente distraído, e distraía os colegas também, não se concentrava no estudo e tinha teste no dia seguinte. Já o tinha chamado a atenção por diversas vezes, a certa altura, quando já nos tinha desobedecido mais vezes, disse-lhe que não se ia voltar a sentar, mas que ia lá fora procurar pelo Miguel (treinador) e explicar-lhe que o mandei ir ter com ele, porque se estava a portar mal, e

quando estivesse em condições voltaria para o espaço. Ele pensou que eu não estava a falar a sério e ia sentar-se e eu disse-lhe que ele não se sentaria, mas que iria fazer o que lhe estava a dizer. Então o DS assim o fez e passado algum tempo voltou ao espaço, sendo que, esta decisão mais radical resultou, pois até ir para o treino comportou-se muito melhor e acabou por me dizer que não sabia nada para o teste que teria no dia seguinte, o que é bastante preocupante, pois o DS teve bastantes resultados negativos no 1º período, aproveitei para lhe dizer que ele se devia ter concentrado melhor e que senão melhorar os resultados sabe o que vai acontecer... Não gosto de adoptar esta postura mais autoritária, mas naquele espaço também têm que existir regras e senão as lembrarmos quando os jovens abusam começamos a perder o controlo do espaço e da relação estabelecida com eles.

O DS é um jovem que já apresentou algumas vezes comportamentos desobedientes e de conflito na escola para com os/as colegas. Ainda na semana passada ficamos a saber que se tinha envolvido num conflito com um colega, por causa da namorada e ex-namorada e acabou por ter que ir ao conselho executivo da escola, pois teve um comportamento violento para com outro colega da escola. Tendo em consideração os seus resultados escolares, estes comportamentos não o ajudam a sentir um maior entusiasmo pela escola, nem a obter sucesso escolar...

Na sexta-feira foi um dia mais livre, em que as crianças e jovens trouxeram brincadeiras de Carnaval e como vão estar alguns dias de férias não quiseram realizar trabalhos de casa, nós também pensamos que lhes faria bem descontraír e desfrutar do *espaço aberto*, enquanto espaço livre, portanto, estivemos a conversar com eles, a ajudar os jovens que queriam realizar desenhos ou pinturas sobre o dia dos namorados e a explorar com eles/as as brincadeiras de Carnaval.

Nota de terreno nº 47

Semana de 22 a 26 de Fevereiro de 2010

Esta semana planeamos como actividade a realização de um *Peddy-Paper*, onde o tema é a violência no namoro, encaixando na temática da sexualidade. Para a execução do jogo pensamos em palavras e frases significativas sobre este tema, assim os jovens têm que construir as palavras e/ou frases e posteriormente, colar numa cartolina ou em papel de cenário. Estas palavras e frases revelam atitudes que devem ter nas relações de afectividade, a importância de respeitar o/a outro/, as suas opiniões e gostos, a partilha, amor, cuidado, a violência como algo negativo e prejudicial nas relações, entre outras.

A parte que os jovens mais gostam é da procura das palavras e/ou frases, na construção por vezes já se dispersam um pouco, mas a partir do jogo consegue discutir-se questões referentes à temática. Os mais novos também têm estado envolvidos na actividade ou realizam desenhos livres.

Na quarta-feira tivemos também conhecimento de uma situação que nos deixou preocupadas e alarmadas, sendo que, já a remetemos para o Miguel, pois é importante que saiba para agir enquanto treinador e amigo. O DS chegou ao *Espaço Aberto* com um ar preocupado e de que queria contar alguma coisa, mas não sabia como, então questionamo-lo se precisava de alguma coisa e o que se passava e ele acabou por nos confessar que tem um grupo de 7 amigos/as, onde o mais velho tem 14 anos e o mais novo/a 11, que iriam para uma instituição e que fugiram para não terem que ir, e parece que só ele sabe onde estão. Entretanto, o DS já foi contactado duas vezes pela Polícia para responder se sabia onde se encontram os/as amigos/as, mas o DS mentiu e disse que não sabia de nada. Neste momento, segundo o DS os/as amigos/as estão em Badajoz, onde se vão encontrar com uma pessoa mais velha, pensa ele, com sensivelmente 17 anos. Na inocência própria da idade do DS eles/as estarão bem com essa pessoa e como fiel amigo não quer revelar onde estão à Polícia, nem sequer contar esta situação aos pais. Nós aconselhámo-lo que esta é uma situação complicada, e que ele como adolescente já deve saber que isto pode ter consequências e que o ideal para ajudar os/as amigos/as seria revelar onde estão, pois essa é a melhor ajuda que lhes pode dar. Mas ele só afirmava que é o único que sabe e se disser onde estão que eles/as

ficarão a saber que foi ele que disse, explicamos-lhe que não seria assim, que ele diria no anonimato e dissemos-lhe para pensar bem em falar com os pais. O DS é um jovem que pode ficar “desencaminhado” com alguma facilidade, e que na tentativa de ser um bom e fiel amigo se prejudica, tendo comportamentos sociais desadequados... Apesar de ele poder perder “alguma” confiança em nós, por termos revelado esta situação ao Miguel, não poderíamos deixar de fazê-lo, pois sentimos que o Miguel o poderá ajudar e sendo um exemplo para ele, os conselhos que o Miguel lhe possa dar serão certamente ouvidos pelo DS, pois o treinador é visto por estes jovens como um ídolo. Para além disso, esta é uma situação realmente grave, que envolve forças policiais, assim como o bem-estar e a segurança de jovens e portanto, não poderíamos deixar de avisar o coordenador técnico do *Dragon Force*. Encontro-me realmente preocupada com o DS, pois é um jovem que se “perde” e se deixa influenciar com facilidade, para além de que isto o está a preocupar, tirando-lhe a concentração que precisa para a escola, de forma a poder melhorar os resultados escolares, dando-lhe também uma “experiência de vida”, que não me parece nada desejável para um adolescente de 12 anos...

Ainda na 4ª feira a SS confidenciou-nos o que um colega na escola lhe tinha oferecido, dizendo-nos que ele tinha confessado que gostava dela, ficamos surpreendidas positivamente, por nos ter revelado o que um colega lhe tinha oferecido e o modo como se tinha dedicado a ela.

Já na 6ª feira o DS confessou que alguns dos colegas tinham aparecido no bairro, e que só faltavam dois, mas o DS disse que já nem estava a falar com eles, e que se eles o voltassem a contactar que contaria à mãe. Tentei sensibilizar o DS ao máximo para confidenciar esta situação à mãe, explicando-lhe que é jovem e que é uma responsabilidade muito grande para ele, e que a mãe é a pessoa que melhor o poderá ajudar nesta situação. O DS tanto me transmitia que contaria à mãe, como me dizia que se o voltassem a contar que aí confidenciaria à mãe. Compreendi que o DS se encontra preocupado com a situação, mas ao mesmo tempo não quer “trair” a confiança dos amigos, que confiaram nele.

Para finalizar importa ainda realçar que conversei com o B sobre os aspectos que a directora de turma dele me realçou como sendo os mais negativos, nomeadamente, o facto de não levar materiais necessários para as aulas. Ele transmitiu-me que desde que tem os materiais que os tem levado sempre para a escola, pedi-lhe para não se esquecer dos materiais que os professores pedem, sempre que os tenha em casa. Para além disso, considerei importante realçar que o comportamento dele tem melhorado, ao que me

respondeu: “que é uma seca comportar-se bem”. Contudo, disse-lhe que é assim que tem que continuar para poder recuperar os resultados escolares do 1º período, ao que o B me disse: “mas eu sou burro, já não sabes?” Eu disse-lhe o mesmo que já lhe tinha dito anteriormente, “que não quero ouvir isso, pois não é verdade, que tem muitas capacidades e tem que acreditar nisso”. Mas fiquei na dúvida se o B me disse isso, só para ver a minha reacção, pois sorriu quando disse, “mas eu sou burro, já não sabes?” Portanto, pode tê-lo dito para ver qual a minha atitude, no entanto, e infelizmente, o B tem pouca confiança nas suas capacidades e conhecimentos, temos compreendido isto mesmo através da realização dos TPC.

Nota de terreno nº 48

Semana de 1 a 5 de Março de 2010

Esta semana iniciamos a temática da educação ambiental, sendo que as crianças e jovens realizaram cartazes sobre a protecção ambiental e sobre as questões que consideraram mais significativas relativas ao ambiente. Nos dois cartazes que elaboraram e que já estão colocados no *Espaço Aberto* as crianças e jovens recortaram imagens para colar nas cartolinas, relativas à protecção ambiental e elaboraram pinturas.

As crianças até aos 7, 8 anos na generalidade preferem pintar desenhos relacionados com o tema ou desenhar o que pensam acerca do ambiente.

Para além destas actividades as crianças e jovens realizaram os TPC, com regularidade, sendo que alguns demonstram a preocupação de só realizar a actividade quando terminam os TPC, enquanto os mais crescidos de uma forma geral preferem fazer as actividades que propomos e deixar os TPC para mais tarde.

Nota de terreno nº 49

Semana de 8 a 12 de Março de 2010

Para esta semana planeamos realizar um *Peddy Paper*, onde o tema é a educação ambiental, mais concretamente a separação do lixo, pois percebemos que as crianças e jovens revelavam interesse pela questão da divisão do lixo, e portanto, aliamos um jogo do qual gostam muito, com esta actividade. Assim, imprimimos imagens e recolhemos embalagens, papéis, vidros e lixo orgânico, levando um saco de cor amarelo, um verde, um azul e um preto, de forma a criar-se um “ecoponto”. Com estes materiais optamos por esconder em envelopes as imagens que se tinham impresso e após as crianças e jovens efectuarem a primeira parte do *Peddy Paper*, que é descobrir onde estão os envelopes, pegavam nas imagens e colocavam nos sacos correspondentes, sendo que, fizemos o mesmo com as embalagens, papéis, vidros e lixo orgânico. Apesar de este ter sido um “ecoponto” improvisado as crianças e jovens divertiram-se muito com esta actividade, pois revelou-se muito prática.

Para além desta actividade as crianças e jovens que o desejaram puderam desenhar ou pintar desenhos, relacionados com o ambiente.

Pela primeira vez optamos por iniciar, em alguns dias, a actividade antes da realização dos trabalhos de casa, para que desta forma tentemos incutir que aquele espaço não é uma sala de estudo, mas sim, um local com objectivos educativos, e com actividades pedagógicas para atingir determinados fins. Contudo, algumas crianças são as primeiras a afirmar que em primeiro lugar têm de realizar os TPC e só depois efectuar a actividade. No entanto, houve outras crianças e jovens que começaram por fazer a actividade planeada, sendo que este é um objectivo que está pensado desde a criação deste espaço, mas que se tem revelado difícil de implementar.

Um dia desta semana estive no *Espaço Aberto* a mãe do A e nessa mesma altura estava também connosco a *amiga colorida* do A, sendo que a mãe comentou que o A não lhe conta nada sobre “as namoradas” e que tinha uma pulseira que pensava que tinha sido oferecida por uma “amiga especial”. Quando a *amiga colorida* foi embora nós comentamos com a mãe do A que nos parece que aquela menina que estava no espaço é uma “amiga especial” para o A, sendo que o comentamos a título informal e pelo simples facto de a mãe ter-nos contado da pulseira, sem saber que aquela menina

pode ser a *amiga colorida*. Mas a mãe do A demonstrou não gostar que estivessem naquele espaço, crianças ou jovens exteriores ao *Dragon Force*, e que inclusive, os desconcentrava do trabalho que têm a realizar. Nós explicamos, mais uma vez, que aquele não é um espaço formal de aprendizagem, nem desejamos que seja, pois é importante que as crianças e jovens se possam divertir, fazendo as actividades e estando com os/as amigos/as que gostem a conviver e a conversar, e que para além disso, se eles quisessem estar com “as namoradas” fora do *Dragon Force* era perfeitamente possível, e que nos parecia mais apropriado estarem no *Espaço Aberto*, pois também é uma forma de terem mais confiança connosco e de os podermos ir aconselhando e ajudando no que necessitam. A mãe do A não contrapôs a nossa posição, mas percebemos que não gostou da situação, no entanto, os pais têm que compreender que aquele é o *Espaço Aberto* e não uma sala de estudo.

Importa também referir que num dos dias desta semana tivemos a visita do Dr. Urgel ao *Espaço Aberto*, esta visita tinha como objectivo apresentar a Escola de Futebol *Dragon Force* a elementos externos. Quando se dirigiram ao *Espaço Aberto*, o Dr. Urgel começou por explicar que naquele espaço as crianças e jovens realizavam os trabalhos de casa. Após esta explicação foi-nos dada a palavra para apresentarmos mais exhaustivamente o espaço, sendo que, aproveitei para transmitir que naquele local para além da realização dos trabalhos de casa, se desenvolvem actividades, com objectivos educativos e que em consequência disso, todos os meses temos uma temática diferente, e actividades para a concretizar, passando de seguida a palavra à Daniela para nomear alguns dos temas já desenvolvidos, assim como actividades.

Para terminar devo ainda salientar que o Ricardo Ramos veio conversar connosco para nos transmitir que uma das vezes que houve uma reunião na sala, alguém tirou uma fotografia à parte de cima do armário e enviou para a Direcção, pois o armário estava muito desarrumado. A Daniela explicou ao Ricardo que os trabalhos não estão desarrumados em cima do armário, mas que estes são colocados lá, por outras pessoas que não nós, quando existem reuniões, das quais não temos conhecimento. Na minha perspectiva esta “implicação” ou “chamada de atenção” neste momento pode ser um motivo, uma justificação para nos colocar “defeitos”, pois essa desarrumação não foi criada por nós, para além de que se se pretende um espaço agradável para as crianças e jovens não se pode querer que esse mesmo espaço não tenha trabalhos realizados pelas crianças e jovens, pois é uma forma de se identificarem com o local e deste se tornar

mais colorido e divertido. É necessário definir se se pretende um espaço para as crianças e jovens desfrutarem ou se o pretendido é fazer daquela sala, uma “sala multiusos”.

Nota de terreno nº 50

Semana de 15 a 19 de Março de 2010

Esta semana desenvolvemos como actividade a realização de lembranças, como postais ou desenhos para oferecerem no Dia do Pai. De uma forma geral, as crianças e jovens aderiram à actividade, tendo inclusive realizado postais e desenhos muito interessantes para darem ao Pai. Tivemos um menino, o MS que fez um desenho para o pai, e quando o pai se estava a aproximar do *Espaço Aberto*, ele ficou muito preocupado, porque não queria que o pai visse o que ele lhe estava a desenhar, sendo que se divertiu com este “segredo” que tinha connosco. Quando as crianças ou jovens não queriam desenvolver lembranças para oferecer ao Pai, apresentávamos-lhe como hipótese fazerem um desenho ou um postal sobre o que quisessem.

Inicialmente tínhamos previsto que as crianças e jovens realizassem esta actividade com o Pai, pois era uma forma de partilharem ideias e opiniões com os respectivos pais, mas esta acabou por não se efectuar, uma vez que, muitas das vezes não são os pais que levam os filhos ao treino ou mesmo porque algumas crianças ou jovens preferiram fazer a lembrança sozinhas, com a nossa ajuda, de modo a ser surpresa no Dia do Pai.

Esta semana optamos por começar por fazer a actividade e só posteriormente, passar para a realização dos TPC, mas algumas crianças e jovens dizem-nos que querem primeiro fazer os TPC e só depois fazer a actividade, pois já têm interiorizado, por parte dos adultos, que no *Espaço Aberto* se fazem os TPC e depois, se houver tempo, fazem-se as actividades, estamos ainda a combater esta ideia, pois não é este o objectivo do *Espaço Aberto*. Contudo, esta é a ideia que algumas crianças e jovens trazem de casa. Daí termos optado por começar pela actividade com as crianças e jovens que assim o desejam, nada é imposto no *Espaço Aberto*.